





## Educação Sexual em Rede



Nº 5 ABRIL - SETEMBRO 2009

-  A Educação Sexual dos Jovens Portugueses  
– conhecimentos e fontes
-  Gabinetes de Apoio ao Aluno  
– o exemplo do Externato Cooperativo da Benedita
-  Actividades para trabalho com alunos do  
2º Ciclo do Ensino Básico
-  Recursos nesta edição  
– Jogos que ensinam e divertem!

# Educação Sexual em Rede

**Director**

Duarte Vilar

**Director Adjunto**

Eugénia Lemos

**Coordenadora**

Elisa Guerreiro

**Conselho Editorial**

Adelaide Brito  
António Filhó  
Eduarda Meneses  
Fátima Forreta  
Fernanda Branco  
Gabriela Moita  
Helena Camacho  
Isabel Carreira  
Ivone Félix  
Jesuína Pereira  
Manuela Sampaio  
Mílíce Ribeiro  
Otilia Roque

**Redacção**

António Manuel Marques  
Duarte Vilar  
Elisabete Carriço  
Elisabete Souto

**Propriedade**

APF – Associação para o Planeamento da Família

**Redacção e Sede**

Rua Artilharia Um, 38 – 2º Dto. – 1250-040 Lisboa  
Tel.: 21 385 39 93 – Fax: 21 388 73 79  
E-mail: apfsede@apf.pt

**Projecto Gráfico**

Salomé Lage  
riskideia@clix.pt

**Desenvolvimento e Paginação**

Alfaprint, Lda.  
geral@alfaprint.pt

**Impressão**

Alfaprint, Lda

**Tiragem**

4000 exemplares

**Depósito Legal**

232890/05

**Registo**

124708

**ISSN**

1646-1541

**Fotografia da Capa:**

**Mariana Lopes, Joana Silva, Carolina Tereso, Carina Dias e Mariana Pedro**

Alunas do 7º ano do Externato Cooperativo da Benedita e elementos do grupo de Educação pelos Pares "Agarra-te à Vida" do Gabinete de Apoio ao Aluno "Espaço de Atendimento a Jovens na Escola"

**Preço de Capa**

€ 4.00

**Assinatura Anual Individual**

€ 10.00

**Sócios APF e Membros da REDES**

€ 8.00

**Escolas e Instituições**

€ 15.00

## Sumário

■ N° 5 Abril - Setembro 2009 ■

### Editorial

- 1 Editorial - *Duarte Vilar*

### Reflexão e Debate

- 2 A Educação Sexual dos Jovens Portugueses – conhecimentos e fontes - *Duarte Vilar, Pedro Moura Ferreira*
- 5 Parte A - Caracterização da amostra
- 9 Parte B - Conhecimentos sobre sexualidade
- 23 Parte C - Fontes de educação sobre sexualidade
- 29 Parte D - As relações afectivas e o início das relações sexuais nos jovens
- 41 Parte E - Relações afectivas e sexuais: a situação actual
- 48 Parte F - Serviços

### Por estas Bandas

■ PROJECTOS EM CURSO ■

- 54 Gabinetes de Apoio ao Aluno  
O que acontece por essas bandas...

### Testemunhos

- 61 A Experiência de Fernanda Branco

### Trabalhando Temas

- 63 Anatomia e Fisiologia
- 64 Concepção, Gravidez e Parto

### Recursos

- 65 Jogo "Esta cena dava um filme"
- 66 Portal de Saúde Sexual e Reprodutiva
- 67 Jogo de Cartas "Eu Cresço"
- 68 Puzzle "Quem sou eu?" Os afectos e a sexualidade

# Editorial

**Duarte Vilar**

■ Director ■

Este número é dedicado quase exclusivamente à apresentação dos resultados do estudo “Educação Sexual dos Jovens Portugueses: Conhecimentos e Fontes” que foi realizado em 2008, numa parceria da APF e do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, um dos mais prestigiados centros de investigação em Ciências Sociais no país.

Este estudo é pioneiro. Nunca antes se tinha realizado um estudo tão vasto (abrangeu 2621 jovens de 63 escolas secundárias de todo o país), em que se procura conhecer com rigor a qualidade, os limites, os pontos fortes e os pontos fracos da educação sexual dos jovens portugueses, o papel que nela têm as escolas e outros agentes de socialização, e o impacto que uma melhor ou pior qualidade de educação sexual tem nos comportamentos sexuais e preventivos dos jovens. Mais uma vez, preferimos estudar e não só opinar. Conhecer e não só supor. Pensar com base em evidências ou provas, e não só em crenças mais ou menos fundadas nos valores e experiências pessoais.

Este estudo é agora publicado, pouco tempo depois da Assembleia da República ter aprovado nova e importante legislação sobre a educação sexual nas escolas. Ele dá-nos, por um lado, uma fotografia aproximada das mudanças havidas nos últimos anos no que toca ao envolvimento das escolas e dos professores na promoção da educação sexual. Algo mudou quando, por exemplo, a maioria dos jovens nos dizem ter abordado muitos temas de educação sexual ao longo do 3º

ciclo, e uma percentagem dos jovens ainda significativa (mas minoritária) referir ter abordado estes temas no Ensino Secundário. Mas ao mesmo tempo, assim como revela as mudanças, este estudo destaca também as fragilidades e os limites da educação sexual nas escolas. Se em temas gerais de sexualidade, os jovens demonstram alguma qualidade nos seus conhecimentos, já sobre o uso de contraceptivos ou sobre as infeções sexualmente transmissíveis (temas que fazem parte dos currículos das disciplinas de Ciências da Natureza e Biologia) os jovens revelam saber pouco. O que, com o que referimos nas conclusões do estudo, levanta a questão da qualidade das abordagens que são feitas, ou da inexistência de uma “consistência pedagógica” na educação sexual, em que os temas são abordados de forma irregular, caindo depois e facilmente no esquecimento.

Por fim, o estudo revelou que a educação sexual é benéfica, que não produz maior precocidade, e que melhores conhecimentos se relacionam com maiores comportamentos preventivos, maior recurso a profissionais e vivências mais positivas da sexualidade.

Esperemos assim que com a nova lei, as escolas, os professores, o sistema educativo, não só se envolvam mais e de forma mais consistente na promoção da educação sexual, mas também possam encontrar formas de avaliar e de reflectir sobre o que se vai fazendo neste domínio em especial e, tal como neste estudo, ouvir os seus principais destinatários, ou seja, os jovens.



# A educação sexual dos jovens portugueses - conhecimentos e fontes

**Duarte Vilar** ■ Sociólogo, Director Executivo da APF, Investigador da CLISSIS ■

**Pedro Moura Ferreira** ■ Sociólogo, Investigador do ICS - UL ■

Redacção do Relatório

**Sara Duarte** ■ Socióloga, Centro de Formação APF ■

## INTRODUÇÃO

### JUSTIFICAÇÃO

Nas últimas décadas, os jovens portugueses cresceram num contexto de mudanças profundas em termos da sua socialização sexual, ou seja, do conjunto de aprendizagens formais e informais sobre as questões relativas à sexualidade.

Em primeiro lugar, o panorama moral no tocante à sexualidade mudou. Diversos autores têm descrito um processo de mudanças no sentido de uma maior valorização social da sexualidade e do erotismo, de uma maior permissividade em relação às expressões e comportamentos sexuais, nomeadamente na maior aceitação da sexualidade juvenil, sobretudo da sexualidade das raparigas, e da homossexualidade.

Estas mudanças, se bem que ocorrendo de forma lenta ao longo de todo o Século XX, foram particularmente acentuadas a partir da década de 60.

Em segundo lugar, o impacto da informação via *mass media* não parou de crescer, nomeadamente através da televisão, das revistas de grande circulação e, a partir de meados da década de 90, da internet e da comunicação digital. Os *mass media* divulgam de forma extraordinariamente

veloz novas ideias, mensagens e valores e, aqueles que se destinam especificamente a públicos jovens, integraram crescentemente temas de natureza sexual.

Por outro lado, as próprias famílias, e num processo de mudança e reflexividade social, deixaram de poder “não falar” de temas de natureza sexual. Pais e filhos são confrontados, na cena familiar, com as mensagens sobre sexualidade que outros actores (*mass media*, amigos) transportam para este contexto de comunicação e, assim sendo, podemos supor que se alteraram também os contextos de socialização familiar.

Paralelamente, o Estado integrou a sexualidade nas suas políticas de saúde, de educação e de juventude pressionado por problemas emergentes relacionados com esta esfera, dos quais o mais proeminente foi, sem dúvida, a SIDA (mais até do que a gravidez na adolescência). Mais frequentemente, os jovens puderam aceder a acções de informação/educação realizadas por profissionais, seja no contexto da sala de aula, seja noutros contextos de aprendizagem formal.

Fruto deste processo, os próprios jovens interagem de formas diferentes. A tradição já não é o que era e, sobretudo, as relações entre rapazes e rapari-

gas sofreram mudanças profundas resultando em alterações profundas na socialização entre pares.

Estas mudanças têm sido evidenciadas em alguns estudos sobre a juventude realizados, nomeadamente pelo IED (1983-85) e pelo ICS (1997)<sup>1</sup>.

Frequentemente, o Ministério da Educação, a APF e outras instituições envolvidas em programas de educação sexual dos jovens são questionadas sobre os progressos ocorridos na educação sexual nas escolas. Face a esta questão – ou seja, a amplitude da mudança alcançada – dois tipos de respostas costumam emergir: por um lado, posições que acham que os jovens estão já suficientemente informados pelo que a educação sexual na escola não é necessária; por outro, posições que apontam no sentido oposto, ou seja, que nada ou muito pouco mudou, que as escolas não fazem educação sexual e, portanto, que a maioria dos jovens portugueses não tem uma adequada educação sexual.

Embora tenham sido feitos alguns estudos sobre os conhecimentos específicos dos jovens – como por exemplo, os que integraram o projecto experimental de educação sexual entre 1995-98, não existe um conhecimento fundamentado e rigoroso nesta matéria.

### OBJECTIVOS

O objectivo geral deste estudo foi o de compreender de forma rigorosa e periódica, o actual nível de educação sexual dos jovens portugueses escolarizados e o papel da escola e dos professores neste processo, a partir da informação recolhida junto dos próprios destinatários da educação sexual, ou seja, os jovens.

Foram objectivos específicos do trabalho:

- Avaliar a qualidade dos conhecimentos dos jovens sobre diversos tópicos relevantes da sua educação sexual;
- Analisar a importância dos diferentes agentes de socialização no processo de educação sexual dos jovens;
- Perceber o nível de intervenção específica da escola e dos professores neste processo;
- Caracterizar a diversidade existente entre os jovens em matéria de educação sexual em termos de género e condição social;
- Identificar alguns comportamentos sexuais e amorosos dos jovens, bem como comportamentos preventivos na área da saúde sexual e reprodutiva;
- Avaliar o impacto da educação sexual nos comportamentos sexuais e preventivos dos jovens;
- Conhecer o recurso que os jovens fazem actualmente aos profissionais e serviços de saúde e outros serviços de ajuda.

### METODOLOGIA

Foi realizado um levantamento prévio de instrumentos já existentes e que poderiam ser aplicados no estudo e foi construído e pré-testado um questionário para recolha dos dados referidos.

O questionário integrou as seguintes dimensões:

- Uma primeira parte – Parte A – de caracterização da amostra contendo variáveis demográficas, a origem social dos jovens, a sua religiosidade e o grau de dificuldade com que conversam com os progenitores sobre questões de sexualidade.
- Uma segunda parte – Parte B – de avaliação dos

<sup>1</sup> IED – Instituto de Estudos para o Desenvolvimento; ICS – Instituto de Ciências Sociais.



conhecimentos dos jovens sobre diversas matérias relacionadas com a sexualidade, ou seja, a qualidade dos seus conhecimentos em educação sexual. Para este fim foram utilizados os Questionários Mathtech (Douglas Kirby).

- Uma terceira parte – Parte C – em que se procurou identificar os interlocutores privilegiados dos jovens para conversar sobre 17 tópicos de educação sexual listados e, no contexto escolar, em que medida e em que contextos disciplinares e não disciplinares estes tópicos eram abordados.
- Uma quarta e quinta partes – Partes D e E – em que se procuraram dados sobre o início dos relacionamentos sexuais dos jovens (idades, contextos relacionais, comportamentos preventivos) e sobre a situação actual desses relacionamentos, respectivamente.
- Uma última parte – Parte F – em que se procurou saber a quem recorrem os jovens em situações em que precisam de ajuda, em áreas e problemas relacionados com a sua vida sexual.

As escolas abrangidas, de todas as regiões do país, foram identificadas através da rede de contactos da APF. Os questionários foram aplicados após a obtenção das autorizações respectivas, nomeadamente do Ministério da Educação, das direcções das escolas, dos encarregados de educação e dos próprios jovens.

Em cada escola foi identificada uma professora ou professor que colaborou aplicando o questionário a uma turma do 12º ano e a outra do 10º ano, pretendendo-se desta forma obter dados sobre educação sexual dos jovens na escola ao longo do 3º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário.

O trabalho de campo decorreu nos primeiros quatro meses de 2008. Obteve-se um total de 2621 questionários preenchidos dos quais 60% são alunos do 10º ano e 40% do 12º ano. Os dados foram tratados estatisticamente com recurso ao programa SPSS (*Statistical Package for Social Science*).



# Parte A – Caracterização da amostra

### CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-DEMOGRÁFICA

A amostra foi recolhida através de contactos estabelecidos entre a Associação para o Planeamento da Família e **62 escolas**, tendo sido inquiridas turmas de 10º e 12º ano nos diferentes estabelecimentos de ensino, num total de 2621 alunos/as:

Foram abrangidos jovens de ambos os **sexos**: 1531 raparigas e 1086 rapazes, o que corresponde a cerca de 59% do sexo feminino e 41% do sexo masculino.

Relativamente às **idades** dos jovens, e tendo em conta que foram inquiridos estudantes de ambos os sexos a frequentar o 10º e o 12º ano de escolaridade, estas têm uma grande amplitude: 28% tem 15 anos ou menos, 15% tem 16 anos, 34% tem 17 anos, 14% tem 18 anos e são 8% os que têm 19 ou mais anos. Observando as idades dos inquiridos segundo o sexo, verificamos que os rapazes são mais jovens do que as raparigas.

Quanto à **distribuição por região**, foram abrangidas escolas em todo o território nacional: Alentejo (306 inquiridos), Algarve (253 inquiridos), Centro (675 inquiridos), Lisboa (468 inquiridos), Norte (393 inquiridos), Madeira (216 inquiridos) e Açores (310 inquiridos).

A larga maioria dos jovens tem famílias de **origem** portuguesa (cerca de 94% dos jovens inquiridos), sendo de mencionar que 3,2% têm famílias de origem em países africanos de língua por-

tuguesa, 0,9% de origem brasileira, 0,7% do leste da Europa e 1,6% outras origens. Esta distribuição apresenta diferenças de assinalar do ponto de vista regional: embora em todas as regiões a maior parte das famílias tenha origem portuguesa, é de salientar que as regiões de Lisboa e do Algarve apresentam mais famílias migrantes.

Das famílias com origens noutros países, e como já se tinha referido, a maior parte provém de “países africanos de língua portuguesa”, mas esta diferença é mais visível nas regiões do Algarve (7,5% dos inquiridos) e em Lisboa (quase 7%). Na região do Algarve têm expressão também as famílias com “Outra” origem (4%) e da “Europa do Leste” (3%) e é notória a ausência de inquiridos com famílias de origem “Brasileira” nas regiões do Alentejo e Algarve.

Quando se questionam os jovens sobre **religião**, cerca de 73% dizem-se católicos, entre não praticantes (que são 40%) e católicos praticantes (33%). São de salientar as diferenças nas regiões de Lisboa e do Algarve, onde os católicos praticantes são em menor proporção; de igual modo, o maior número de jovens indiferentes à religião, ateus e agnósticos são da região do Algarve. Por oposição, os jovens das Regiões Autónomas apresentam-se maioritariamente como católicos praticantes (mais de 50% nos Açores).

Quando observamos as questões relacionadas com a religião e a **prática do culto religioso** (excluindo-se as ocasiões especiais como casa-

mentos e funerais), observamos que os jovens participam em serviços religiosos, embora o façam esporadicamente: um conjunto de 65% da amostra refere que não participa “Nunca” ou participa menos de uma vez por mês em cerimónias relacionadas com a sua religião. Por outro lado, uma média de 19,2% refere que o faz uma vez por semana e, nestes, são sobretudo as raparigas as mais assíduas (23%).

Relativamente à **escolaridade do pai e da mãe** destes jovens, quase todos os progenitores frequentaram a escola. Em geral, as mães têm mais escolaridade do que os pais: na categoria “1.º ciclo do Ensino Básico (4 anos)” predominam os pais, nos graus académicos intermédios e superiores (2.º/3.º ciclo, secundário, médio e superior) predominam as mães.

Relativamente à **situação perante o trabalho de pais e mães** destes jovens, podemos observar que as mães, apesar de terem mais habilitações, têm profissões menos qualificadas (domésticas e vendedoras somam quase 50% das mães) e os pais são sobretudo operários e artífices (quase 30%). A discrepância ao nível dos quadros superiores é ainda de assinalar: 17% dos pais e apenas 7% das mães.

Quando se analisam as situações profissionais das mães dos jovens sob a perspectiva regional, observamos as seguintes diferenças: o Algarve é a região onde há menos mulheres agricultoras (que são em número mais significativo na Madeira) ou domésticas (que são em maior número nos Açores). É também no Algarve que encontramos mulheres com profissões mais qualificadas (quadros superiores e especialistas/ profissões intelectuais e científicas).

Esta diferença regional também é encontrada nas profissões dos pais dos jovens: no Algarve os pais têm profissões mais qualificadas, por oposição à Região Autónoma da Madeira. A categoria profissional dos pais que apresenta mais homogeneidade em termos regionais é a dos “Operários / Artífices”. O maior número de desempregados/as regista-se na região do Alentejo.

Na **caracterização dos agregados familiares** dos inquiridos, podemos observar que a maioria vive com os pais: cerca de 83% vive com o pai, 95% vive com a mãe; 25% tem irmãos do sexo masculino mais novos e quase 20% tem irmãos do sexo masculino mais velhos; as irmãs do sexo feminino são menos numerosas – 19% tem irmãs mais novas e apenas 13% tem irmãs mais velhas. Em cerca de 12% destes agregados vivem ainda outros familiares e, em 3,5% outras pessoas.

Observando estes agregados sob o ponto de vista das idades, e como seria de esperar, concluímos que à medida que a idade avança, vai diminuindo a percentagem de jovens que vivem com o pai e a mãe e estes vão passando a ter agregados constituídos por outras pessoas.

Do ponto de vista regional, encontramos algumas curiosidades: os agregados mais nucleares encontram-se no Norte, onde a percentagem de coabitação com as mães atinge os 97,5% e com os pais 91,6% e onde as percentagens de “outros familiares” ou “outras pessoas” são menores; é no Algarve que as famílias monoparentais atingem o número mais elevado (apenas 79% vive com o pai) e também onde as famílias alargadas atingem uma maior proporção (em 5,2% das



famílias coabitam outras pessoas). Relativamente ao número de irmãos, as diferenças mais significativas são na região da Madeira, onde os irmãos do sexo masculino mais novos atingem 33% (por comparação com os 25% a nível nacional) e apenas 13,2% de irmãos do sexo masculino mais velhos (por comparação com os 19,6% nacionais).

## COMUNICAÇÃO SOBRE SEXUALIDADE COM OS PROGENITORES

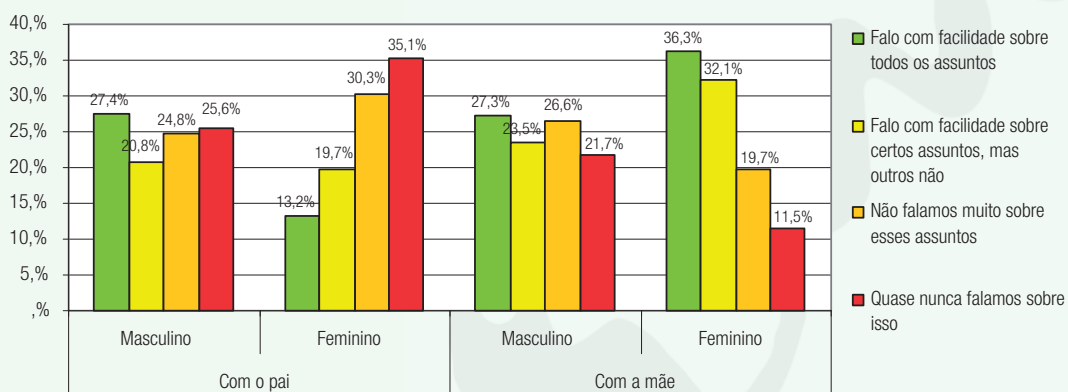
Quando questionados sobre a **comunicação com o pai e a mãe** (ou a pessoa que os substitui) sobre sexualidade, os jovens manifestam mais facilidade em falar com a mãe: cerca de 32% afirma que “Fala com facilidade sobre todos

os assuntos” com a mãe e apenas 19% sentem essa facilidade com o pai. De salientar que, cerca de 16% diz que “Quase nunca falamos sobre isso”, com a mãe, e 31% refere o mesmo em relação ao pai.

A facilidade com que falam sobre sexualidade varia em função do género e isso é sobretudo visível nas raparigas, pois a facilidade com que esses assuntos são abordados varia na proporção directa quando o interlocutor é a mãe e na proporção inversa quando o interlocutor é o pai. Para os rapazes, a facilidade ou dificuldade em falar sobre “esses assuntos” não apresenta grandes diferenças entre o interlocutor pai ou mãe. De salientar que no conjunto da amostra, 30% nunca fala sobre esses assuntos com o pai.



■ Fala sobre sexualidade com o pai/mãe, segundo o sexo



Quando observamos as variáveis “comunicação com o pai” e “comunicação com a mãe” e as cruzamos com a condição social dos mesmos, aqui revelada pela escolaridade do pai e da mãe, verificamos que há uma associação estatisticamente significativa entre as variáveis. Esta associação indica que os jovens que têm pais com mais escolaridade têm maior facilidade em falar com estes progenitores sobre assuntos sexuais ( $\chi^2 = 72.955$ ;  $p = <.001$ ) e o mesmo acontece com os jovens cujas mães têm níveis de escolaridade mais elevados ( $\chi^2 = 42.122$ ;  $p = <.01$ ).

## COMENTÁRIO SÍNTESE

### Uma amostra diversificada

Concluindo, temos uma amostra de jovens geograficamente diversificada, maioritariamente feminina e com idades fundamentalmente compreendidas entre os 15 e os 18 anos.

Os jovens são na sua grande maioria originários de famílias portuguesas, ainda que nas regiões de Lisboa e do Algarve a percentagem de jovens de outras origens seja significativa.

A origem social dos jovens é também muito diversificada em termos da escolaridade e profissões dos progenitores.

### Uma baixa religiosidade

Os jovens identificam-se maioritariamente com a religião católica, embora a sua religiosidade seja baixa, expressa no facto de apenas 20% participarem semanalmente em cerimónias religiosas.

### Uma comunicação sobre sexualidade com os progenitores limitada e prudente

A grande maioria dos jovens vive com ambos os progenitores biológicos e, em termos de comunicação sobre sexualidade, as raparigas preferem claramente a mãe para a abordagem de todos os assuntos.

Nos rapazes, não é tão clara a preferência por um ou outro interlocutor: os rapazes que falam “com facilidade sobre todos os assuntos”, fazem-no quer com o pai quer com a mãe, contrariando-se aqui a ideia de que os rapazes fariam destes temas mais facilmente com o pai.

Há uma percentagem bastante significativa de jovens de ambos os sexos que fala muito pouco destes assuntos com os seus progenitores ou que evita a abordagem de alguns assuntos de natureza sexual. Mais uma vez é sobretudo com o pai que tal acontece.

## Parte B – Conhecimentos sobre sexualidade

Os jovens foram inquiridos sobre vários tópicos relacionados com a sexualidade, num teste aos seus conhecimentos com 27 perguntas. Em todos os casos, apresenta-se uma escala de conhecimentos, isto é, uma questão com 4 ou 5 alternativas de resposta, solicitando-se que assinalem apenas uma das hipóteses (as outras opções são incompletas ou falsas).

Os temas abordados nas perguntas podem sintetizar-se da seguinte forma:

- 1 - Puberdade e adolescência (questões B1, B7, B11, B14, B21 e B22)
- 2 - Sexualidade Humana (questões B4, B6, B13, B15, B17 e B27)
- 3 - Contraceção (questões B3, B9, B16, B23, B24 e B26)
- 4 - Infecções sexualmente transmissíveis (B5, B12, B18, B19, B20 e B25)

### 5 - Percepção de risco (B2, B8 e B10)

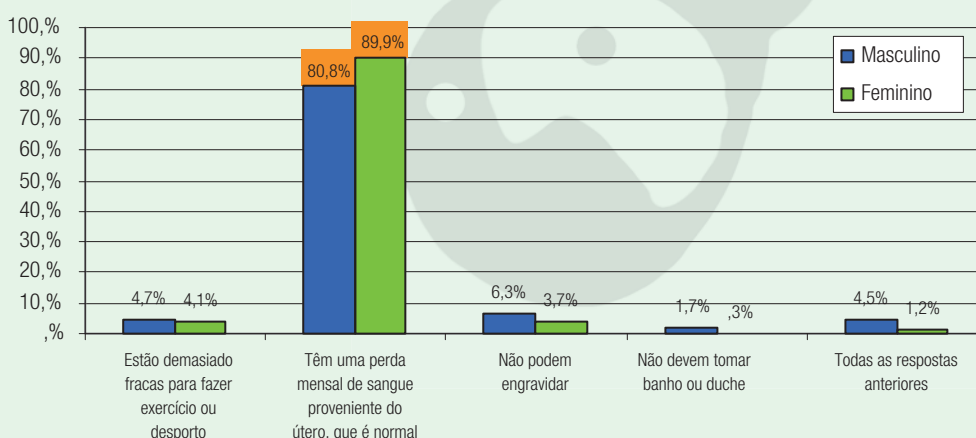
Nos gráficos apresenta-se a dispersão das respostas e destacam-se a sombreado as hipóteses certas para cada uma das questões.

### PUBERDADE E ADOLESCÊNCIA (questões B1, B7, B11, B14, B21 e B22)

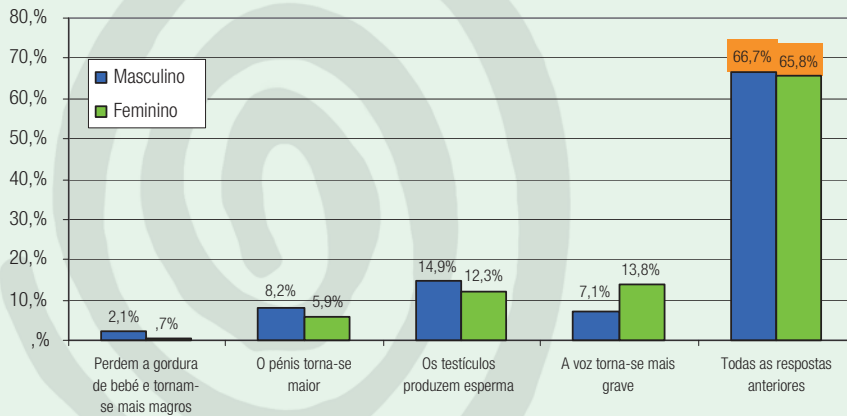
Um conjunto de 6 perguntas aborda o tema da puberdade e adolescência, verificando-se que as raparigas acertam, em geral, mais do que os rapazes.

Perante a questão relacionada com a **menstruação**, a grande maioria reconhece que esta se deve a “uma perda mensal de sangue proveniente do útero, que é normal”, sendo que os rapazes acertam menos do que as raparigas (81% e 90%, respectivamente).

■ B1. Durante o período menstrual, as raparigas:

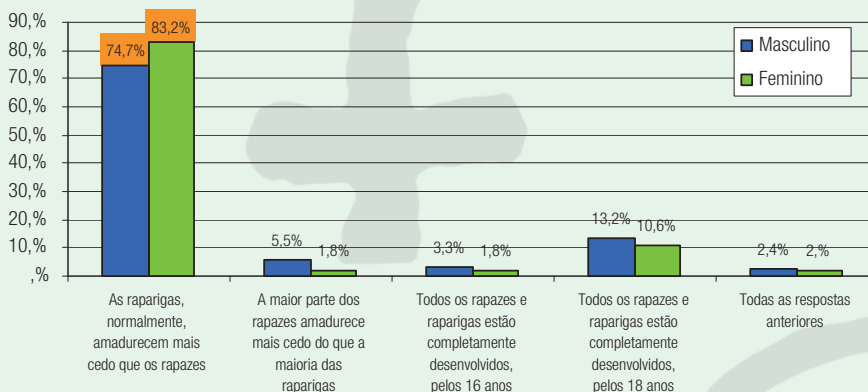


## B7. Quando os rapazes entram na puberdade:



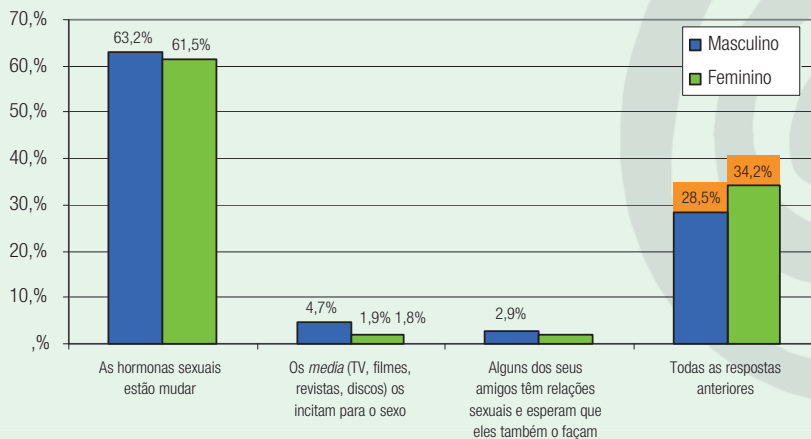
Questionados sobre as mudanças que ocorrem nos rapazes na puberdade, a maior parte responde acertadamente e, nesta questão, eles ligeiramente mais do que elas: 67% dos rapazes e 66% das raparigas reconhece todos os sinais enunciados.

## B11. Fisicamente



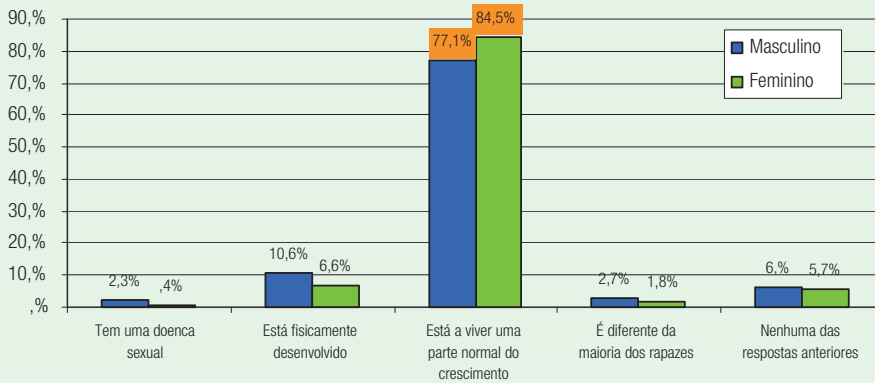
Relativamente à **maturação**, a maioria dos jovens sabe que “as raparigas, normalmente, amadurecem mais cedo do que os rapazes”, mas é maior a percentagem de raparigas que acerta (83% para 75% dos rapazes).

## B14. Quando entram na puberdade, os adolescentes ficam mais interessados nas actividades sexuais porque:



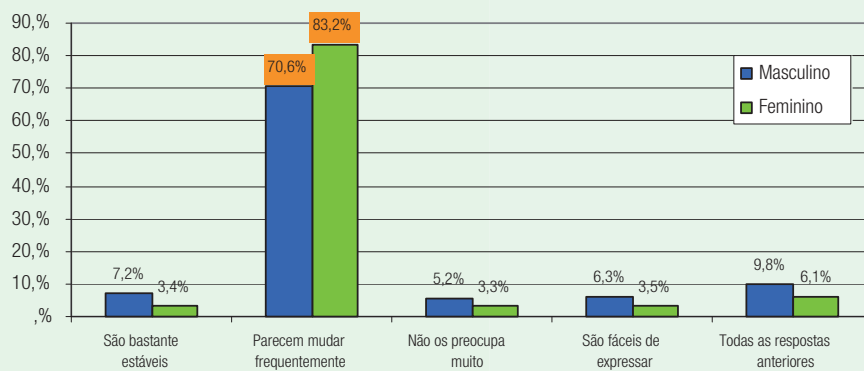
Quanto ao aumento do **interesse sexual** a partir da puberdade, este é atribuído na maioria dos casos às “hormonas sexuais que estão a mudar” (63% das raparigas e 62% dos rapazes).

■ **B21.** Para um rapaz, as emissões nocturnas (*sonhos molhados*) significam que:



A grande maioria dos inquiridos considera que as **emissões nocturnas** (*sonhos molhados*) significam que os rapazes “estão a viver uma parte normal do crescimento” (85% das raparigas e 77% dos rapazes).

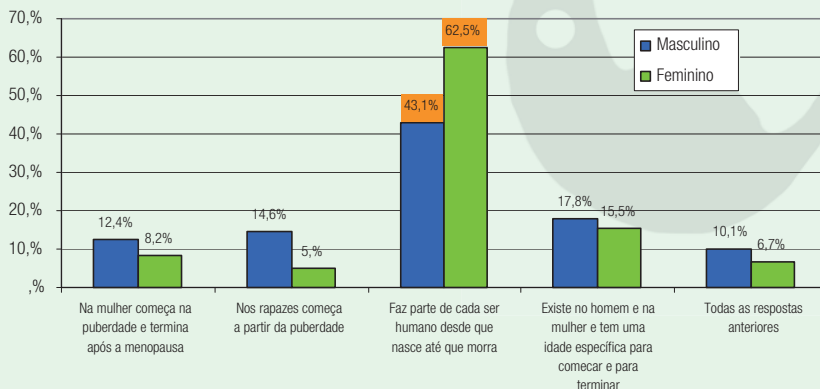
■ **B22.** Para a maioria dos adolescentes, as emoções (sentimentos):



Relativamente às emoções e aos **sentimentos**, a maioria dos jovens de ambos os sexos reconhece que os adolescentes sentem que estes “parecem mudar frequentemente” (83% das raparigas e 71% dos rapazes).

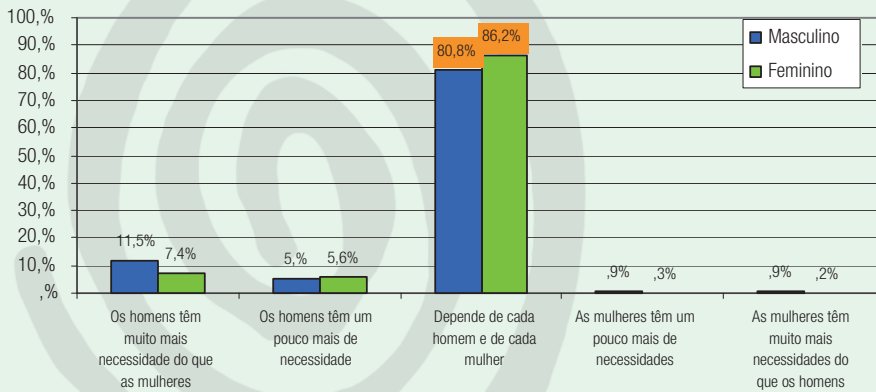
## SEXUALIDADE HUMANA (questões B4, B6, B13, B15, B17 e B27)

■ **B4.** A sexualidade:



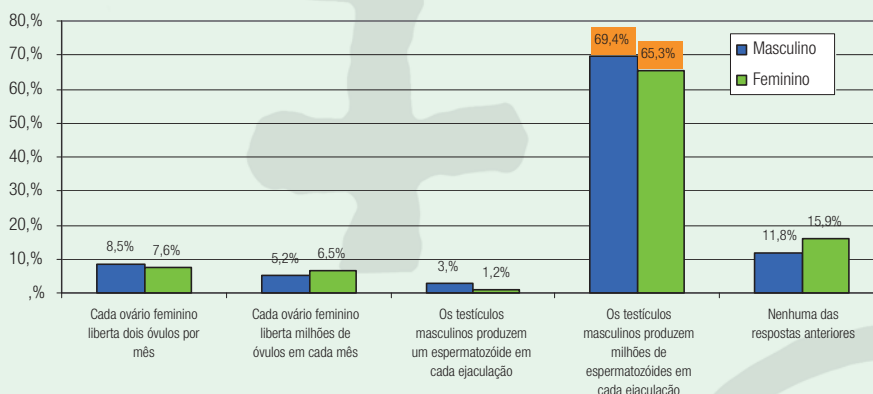
Seis perguntas neste questionário abordavam a sexualidade humana, sobretudo numa perspectiva de conceitos. Assim, os jovens são interrogados sobre o significado de **sexualidade** e as respostas dividem-se. Cerca de 63% das raparigas refere que “faz parte de cada ser humano desde que nasce até que morre”, mas o mesmo só é reconhecido por 43% dos rapazes.

## B6. Quanto às necessidades sexuais:



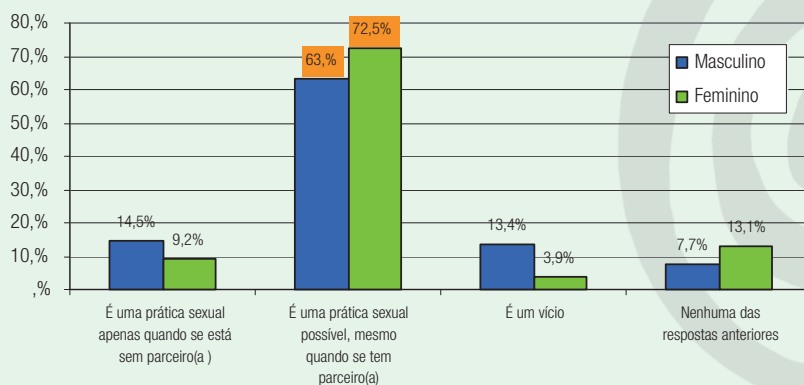
Sobre as **necessidades** sexuais segundo o gênero, a maioria dos inquiridos diz que “depende de cada homem e de cada mulher” (86% do sexo feminino e 81% do sexo masculino).

## B13. Quando os homens e as mulheres estão fisicamente desenvolvidos:



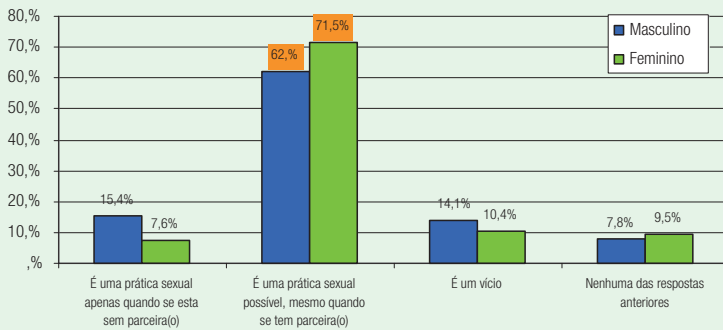
Relativamente à **fisiologia** dos órgãos reprodutores femininos e masculinos, entre 65% e 70% dos inquiridos sabe que “os testículos masculinos produzem milhões de espermatozóides em cada ejaculação” (mais uma vez, as raparigas acertam ligeiramente mais).

## B15. A masturbação nas mulheres:



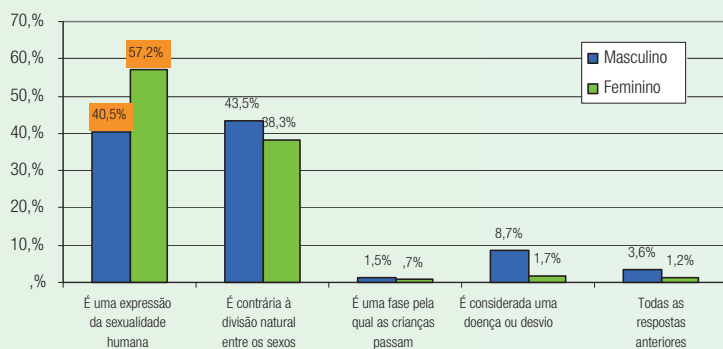
Definindo a **masturbação**, os jovens têm ideias semelhantes sobre a masturbação nos homens e nas mulheres. Contudo, estas ideias revelam-se diferentes quando observamos o que os jovens de diferentes sexos pensam sobre esta prática sexual. Cerca de 73% das raparigas acha que a masturbação nas

**B17.** A masturbação nos homens:



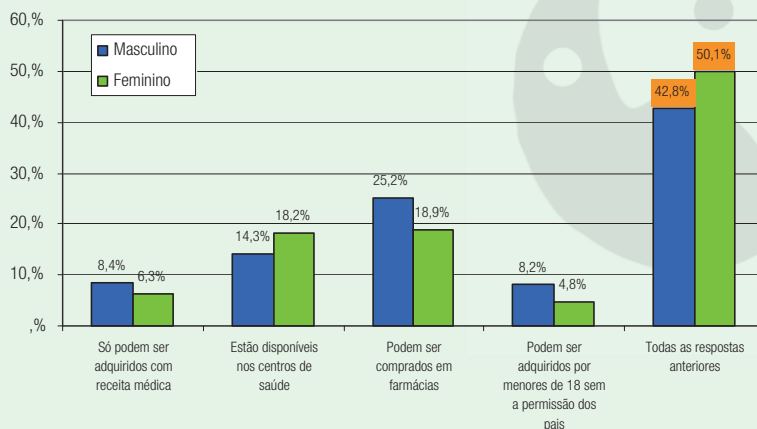
mulheres é “uma prática sexual possível, mesmo quando se tem parceiro(a)” e 72% acha o mesmo em relação à masturbação nos homens. Cerca de 63% dos rapazes considera que a masturbação nos homens se trata de “uma prática sexual possível, mesmo quando se tem parceiro(a)” e o mesmo dizem 62% a propósito da masturbação nas mulheres. No que se refere às considerações que os jovens fazem sobre a **homossexualidade**, enquanto 57% das raparigas a define como “uma expressão da sexualidade humana”, só 41% dos rapazes tem a mesma opinião.

**B27.** A homossexualidade:



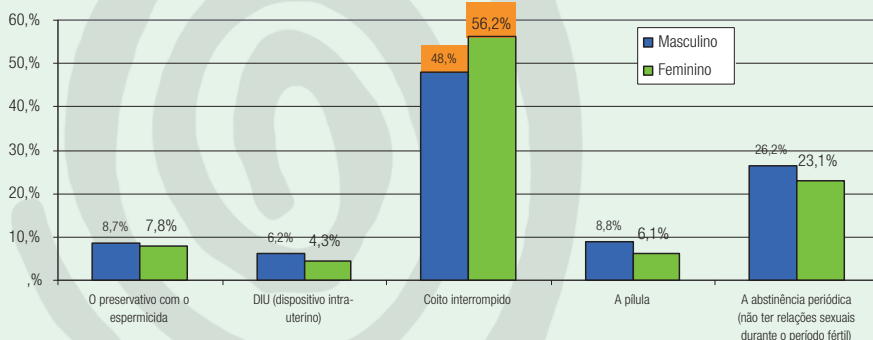
## CONTRACEPÇÃO (questões B3, B9, B16, B23, B24 e B26)

**B3.** Alguns contraceptivos:



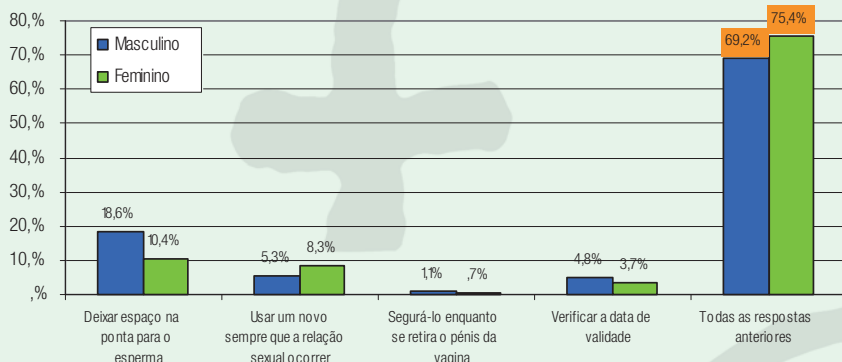
Quando questionados sobre o **acesso aos métodos contraceptivos**, apenas 50% das raparigas e 43% dos rapazes sabe que todas as opções de resposta estavam correctas: “só podem ser adquiridos com receita médica”, “estão disponíveis nos centros de saúde”, “podem ser comprados nas farmácias” e “podem ser adquiridos antes dos 18 anos sem permissão dos pais.”

■ **B9.** O método contraceptivo menos eficaz na prevenção de gravidezes não desejadas é:



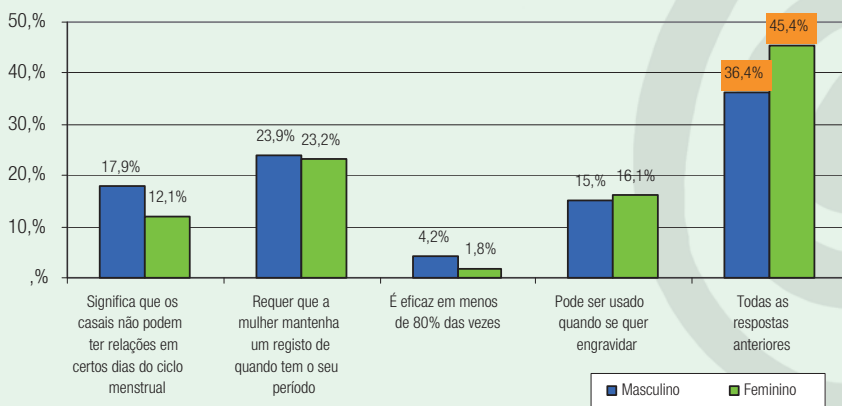
Classificando os métodos quanto à sua **eficácia** contraceptiva, cerca de 56% das raparigas e 48% dos rapazes identificam o “coito interrompido” como o menos eficaz.

■ **B16.** Para usar um preservativo correctamente deve-se:



Avaliando as regras para utilização do **preservativo**, cerca de dois terços dos jovens identifica correctamente todas as hipóteses apresentadas como verdadeiras (75% das raparigas e 69% dos rapazes).

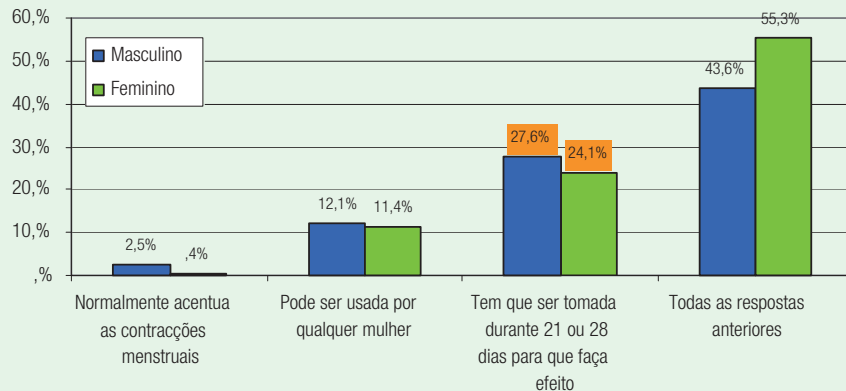
■ **B23.** O método do calendário:



Relativamente ao **método do calendário**, as dúvidas são mais evidentes: apenas 45% das raparigas e 36% dos rapazes identifica correctamente todas as hipóteses apresentadas como verdadeiras.

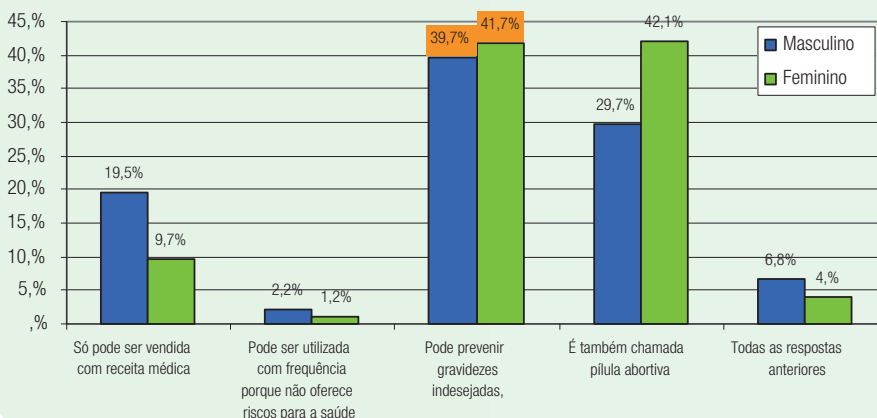


## B24. A pílula:



Quanto à **pílula**, as respostas são muito insatisfatórias e, neste contexto, os rapazes acertam ligeiramente mais: a percentagem dos que assinala a resposta “tem que ser tomada durante 21 ou 28 dias para que faça efeito” como verdadeira é de apenas 28% do sexo masculino e 24% do sexo feminino.

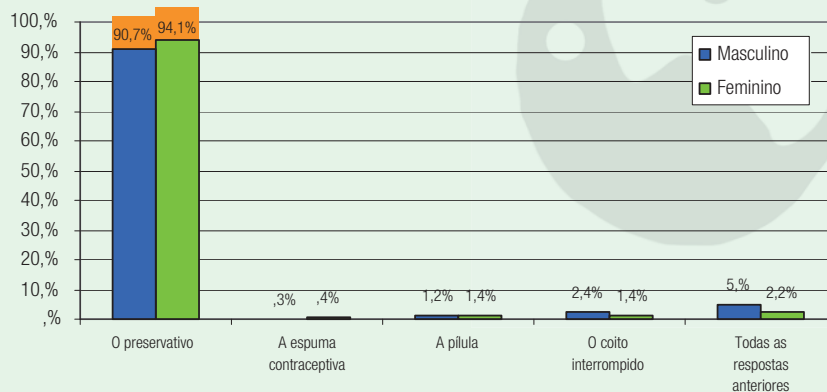
## B26. A pílula do dia seguinte:



Por último, sobre a **contração de emergência**, 42% das raparigas e 40% dos rapazes indica como verdadeira a hipótese “pode prevenir gravidezes indesejadas”.

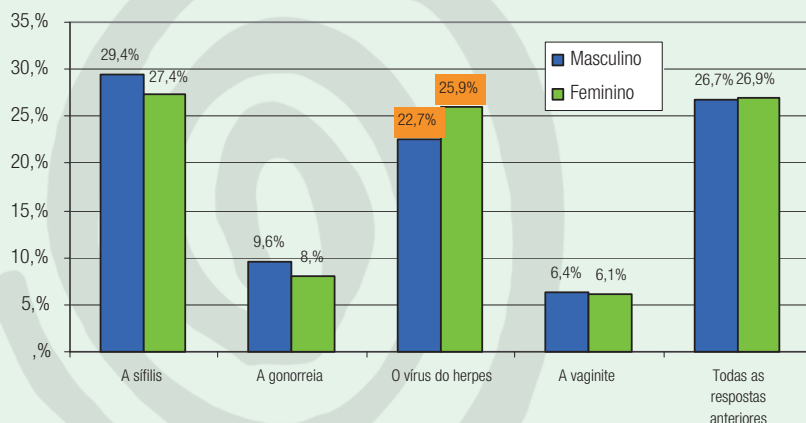
## INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (B5, B12, B18, B19, B20 e B25)

### B5. As pessoas que têm relações sexuais podem mais eficazmente prevenir uma doença sexualmente transmissível quando usam:



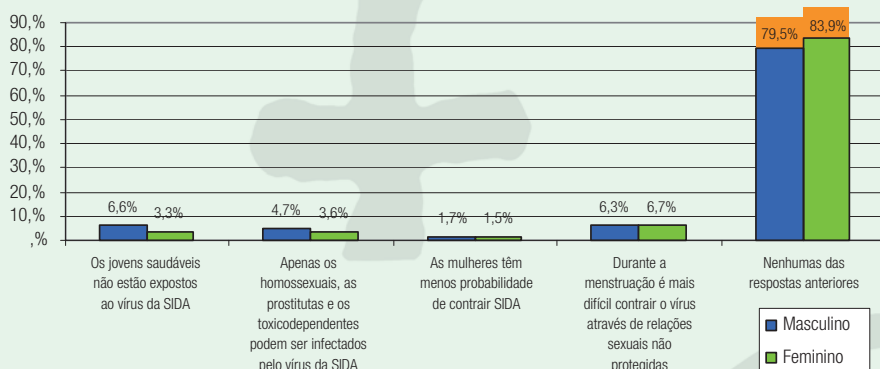
Sobre o melhor método para **prevenção** das infecções sexualmente transmissíveis, 94% dos jovens do sexo feminino e 91% dos rapazes assinala “o preservativo”.

■ **B12.** Actualmente é impossível curar:



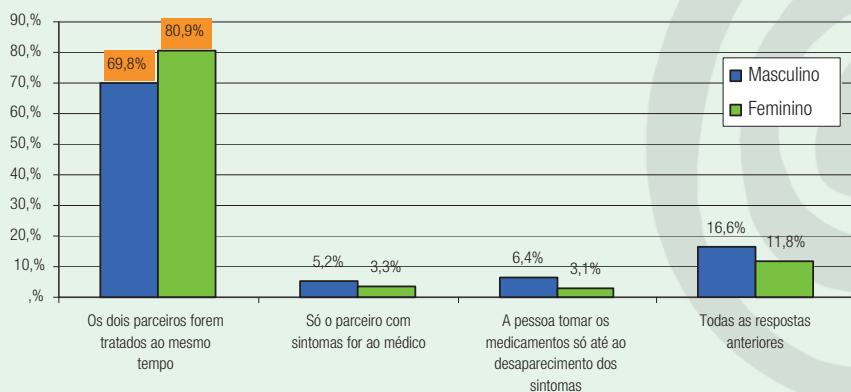
Questionados sobre as infeções sexualmente transmissíveis que não têm cura possível, os jovens mostraram-se bastante divergentes, sendo que só 26% das raparigas e 23% dos rapazes responde correctamente “o vírus do herpes”.

■ **B18.** No geral podemos dizer que:



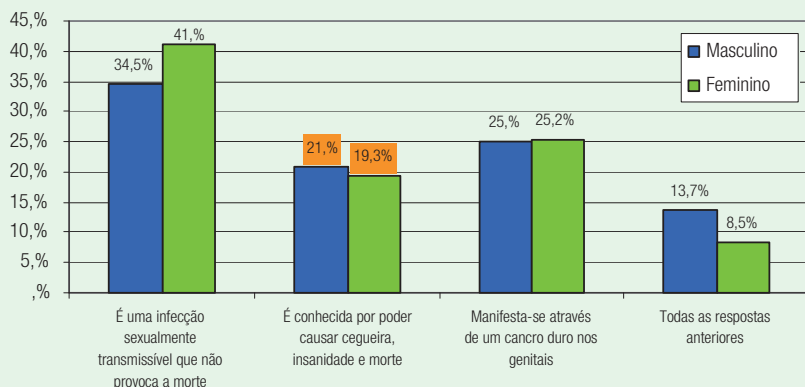
Relativamente à **SIDA**, todas as respostas apresentadas eram falsas, o que foi reconhecido por 84% das raparigas e 80% dos rapazes.

■ **B19.** O tratamento para infeções sexualmente transmissíveis é melhor se:



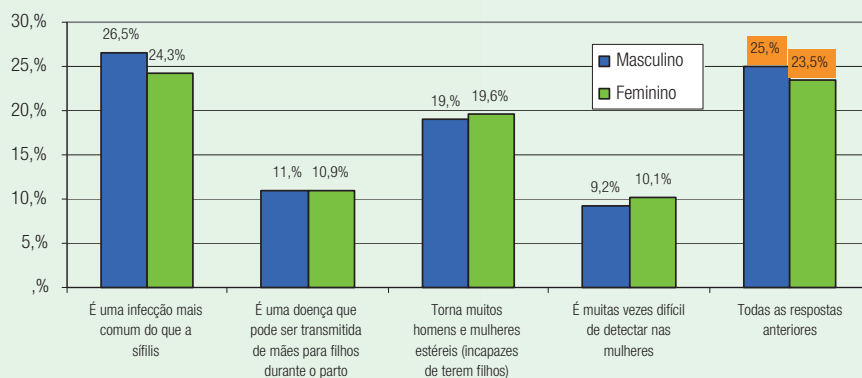
Sobre o **tratamento** das IST, a maior parte dos inquiridos sabe que este é sempre mais eficaz “se ambos os parceiros forem tratados ao mesmo tempo” (81% das raparigas e 70% dos rapazes).

## B20. A sífilis:



Sobre a sífilis e a gonorreia, o desconhecimento é evidente. Quanto à **sífilis**, apenas 20% dos jovens sabe que “é conhecida por poder causar cegueira, insanidade e morte”.

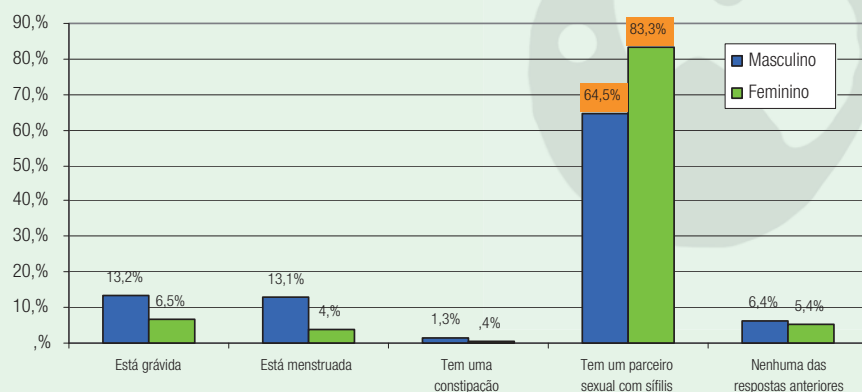
## B25. A gonorreia:



Quanto à **gonorreia**, todas as afirmações colocadas como hipótese eram verdadeiras, o que só foi identificado por 25% dos rapazes e 24% das raparigas.

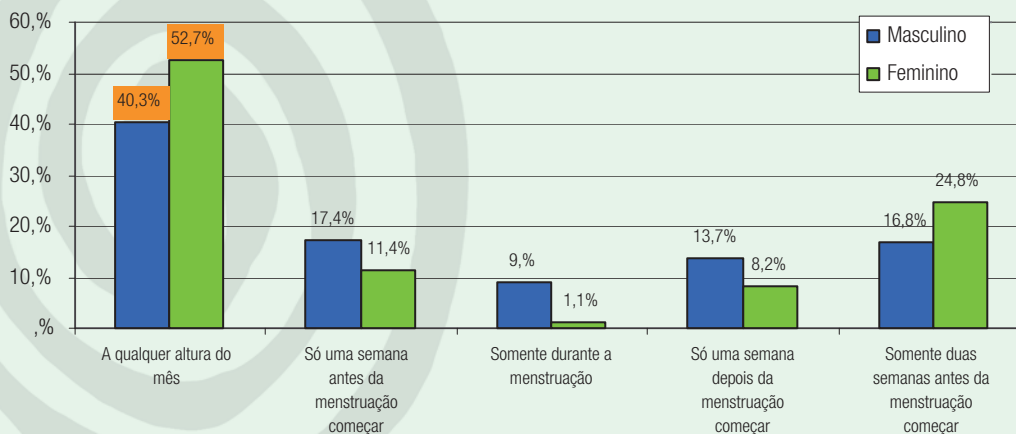
## PERCEÇÃO DE RISCO (B2, B8 e B10)

### B2. É perigoso para uma mulher ter relações sexuais quando ela:



Perguntados sobre as situações em que uma mulher corria maior **risco na relação sexual**, a maior parte escolhe a hipótese “quando ela tem um parceiro com sífilis” (83% das raparigas e 65% dos rapazes). Nesta questão, são sobretudo os rapazes que assinalam as respostas incorrectas.

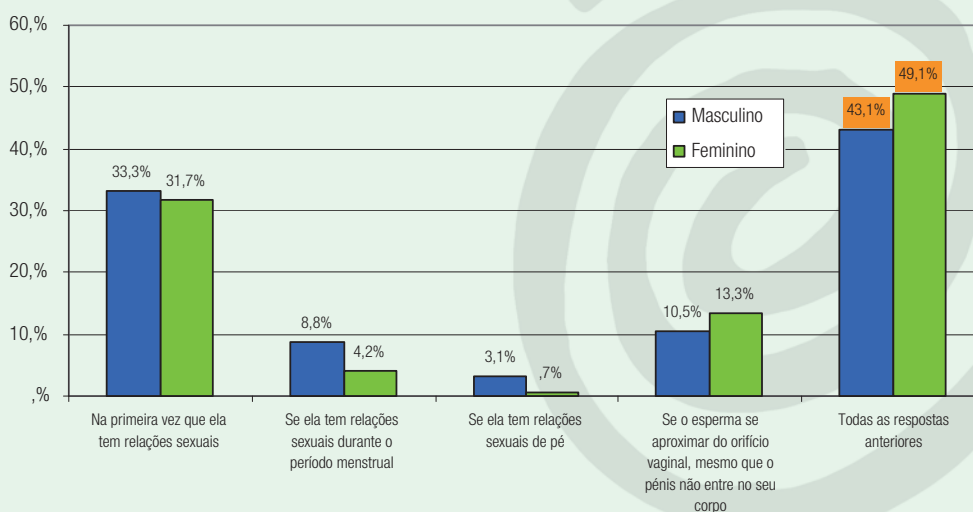
■ **B8.** Se um casal tem relações sexuais e não usa nenhum contraceptivo, a mulher pode ficar grávida:



Ainda sobre a percepção do risco, questionaram-se os jovens sobre as situações em que existe maior probabilidade de ocorrer uma gravidez durante o **ciclo menstrual**: 52% das raparigas acerta na resposta, indicando que é “a qualquer altura do mês” (40% de acertos no caso dos rapazes).

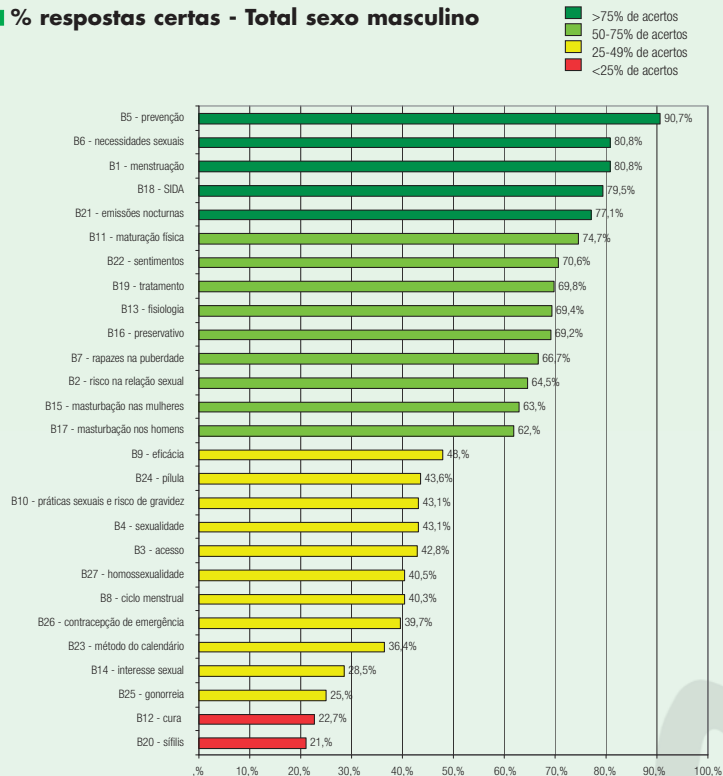
Sobre as **práticas sexuais e risco de gravidez**, apresentava-se um conjunto de respostas verdadeiras, o que só 49% das raparigas e 43% dos jovens rapazes identificou.

■ **B10.** É possível uma mulher ficar grávida:

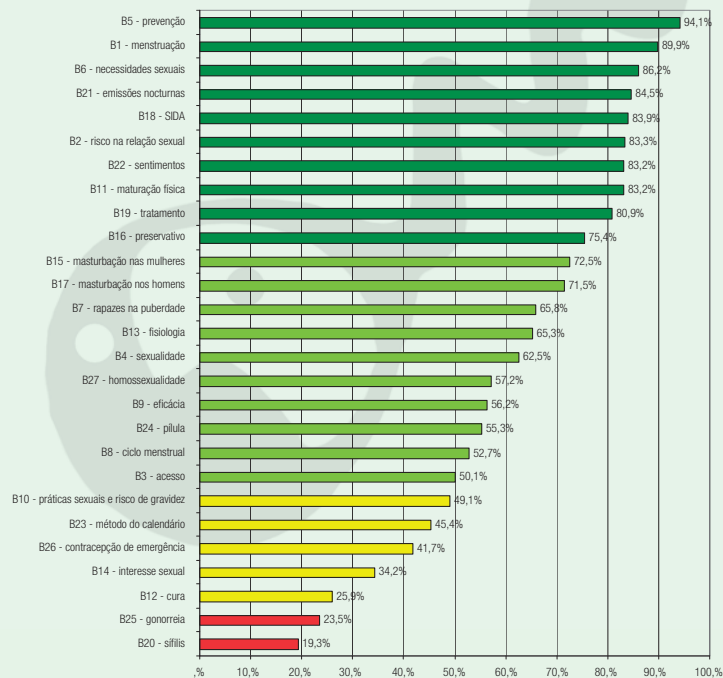


Para a globalidade do teste aos conhecimentos, podemos verificar que existem temas onde os jovens apresentam bons níveis, outros onde existe razoável nível, mas também temas com fracos níveis de conhecimentos. No quadro a seguir sintetizam-se, ordenadas por frequência, as percentagens de acertos por questão, para os rapazes e para as raparigas:

**% respostas certas - Total sexo masculino**



**% respostas certas - Total sexo feminino**



## QUALIDADE DOS CONHECIMENTOS

Mediante os melhores ou piores níveis de conhecimentos demonstrados pelos jovens nas 27 perguntas desta parte do questionário, os jovens foram agrupados em 5 categorias, que expressam diferentes níveis de Educação Sexual: MAU (1-5 acertos), INSUFICIENTE (6-10 acertos), ACEITÁVEL (11-15 acertos), BOM (16-20 acertos) e MUITO BOM (21-27 acertos).

Assim, para o total dos temas e para o total da amostra (relembramos que se trata de 2621 jovens de ambos os sexos) verificamos que menos de metade apresenta “Bom” nível de conhecimentos (1191 jovens), seguindo-se o nível “Aceitável” (837 jovens) e, de seguida, o nível “Muito bom” (346 jovens). Um conjunto de 226 jovens apresenta “Insuficiente” nível de conhecimentos e ainda 18 jovens têm “Mau” nível de conhecimentos.

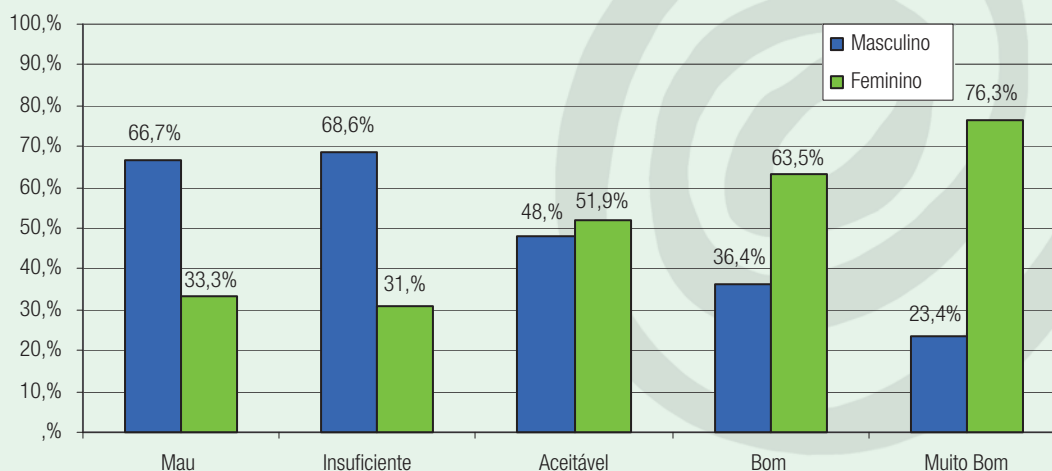
Estes níveis de conhecimentos têm diferenças muito significativas quando nos debruçamos sobre os diferentes grupos.

Em termos de sexos, a diferença é muito evidente, sendo que as raparigas têm melhores conhecimentos do que os rapazes. Como já tínhamos verificado anteriormente, foi apenas em 6 questões que as raparigas demonstraram inferiores conhecimentos. De facto, no melhor nível de conhecimentos, “Muito bom”, 76% são jovens do sexo feminino, e no nível “Bom”, 64% são igualmente do sexo feminino. No nível “Aceitável”, as percentagens estão mais equiparadas, já que são 52% do sexo feminino e 48% do sexo masculino. Nos dois níveis inferiores de conhecimentos – “Insuficiente” e “Mau” – sobressaem os rapazes.

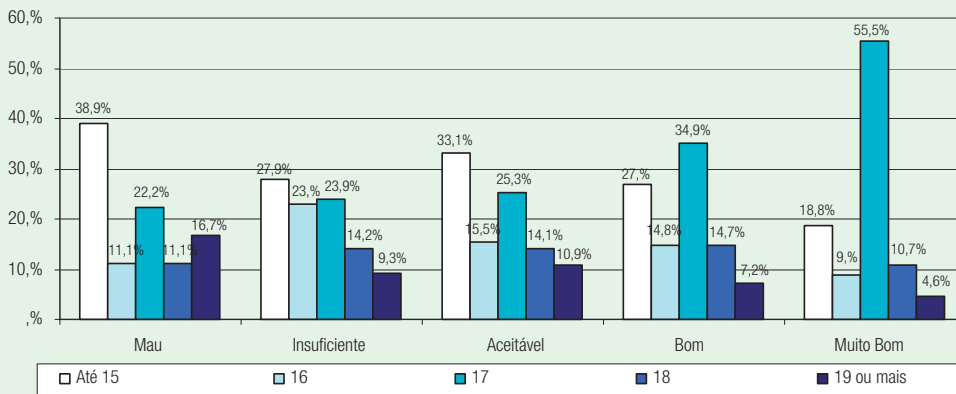
Relativamente às idades, podemos ver que aqueles que têm melhores conhecimentos são os jovens de 17 anos e os que menos sabem são os de 19 ou mais anos, como aliás já se tinha verificado quando se analisaram os temas específicos por idades.

Observámos ainda os níveis de conhecimentos dos jovens segundo a escolaridade dos pais e verificámos que há uma associação entre os piores níveis de conhecimentos dos jovens em maté-

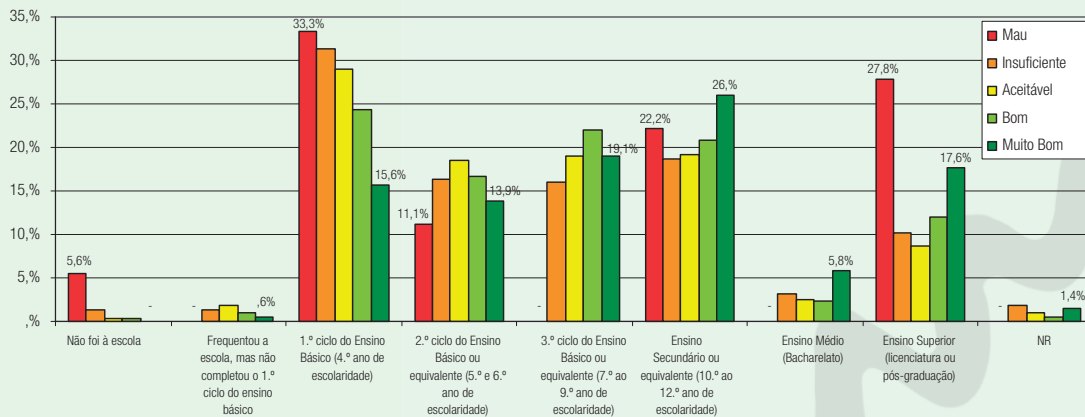
■ Níveis de conhecimentos dos jovens , por sexo



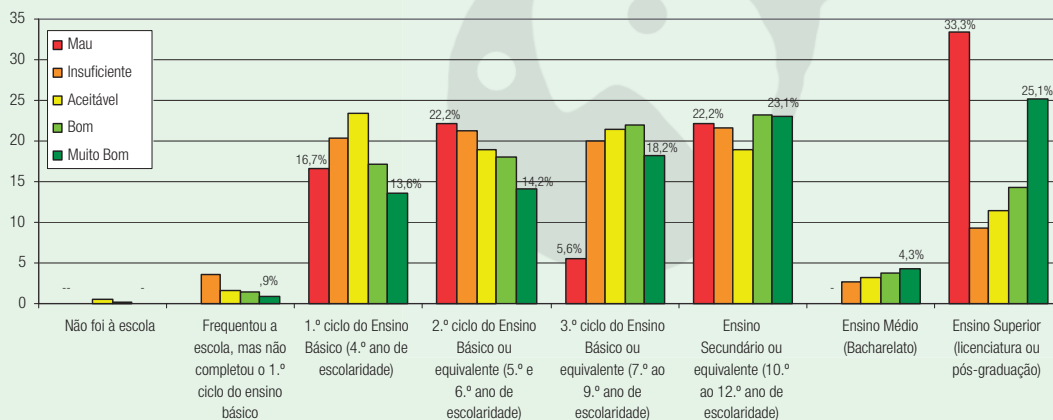
## Níveis de conhecimentos dos jovens, por idades



## Níveis de conhecimentos dos jovens, segundo a escolaridade do pai



## Níveis de conhecimentos dos jovens, segundo a escolaridade da mãe



ria de Educação Sexual e os graus de escolaridade mais baixos do pai e da mãe. A excepção ocorre nos jovens com “Mau” nível de conhecimentos, que se dispersam entre todas as categorias de escolaridade dos pais, mas tal pode ser explicado pelo número de jovens com “Mau” conhecimento se resumir a 18 no total da amostra, o que não permite extrapolações.

### COMENTÁRIO SÍNTESE

Os resultados da escala de conhecimentos espelham bem as mudanças ocorridas nos últimos anos e, por outro lado, a preocupante ausência de conhecimentos dos jovens sobre prevenção de riscos associados à sexualidade e a saúde.

De forma geral, os jovens demonstram conhecer bem, ou de forma razoável, temas como a puberdade e adolescência, a SIDA e o uso do preservativo reflectindo, provavelmente, a presença destes temas no universo mediático e nas abordagens de educação sexual realizadas nas escolas. Ou seja, estamos já longe dos tempos em que a ignorância sobre estes aspectos básicos da sexualidade era muito acentuada.

Nas questões relativas à sexualidade humana, embora sejam correctamente respondidas pela

maioria, existe uma parte significativa dos jovens que ignora aspectos importantes, nomeadamente a perenidade da sexualidade ao longo da vida e, sobretudo nos rapazes, as questões relativas à homossexualidade, que continua a ser associada por muitos jovens a uma actividade “não natural” ou doentia.

A mesma informação deficiente é constatada nas respostas sobre as potenciais situações de risco de gravidez não desejada, em que uma percentagem significativa de jovens (ainda que menos de metade) não responde acertadamente às perguntas formuladas.

Por outro lado ainda, verificamos uma preocupante falta de informação em alguns aspectos preventivos sobre contracepção e nas infecções sexualmente transmissíveis. Ora sendo estes aspectos uma parte obrigatória dos currículos de Ciências da Natureza, no 3º ciclo do ensino básico, questionamo-nos sobre as razões deste insucesso.

O género e a condição social são duas variáveis importantes na diversificação dos resultados sendo que as raparigas demonstram ter melhores conhecimentos que os rapazes e, por outro lado, que maiores níveis de escolaridade dos progenitores estão associados a melhores conhecimentos dos jovens.



### Parte C – Fontes de educação sobre sexualidade

Nesta parte do questionário procurou-se conhecer a **importância dos diversos agentes de socialização e, mais especificamente da escola**, no processo de educação sexual dos jovens.

#### AGENTES DE SOCIALIZAÇÃO FORA DA ESCOLA

Para este efeito, pergunta-se numa primeira fase quem são as pessoas com quem conversou no último ano sobre diversos tópicos, apresentando-se uma lista de interlocutores possíveis.

Assim, verificamos que os jovens conversam mais sobre sexualidade com **os/as amigos/as**, apresentando-se estes como os interlocutores favoritos em todos os temas (média de 52%), sendo de realçar que no caso das raparigas, as percentagens são em geral mais altas, atingindo os 72% por exemplo no tema “as relações amorosas nos jovens”. Também para os rapazes os/as amigos/as são a principal fonte de discussão nestes temas, sendo que apenas no tema “masturbação” apresentam uma média de respostas superior à das raparigas (55% e 48%, respectivamente).

Em 2.º lugar, aparece **a mãe** como interlocutora preferencial para os assuntos relacionados com a sexualidade, sendo que as raparigas apresentam taxas mais elevadas em todos os assuntos, quando se trata de falar com as mães (mais uma vez, exceptua-se apenas o tema “masturbação”, em

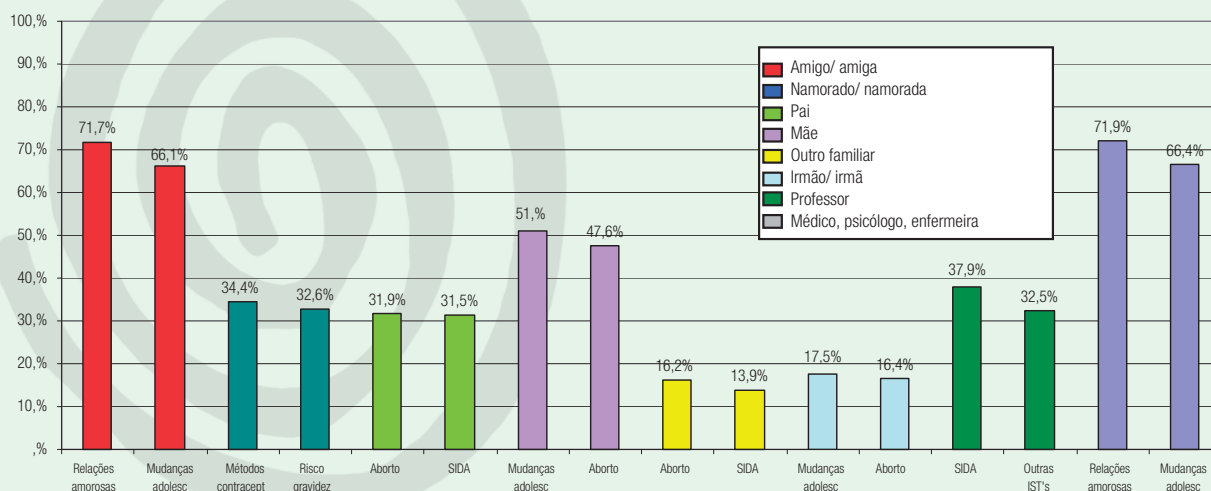
que os rapazes apresentam uma média de respostas superior à das raparigas). No total das respostas, destacamos os dois temas mais falados com as mães: “as mudanças no corpo durante a adolescência” (35% no caso dos rapazes e 62% no caso das raparigas) e as questões relacionadas com “o aborto” (39% dos rapazes e 54% no caso das raparigas).

De seguida, **o/a namorado/a** surge como referência na abordagem a alguns assuntos, sobretudo nos temas “risco de engravidar”, o “uso de contraceptivos” e as “relações amorosas nos jovens”. Estes números são curiosos sob o ponto de vista dos sexos: por exemplo, no caso do “uso de contraceptivos”, 39% das raparigas diz ter conversado sobre o assunto no último ano com o namorado/namorada, enquanto apenas 28% dos rapazes afirma o mesmo. Igualmente, no tema “risco de engravidar”, 38% das raparigas diz ter conversado sobre o assunto com o namorado/namorada, enquanto apenas 25% dos rapazes afirma o mesmo.

Os **professores** são também fontes importantes de informação, salientando-se 4 temas nos quais atingem uma taxa de cerca de 30%: “SIDA”, “outras IST”, “uso de contraceptivos” e “aborto”, não havendo diferenças significativas entre rapazes e raparigas.

O **pai** é um interlocutor privilegiado sobretudo para os rapazes, embora em apenas dois temas

■ Temas preferenciais de conversa segundo o interlocutor



obtenha uma percentagem acima dos 30%: "aborto" (34% dos rapazes e 31% das raparigas) e "SIDA" (37% dos rapazes e 28% das raparigas).

Os **profissionais de saúde** têm um peso equivalente ao dos/as **irmãos/irmãs** e **outros familiares** enquanto fontes de informação, sempre com uma média abaixo dos 20% (exceptua-se apenas o tema "mudanças no corpo na adolescência" que, no caso das raparigas, abordam com o/a irmão/irmã em cerca de 21% dos casos). O tema mais abordado com os profissionais de saúde é o da "contraceção", rondando os 20%; este tema tem, no entanto, como contraponto as taxas que rondam os 60% quando se avaliam as conversas com amigos/as.

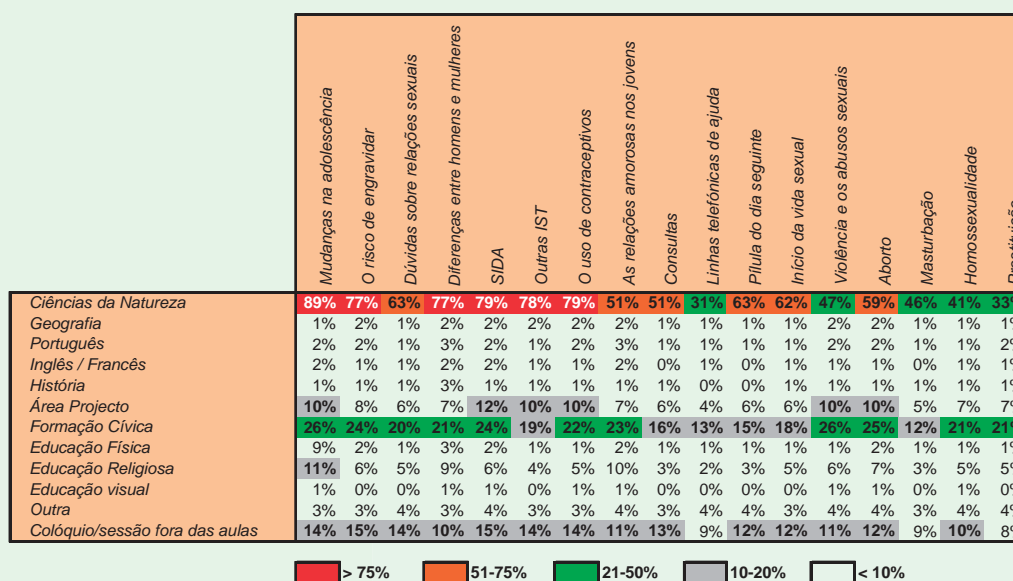
Noutra área do questionário, procura-se analisar

o papel da escola na educação sexual, perguntando-se aos jovens se aqueles mesmos temas são abordados no contexto escola, durante as aulas no 3.º ciclo e secundário.

## NO 3.º CICLO

Todos os temas em causa são abordados em todas as disciplinas, destacando-se visivelmente a disciplina de **Ciências da Natureza** como aquela em que os conteúdos são mais debatidos e, em segundo plano, a disciplina de **Formação Cívica**. Esta ordem de importância mantém-se em todos os assuntos que tocam a sexualidade.

No pólo oposto encontra-se a disciplina de **Educação Visual**, onde só muito raramente são abordados os assuntos da sexualidade (menos de 1% em todos os temas).



Em pormenor, seguem-se as disciplinas ordenadas pela frequência média com que abordam os temas da sexualidade:

| Disciplina                       | Frequência com que abordam os temas | Temas mais abordados                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|----------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Ciências da Natureza             | 60,26%                              | "Mudanças no corpo na adolescência" atinge os 89%                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| Formação Cívica                  | 20,36%                              | "Violência e abusos sexuais" e "Mudanças no corpo durante a adolescência" atinge os 26%                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| Colóquios/sessões fora das aulas | 11,83%                              | 14 temas situam-se entre os 10% e 15%, sendo que "SIDA" e "Risco de engravidar" foram temas referidos por 15% dos jovens                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| Área Projecto                    | 7,72%                               | atinge os 12,7% no tema "SIDA"                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| Educação Religiosa               | 5,54%                               | atinge os 11% no tema "Mudanças no corpo na adolescência", mas assume uma importância entre os 5% e os 10% em temas como "Risco de engravidar", "Dúvidas sobre relações sexuais", "Diferenças entre os homens e as mulheres", "SIDA", "Métodos contraceptivos", "Relações amorosas", "Início das relações sexuais", "Violência e abusos sexuais", "Aborto", "Homossexualidade" e "Prostituição" |
| Outra disciplina                 | 3,55%                               | em todos os temas rondando os 3% ou 4%                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| Educação Física                  | 1,82%                               | atinge os 9,3% no tema "Mudanças no corpo durante a adolescência", mas em todos os outros temas reduz-se a uma importância na ordem de 1%                                                                                                                                                                                                                                                       |
| Português                        | 1,54%                               | atinge os 2,8% no tema "Relações amorosas entre os jovens"                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| Geografia                        | 1,31%                               | atinge os 2,4% no tema "SIDA"                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| História                         | 1,03%                               | atinge os 2,7% no tema "Diferenças entre os homens e as mulheres"                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| Inglês/Português                 | 1,01%                               | atinge os 2,3% no tema "Relações amorosas entre os jovens"                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| Educação Visual                  | 0,47%                               | atinge o valor máximo de 0,8% no tema "SIDA"                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |

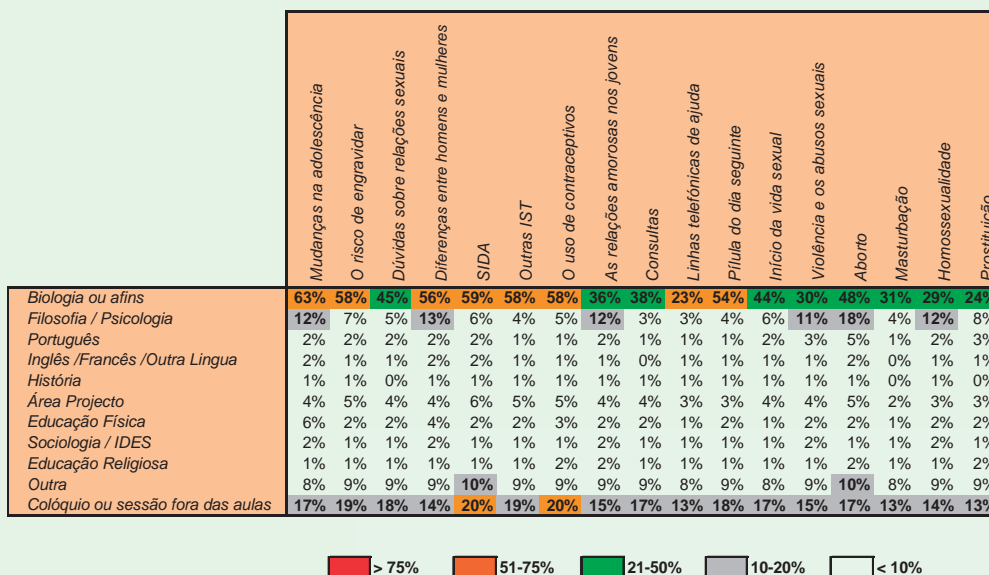
## NO SECUNDÁRIO

Nesta parte do questionário, mais de 50% dos inquiridos não assinala resposta nenhuma, pois cerca de metade da amostra encontra-se no 10.º ano e, como tal, ainda não percorreu o ensino secundário para poder responder às questões. Assim, como seria de esperar, as frequências de resposta nesta parte do questionário são bem menores do que se verificou até ao momento.

Tendo este factor em conta, verificamos que todos os temas são abordados em todas as disciplinas no Secundário, embora com muito menor frequência do que no 3.º ciclo. Destaca-se mais uma vez a disciplina de **Biologia e afins** como aquela em que os conteúdos são mais debatidos e em segundo lugar surgem agora os **Colóquios/sessões**. Neste nível de ensino, a disciplina que menos toca a Educação Sexual é, segundo os inquiridos, a **História**.

Em pormenor, seguem-se os temas mais referidos nas respectivas disciplinas pelo conjunto dos inquiridos:

| Disciplina                                                        | Frequência com que abordam os temas | Temas mais abordados                                                                                                                                |
|-------------------------------------------------------------------|-------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Biologia ou Afins</b>                                          | 21,06%                              | atinge os 30% no tema "Mudanças no corpo na adolescência"                                                                                           |
| <b>Colóquios/sessões</b>                                          | 7,74%                               | em todos os temas sem excepção entre os 6% e 9%                                                                                                     |
| <b>Outras disciplinas</b>                                         | 4,21%                               | em todos os temas sem excepção ronda os 4%                                                                                                          |
| <b>Filosofia/Psicologia</b>                                       | 3,70%                               | atinge os 8,5% no tema "Aborto"                                                                                                                     |
| <b>Área Projecto</b>                                              | 1,86%                               | apresenta também constância, não ultrapassando os 3% em nenhum tema                                                                                 |
| <b>Português</b>                                                  | 0,95%                               | o tema mais abordado foi o "Aborto", com 2,3%                                                                                                       |
| <b>Educação Física</b>                                            | 1,00%                               | tal como no 3.º ciclo, o único tema que se demarca nesta disciplina é o das "Mudanças no corpo na adolescência", não ultrapassando no entanto os 3% |
| <b>Educação Religiosa</b>                                         | 0,61%                               | sendo que todas os temas apresentam percentagens abaixo de 1%, exceptuando-se o tema "Aborto", que atinge 1,1%                                      |
| <b>Sociologia/IDES (Introdução ao Desenv. Económico e Social)</b> | 0,60%                               | sendo que todos os temas apresentam percentagens abaixo de 1%, exceptuando-se o tema "Diferenças entre homens e mulheres" que atinge 1,1%           |
| <b>Inglês/Francês</b> ou outra Língua                             | 0,52%                               | atinge o valor mais elevado de 1% nos temas "Mudanças no corpo na adolescência", "Diferenças entre homens e mulheres" e "Aborto"                    |
| <b>História</b>                                                   | 0,32%                               | os temas mais abordados foram "O Uso dos Métodos Contraceptivos" e as "Diferenças entre homens e mulheres", não ultrapassando no entanto os 0,5%    |



## COMENTÁRIO SÍNTESE

### Os espaços e actores da aprendizagem sexual

É importante, em primeiro lugar, salientar o papel dos amigos como fonte de informação/educação sexual, sobretudo para as raparigas, denotando a preferência dos jovens por abordar estes assuntos em contextos informais e em que não se têm de expor a um adulto.

Em segundo lugar, de realçar o significativo papel das mães, sobretudo para as raparigas sendo, no entanto, este papel claramente limitado para a maior parte dos jovens no tocante à abordagem dos temas relacionados com a sexualidade juvenil, nomeadamente o início da vida sexual e as dúvidas sobre relações sexuais. O papel do pai é secundário, sendo aparentemente mais relevante em temas exteriores à intimidade dos jovens.

Os namorados e namoradas ocupam um lugar menos importante do que as mães, excepto quando as dúvidas se relacionam com o início das relações sexuais.

Os professores são menos relevantes enquanto fontes de informação, destacando-se nos temas como a SIDA e a contracepção, que integram o modelo de educação sexual predominante nas escolas, ou seja, o modelo preventivo.

É ainda de salientar o recurso diminuto a técnicos fora da escola, como por exemplo, os profissionais de saúde.

### O papel da escola na educação sexual dos jovens

A educação sexual no 3º ciclo ocorre sobretudo nas disciplinas ligadas às Ciências da Natureza/Biologia que parecem não se limitar aos aspectos preventivos e são referidas, pela

maioria dos jovens, como espaços de abordagem de muitos outros temas de educação sexual.

O único espaço curricular com alguma relevância, para além deste, é a área curricular não disciplinar de Formação Cívica.

Também no Ensino Secundário, a área que mais aborda temas de educação sexual é a “Biologia ou Afins”, referida no entanto por bastante menos jovens comparativamente ao 3º Ciclo, o que resulta do facto de nem todos os jovens terem esta dis-

ciplina. Somente a Filosofia aparece como uma área significativa na promoção da educação sexual, em conjunto com os Colóquios, estes ligados a temas de natureza preventiva.

O papel da escola na educação sexual dos jovens é referido por uma percentagem significativa o que, de certa forma, revela as mudanças ocorridas nos últimos anos no sentido de um maior envolvimento dos estabelecimentos de ensino e professores na promoção deste tipo de actividades e programas.

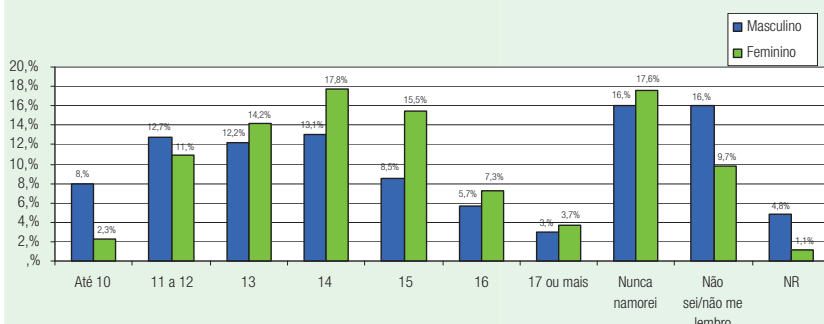
## Parte D – As relações afectivas e o início das relações sexuais nos jovens

Nesta parte do questionário procurou-se conhecer as práticas dos jovens no âmbito da sexualidade, designadamente sobre o início das relações amorosas e sexuais.

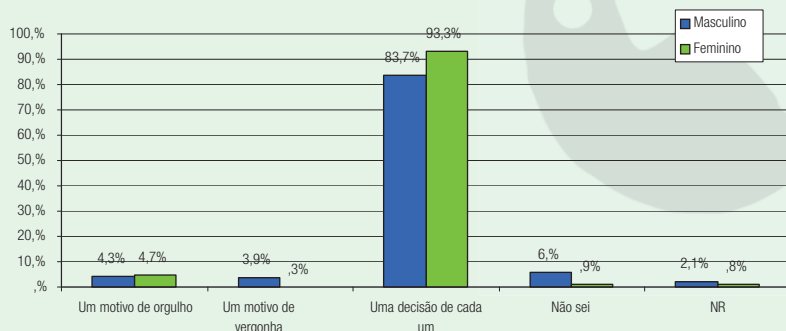
Quase 70% da amostra revela que já **namorou**, sendo que a maioria destes iniciou esse relaciona-

mento pelos 14 anos. Os rapazes afirmam ter iniciado mais cedo (8% diz ter começado antes dos 10 anos, contra 2,3% das raparigas) e as raparigas dizem ter começado mais tarde. É de assinalar que 17% afirma que “nunca namorou” (nestes, são mais as raparigas) e 12,3% “não se lembra” (nestes, são mais os rapazes).

**D1.** Não contando os namoros da infância, que idade tinha quando começou a namorar pela primeira vez?



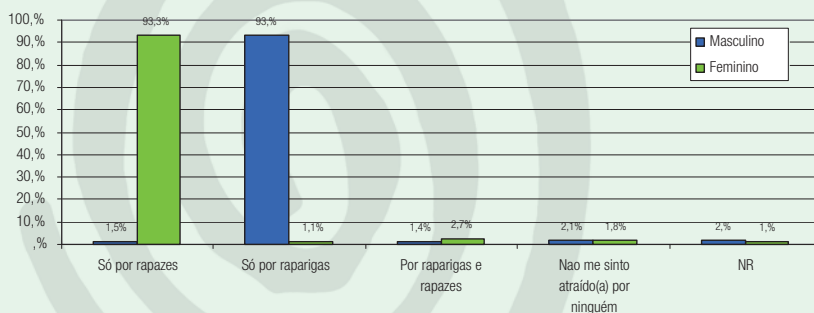
**D2.** Na sua opinião, ser virgem é:



Para a grande maioria dos jovens, a expressão “**ser virgem**” associa-se a uma decisão pessoal, já que quase 90% considera que é “uma decisão de cada um”; para 5% dos jovens, ser virgem é “um motivo de orgulho” e para 2% um “motivo de vergonha”.

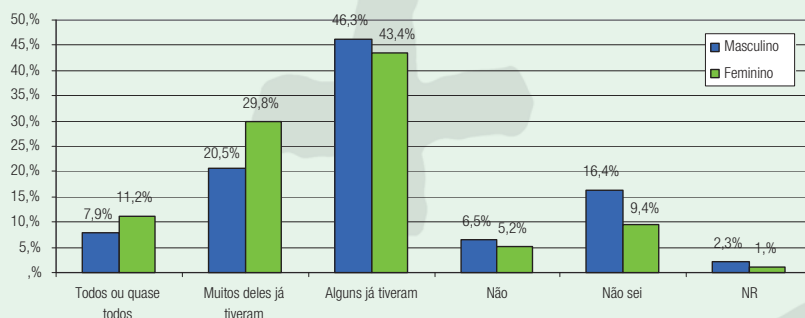
Analisando a mesma questão segundo os sexos, verificamos que as raparigas são mais da opinião que é “uma decisão de cada um” (93% do sexo feminino para 84% do sexo masculino); as restantes respostas dividem-se entre os que acham que é “motivo de vergonha” (3,9% do sexo masculino para apenas 3% do sexo feminino), um “motivo de orgulho” (4,3% dos rapazes e 4,7% das raparigas) e os que respondem “não sei” (6% dos rapazes e apenas 0,8% das raparigas).

## D3. Normalmente sente-se atraído/a ...



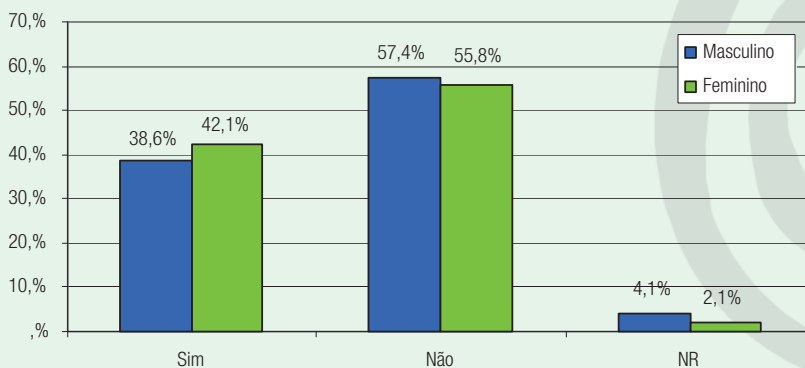
Relativamente à **orientação sexual**, 93% dos rapazes e 93,3% das raparigas dizem sentir-se atraídos(as) apenas por pessoas do sexo oposto ao seu, ao passo que 1,5% dos rapazes e 1,1% das raparigas afirmam que normalmente se sentem atraídos(as) por pessoas do mesmo sexo. Para além destes, 1,4% dos rapazes e 2,7% das raparigas dizem sentir-se atraídos(as) por pessoas de ambos os sexos, enquanto 2,1% de rapazes e 1,8% de raparigas dizem não se sentir atraídos(as) por ninguém.

## D4. Achas que a maioria dos teus amigos/as já teve relações sexuais?



Questionaram-se ainda os jovens sobre **relações sexuais**. Numa primeira fase pronunciando-se sobre "os outros": cerca de metade dos rapazes (46%) e metade das raparigas (43%) acredita que a maioria dos seus amigos já teve relações sexuais. Esta perspectiva apresenta uma relação directa com a idade: quanto mais velhos são os jovens, mais afirmam que os seus amigos já tiveram relações sexuais.

## D5. E no seu caso, já teve relações sexuais?



Quando perguntamos concretamente no caso dos inquiridos, se já tiveram relações sexuais, 57% dos rapazes e 56% das raparigas afirmam que não, ao passo que 42% das raparigas e 37% dos rapazes afirma que já teve relações sexuais.



Mais uma vez verificamos que existe, neste aspecto, uma relação directa com a idade, como seria aliás de esperar: quanto mais velhos são os jovens, maior é o número daqueles que dizem já ter iniciado as relações sexuais (72% dos que têm 19 ou mais anos dizem que já tiveram relações sexuais e em contraponto 20% dos jovens com 15 anos ou menos afirmam o mesmo).

Quando cruzamos a variável “já teve relações sexuais” no caso das raparigas e rapazes e a “qualidade da informação” que têm nos temas da sexualidade, verificamos que há uma associação entre estas variáveis. No caso dos rapazes, esta associação é estatisticamente significativa, indicando que os jovens com piores níveis de educação sexual envolvem-se com maior frequência em relações sexuais, enquanto os jovens rapazes com melhores conhecimentos apresentam envolvimento menos frequente em relações sexuais ( $\chi^2 = 17,911$ ;  $p = <.001$ ). No caso das raparigas, esta associação entre as variáveis não existe.

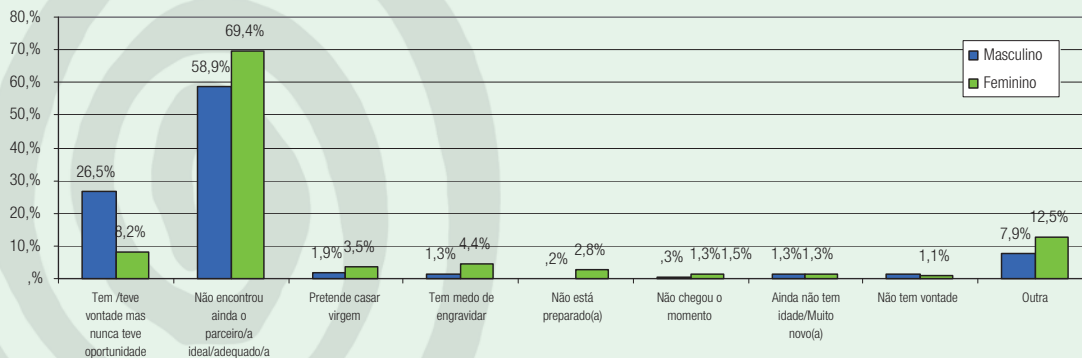
Quando cruzamos a variável “já teve relações sexuais” e a escolaridade dos pais e mães, verificamos também que existe associação estatisticamente significativa entre estas variáveis: de média intensidade no que diz respeito aos pais, o que indica que os jovens cujos pais têm níveis mais elevados de escolaridade se envolvem menos em relações sexuais ( $\chi^2 = 20,615$ ;  $p = <.01$ ); de forte intensidade no caso das mães, o que indica que os jovens cujas mães têm maiores níveis de escolaridade se envolvem igualmente menos em relações sexuais ( $\chi^2 = 23,564$ ;  $p = <.001$ ). Por oposição, são os jovens cujos pais têm menores níveis de escolaridade que mais se envolvem em relações sexuais.

Por último, analisando a questão “já teve relações sexuais” segundo a “religião” dos jovens, verificamos também que existe uma associação significativa de média intensidade entre as variáveis ( $\chi^2 = 20.879$ ;  $p = <.01$ ). Embora em todos os casos a maioria dos jovens ainda não tenha iniciado relações sexuais, dos que já o fizeram, é sobretudo entre os que se dizem “ateus”, “indiferentes”, “agnósticos” e “católicos não praticantes” que as proporções mais se aproximam. Por outras palavras, entre os “católicos praticantes”, “protestantes” e os jovens com “outra crença religiosa” a proporção dos que ainda não iniciaram relações sexuais é significativamente maior do que a daqueles que já iniciaram relações sexuais.

### Jovens que não tiveram relações sexuais

No total da amostra, e como já vimos, uma média de 57% dos inquiridos responde que ainda não iniciou relações sexuais e para tal apresentam diferentes **motivos**, sobretudo se olharmos sob uma perspectiva de género; destes, a maioria diz que não o fez porque “não encontrou ainda o parceiro/a ideal” (69% das raparigas e 59% dos rapazes). Podemos ainda observar que são mais os rapazes que dizem “já ter/ter tido vontade mas não oportunidade” (27% dos rapazes e 8% das raparigas). Os dados indicam que as raparigas apresentam como motivo para adiar as relações sexuais a intenção “de casar virgem” (3,5% das raparigas e 1,9% dos rapazes), o “medo de engravidar” (4,4% de raparigas e 1,3% de rapazes) e ainda o facto de “não estar preparada” (2% das raparigas e apenas 0,2% dos rapazes). As outras razões invocadas não apresentam diferenças a assinalar entre rapazes e raparigas e têm frequências muito baixas.

## ■ D6. Nunca teve relações sexuais porque:

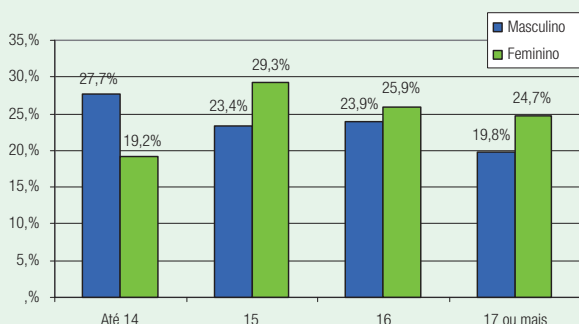


A variável idade não apresenta neste aspecto diferenças significativas, já que as proporções de motivos invocados pelos jovens se mantêm em todos as idades.

## Jovens que já tiveram relações sexuais

Para aqueles que já tiveram relações sexuais, isto é, para cerca de 40% dos jovens, perguntou-se **que idades tinham quando da 1.ª relação**. Os resultados demonstram-nos que a média dos rapazes iniciou ligeiramente mais cedo: a maioria dos rapazes teve a 1.ª relação sexual

## ■ D7. Que idade tinha quando teve a sua primeira relação sexual?



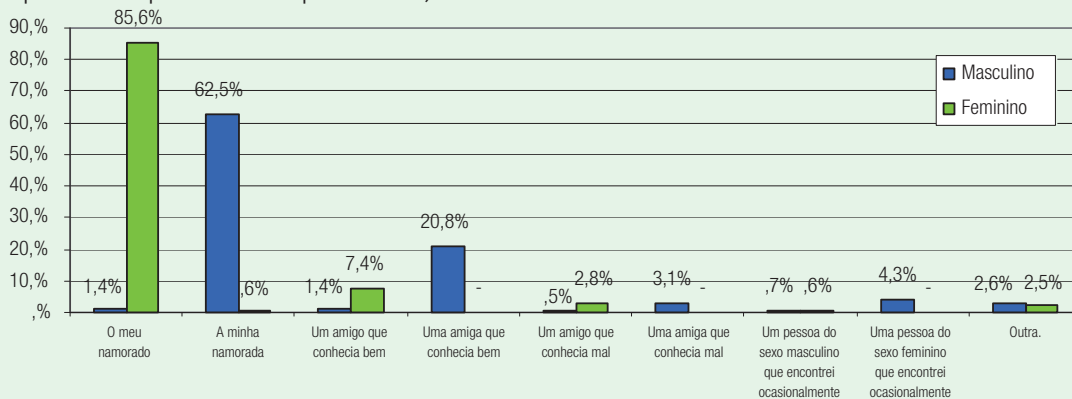
aos 14 anos, enquanto as raparigas o fizeram aos 15 anos.

Quando cruzamos a “qualidade da informação” que os jovens têm nos temas da sexualidade e “a idade com que iniciaram relações sexuais”, verificamos que os níveis mais elevados de educação sexual estão associados a um envolvimento mais tardio em relações sexuais. Esta associação é estatisticamente significativa no caso dos rapazes ( $\chi^2 = 21,667$ ;  $p = <.05$ ) e não é significativa no caso do sexo feminino.

Analisando “a idade com que iniciaram relações sexuais” e a “escolaridade dos pais e mães”, verificamos o seguinte: a idade de início das relações sexuais é mais tardia entre os jovens cujas mães têm níveis de escolaridade mais elevados ( $\chi^2 = 38413$ ;  $p = <.05$ ).

Os **parceiros** na primeira relação sexual foram, para a maior parte das raparigas (86%) “o namorado”, ao passo que para os rapazes esta primeira relação sexual foi em 63% dos casos com “a namorada” e em 21% dos casos com “uma amiga que conhecia bem”. Para as raparigas, o “amigo que conhecia bem” foi o parceiro em 7,4% dos casos. “Um amigo que conhecia mal” e

■ D8. A pessoa com quem teve a sua primeira relação sexual era:



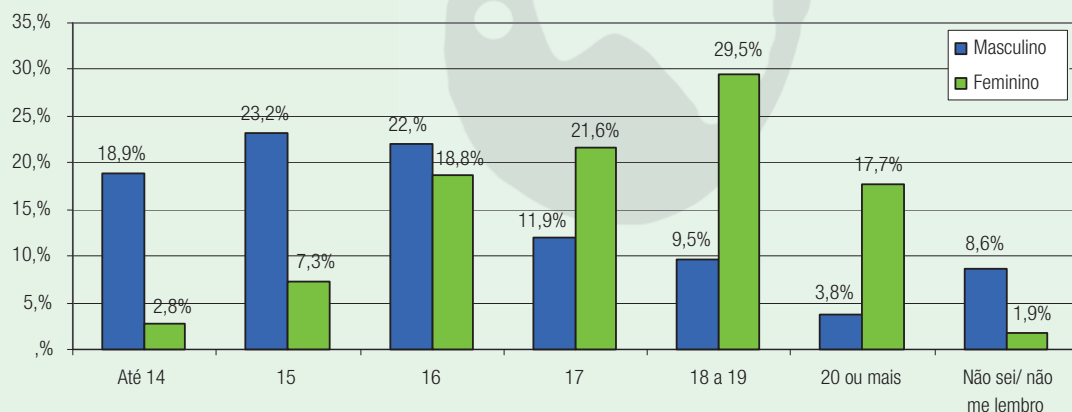
“uma pessoa do sexo masculino que encontrei ocasionalmente” foi o parceiro de 2,8% e 0,6% das raparigas, respectivamente. Relativamente aos rapazes, “uma amiga que conhecia mal” e “uma pessoa do sexo feminino que encontrei ocasionalmente” foram as parceiras em 3,1% e 4,3% das primeiras relações sexuais, respectivamente.

**Com parceiros do mesmo sexo:** 1,4% dos rapazes iniciou as relações sexuais “com o namorado” e o mesmo número “com um amigo que conhecia bem”, e 0,6% das raparigas “com a namorada”. Em 0,5% dos casos dos rapazes, a primeira relação sexual foi com “um amigo que

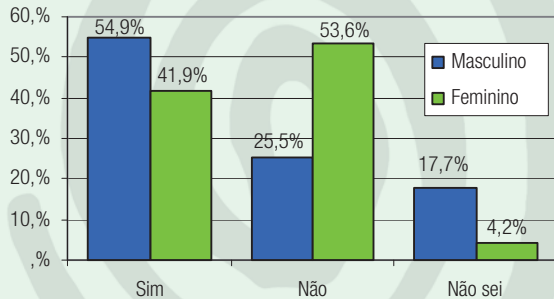
conhecia mal” e em 0,7% com “uma pessoa do sexo masculino que encontrei ocasionalmente”. Não se registou nenhuma rapariga que tenha referido como parceira na primeira relação sexual “uma amiga que conhecia bem”, “uma amiga que conhecia mal” ou “uma pessoa do sexo feminino que encontrei ocasionalmente”.

Relativamente à **idade do/a parceiro/a** nessa primeira relação sexual, no caso das raparigas, era mais velho do que no caso dos rapazes: em 64% dos casos, a parceira dos rapazes tinha 16 anos ou menos e para apenas 29% das raparigas o parceiro estava nessa faixa de idades. Em con-

■ D9. Na altura, que idade tinha essa pessoa?



■ **D10.** Foi também a 1.ª vez para essa pessoa?

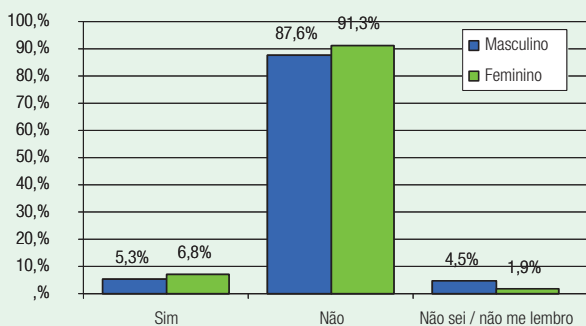


trapaçada, cerca de 68% dos parceiros das raparigas tinha 16 anos ou mais, enquanto apenas 26% das parceiras dos rapazes se encontrava nessa idade.

Observando a mesma questão sob a perspectiva das idades dos inquiridos, podemos concluir que quanto mais velhos estes são, maior tende a ser a idade indicada para o/a parceiro/a da primeira relação sexual.

Para 55% dos rapazes, a/o parceira/o nessa primeira relação sexual também nunca tinha tido

■ **D11.** Sentiu-se pressionado/a para ter relações sexuais?



relações sexuais, ao passo que só para 42% dos/as parceiros/as das raparigas terá sido também a 1.ª vez. Em 18% dos casos, os rapazes não têm conhecimento sobre esta questão e o mesmo acontece com 4% das raparigas.

Neste aspecto, os dados mostram-nos que, quanto mais novos são os jovens, maior tende a ser a proporção dos que tiveram como parceiro alguém que também nunca tinha tido relações sexuais.

A maior parte dos jovens não se sentiu **pressionado/a** na primeira relação sexual (91% dos jovens do sexo feminino e 88% dos jovens do sexo masculino), mas 7% das raparigas diz que se “sentiu pressionada para ter relações sexuais” e o mesmo acontece com 5% dos rapazes. Esta questão não apresenta relevância quando se observam as idades dos inquiridos.

Quando cruzamos a “qualidade da informação” que os jovens têm nos temas da sexualidade e a resposta à questão “sentiu-se pressionado/a para ter relações sexuais”, verificamos uma associação significativa entre estas variáveis em ambos os sexos, embora seja mais significativa no caso das raparigas: os jovens rapazes com níveis mais elevados de educação sexual referem menos vezes que se sentiram pressionados no início das relações sexuais ( $\chi^2 = 12,612$ ;  $p = <.05$ ), e a associação é de forte intensidade no caso das raparigas ( $\chi^2 = 30,699$ ;  $p = <.001$ ), demonstrando que as raparigas com melhores níveis de educação sexual referem menos terem-se sentido pressionadas no início das relações sexuais.

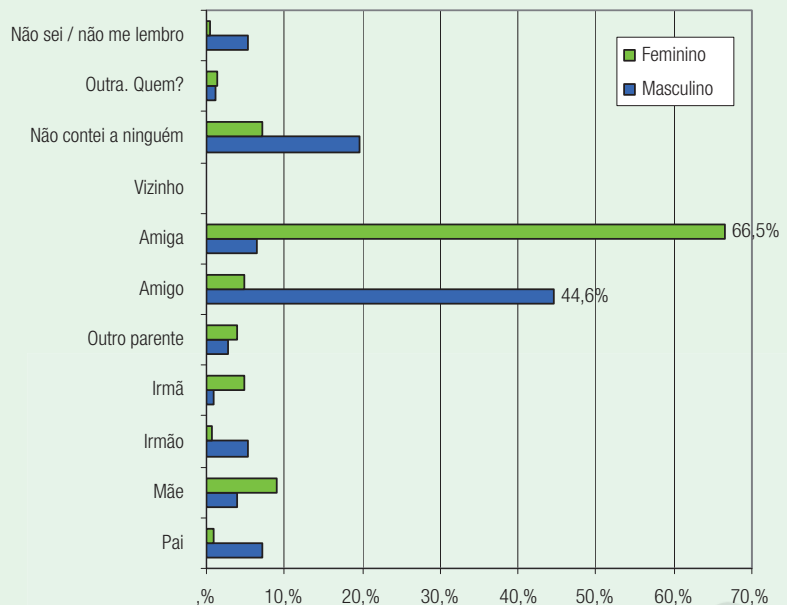
A **primeira pessoa a quem falaram** desta relação sexual foi, no caso de 67% das raparigas, “um/a amigo/a”, e o mesmo acontece com

45% dos rapazes, sendo de destacar que, para 20% dos rapazes, essa questão não foi partilhada com ninguém. Em quase 10% das raparigas, a primeira relação sexual foi falada com a mãe e em quase 10% dos rapazes foi falada com o pai.

As irmãs e irmãos são também interlocutores importantes nesta questão, sendo de assinalar que as raparigas privilegiam as irmãs e os rapazes os irmãos.

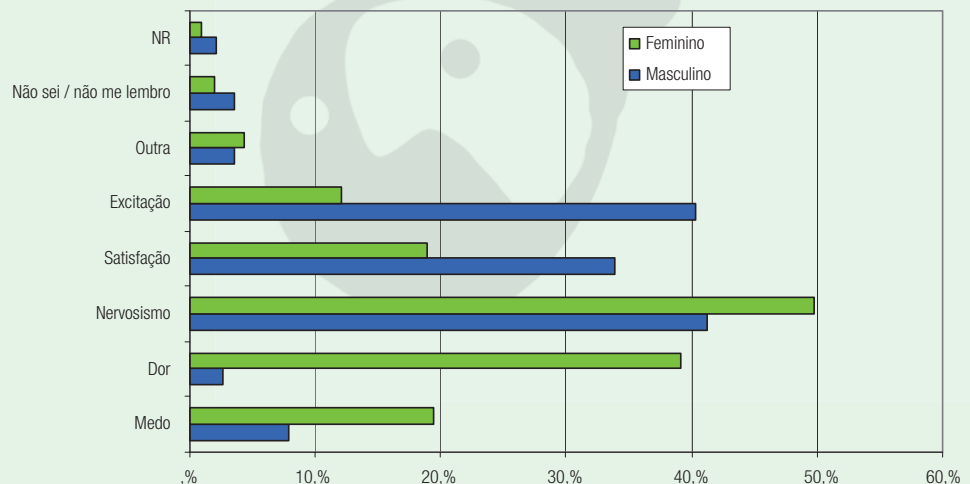
Nos **sentimentos e sensações** associados à primeira relação sexual afigura-se relevante a questão do género, sendo que o sentimento mais coerente para ambos os sexos na primeira relação sexual é o “nervosismo”, mas nas outras sensações a diferença é significativa entre os rapazes e as raparigas: para o sexo feminino os sentimentos mais negativos são

■ **D12.** A quem falou, em primeiro lugar, sobre a sua primeira relação



os que prevalecem, como a “dor” (quase 40% das raparigas e 3% dos rapazes) e o “medo” (em quase 20% das raparigas e 8% dos rapazes) e para os rapazes os sentimentos são mais positivos, como a “excitação” (40% dos rapazes e apenas 12% das raparigas) e a “satisfação” (33% dos rapazes e menos de 20% das raparigas).

■ **D13.** Durante a primeira relação sexual sentiu:



Quando cruzados os sentimentos e sensações anteriores com a variável "qualidade da informação" em ambos os sexos, verificamos que os jovens com mais elevados níveis de educação sexual referem menos vezes "medo" e "dor" no início das relações sexuais. Em contrapartida, nas raparigas, níveis elevados de educação sexual estão associados a níveis mais intensos de satisfação e de excitação na vivência das relações sexuais.

Relativamente a questões de **prevenção de gravidez** não desejada antes da 1.ª relação sexual, são sobretudo as raparigas que dizem ter conversado com o parceiro sobre o modo de evitar uma gravidez (84% do sexo feminino e 62% dos rapazes).

Observando a variável das idades, verificamos que quanto mais velhos são, menos terão abordado esta questão com o/a parceiro/a.

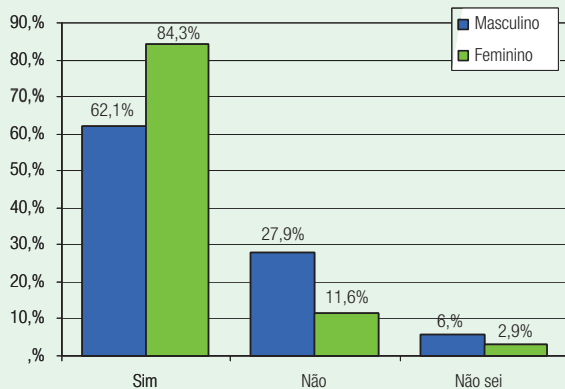
Quando se avalia a qualidade da informação cruzada com as conversas sobre contraceção

com o parceiro anteriores à primeira relação sexual, verificamos que em ambos os sexos, a percentagem daqueles que falaram sobre formas de evitar uma gravidez é mais alta entre os jovens que têm mais elevados níveis de conhecimentos. Esta associação entre as variáveis é estatisticamente significativa em ambos os sexos, apresentando equivalentes níveis de significância: no caso dos rapazes  $\chi^2 = 19.156$ ;  $p = <.0.05$  e, no caso das raparigas,  $\chi^2 = 18.911$ ;  $p = <.0.05$ .

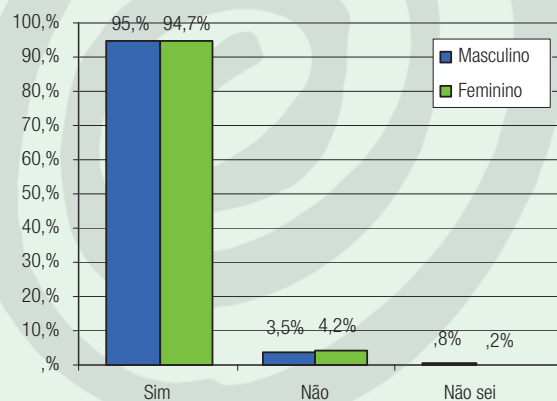
Dos que já iniciaram relações sexuais (num total de 1065 jovens), cerca de 95% utilizou na primeira relação sexual alguma forma de prevenção da gravidez (quer os rapazes quer as raparigas). Ao contrário, cerca de 4% dos rapazes e também das raparigas, diz que não utilizou qualquer método.

Observando a mesma questão à luz das idades, concluímos que os mesmos níveis de prevenção se mantêm em todas as idades, excepto nos mais velhos (com 19 ou mais anos), que apresentam a taxa mais baixa de "cuidado", ao nível dos 92%.

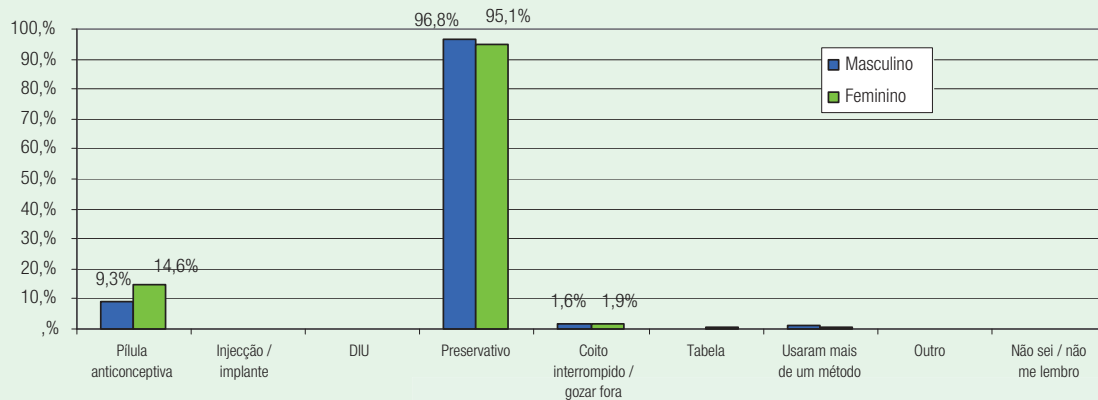
■ **D14.** Antes da 1.ª relação sexual ter acontecido, conversou com o/a parceiro/a sobre o modo de evitar uma gravidez



■ **D15.** Nessa 1.ª vez, tomaram algum cuidado para evitar a gravidez?



■ **D16.** Qual o cuidado que tiveram para evitar a gravidez?



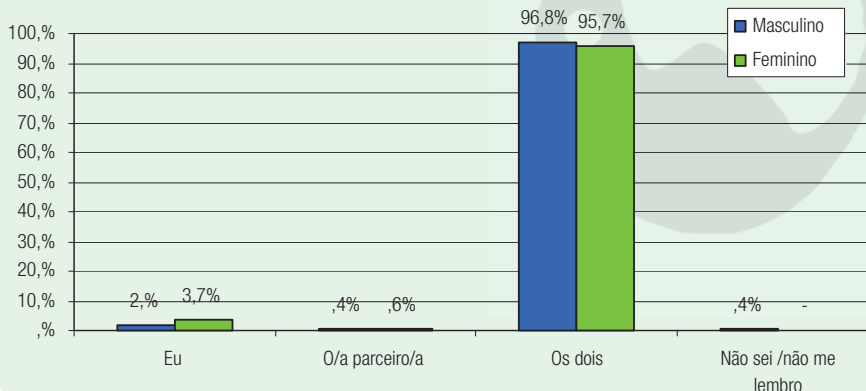
Dos que **utilizaram métodos contraceptivos** na primeira relação sexual, a grande maioria utilizou o preservativo: 97% dos rapazes e 95% das raparigas. No caso delas, em 15% foi utilizada a pílula e para os rapazes, em 9% dos casos. O 3.º método com mais significado é o coito interrompido, utilizado em 2% das situações, quer para as raparigas, quer para os rapazes.

Neste item, observa-se uma ligeira diferença no que toca ao uso do preservativo na primeira relação sexual dos mais velhos (19 ou mais anos), ficando-se pelos 91% e atingindo os 2,2% de utilização do coito interrompido.

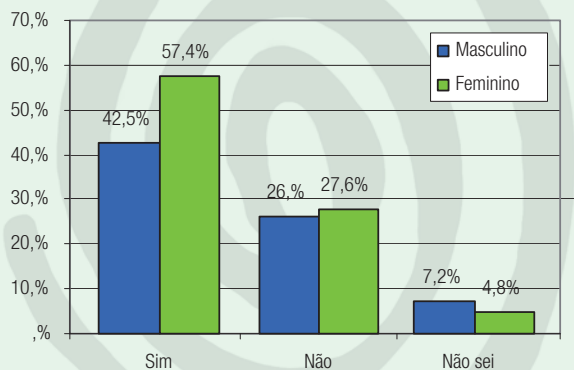
Os jovens dizem que o cuidado em evitar uma gravidez na primeira relação sexual foi **iniciativa** de ambos os parceiros (cerca de 97% dos rapazes e 96% das raparigas), sendo que quase 4% das raparigas diz que a iniciativa foi delas.

Tal como se verificou na prevenção da gravidez, também relativamente à **prevenção de infeções sexualmente transmissíveis** na primeira relação sexual, são as raparigas que mais dizem ter conversado com o parceiro sobre a questão (57% do sexo feminino e 42% do sexo masculino).

■ **D17.** Quem se preocupou em evitar a gravidez?



■ **D18.** Discutiu também com o/a seu/sua parceiro/a a prevenção das IST?



Observando a variável das idades, verificamos que quanto mais velhos são, menos terão abordado esta questão com o/a parceiro/a, sendo de destacar que 31% dos jovens com 19 ou mais anos não discutiu a prevenção das IST aquando da 1.ª relação sexual.

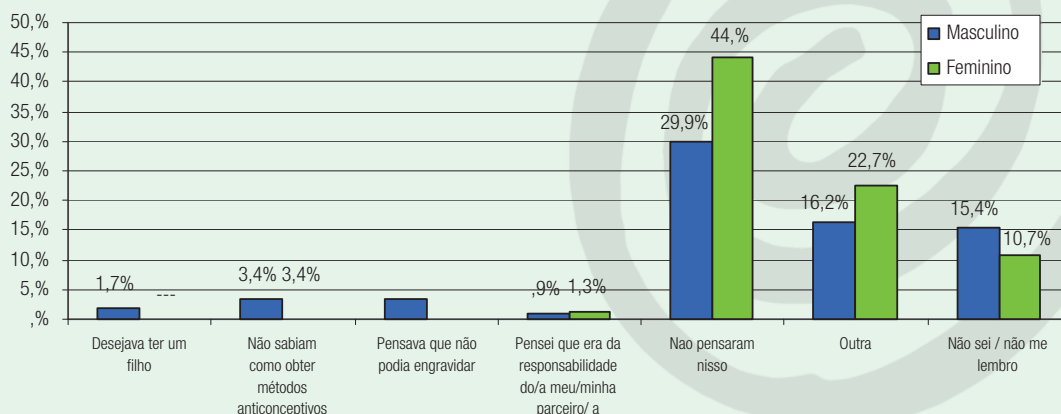
Agora, observando apenas aqueles que **não utilizaram métodos contraceptivos** na 1.ª relação sexual (e que, recordamos, são cerca de 4% dos jovens que respondeu a esta questão), a

maioria justifica que “não pensou nisso” (44% das raparigas e 30% dos rapazes). É de salientar a quantidade de rapazes que “pensava que não podia engravidar” e que “não sabia como obter métodos anticoncepcionais” (3,4% em cada resposta) e ainda 1,7% que “desejava ter um filho”. Em oposição, nenhuma rapariga assinala estas respostas.

Para todos os jovens que já iniciaram relações sexuais, perguntou-se se **mantiveram o relacionamento** com o parceiro/a da 1.ª relação sexual, e os resultados são os seguintes: para 47% das raparigas o parceiro mantém-se até ao momento e o mesmo acontece com 30% dos rapazes. Para cerca de 40% dos rapazes e das raparigas, esse relacionamento terminou; para 21% dos rapazes, não houve qualquer relacionamento posterior à relação sexual, e o mesmo aconteceu com 10% das raparigas.

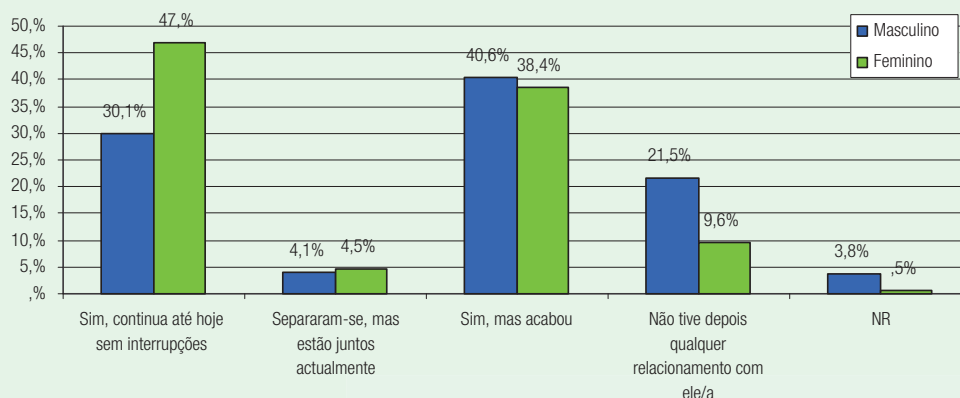
Daqueles cujo relacionamento se manteve por algum tempo e depois terminou, verificamos que

■ **D19.** Não tomaram nenhum cuidado para evitar a gravidez porque:





**D20.** Depois da primeira relação sexual continuou a manter um relacionamento com aquele/a parceiro/a?



para os rapazes a duração foi menor (para 31% não chegou a durar um mês e só em 12,5% das raparigas teve essa curta duração); para as raparigas esse relacionamento foi mais prolongado (em 26% das raparigas durou mais de um ano, ao passo que tal só aconteceu com menos de 10% dos rapazes).

E são os inquiridos mais velhos (com 19 ou mais anos) que mantiveram o relacionamento com o/a parceiro/a da 1.ª relação sexual por mais tempo (em cerca de 30% dos casos, durou mais de um

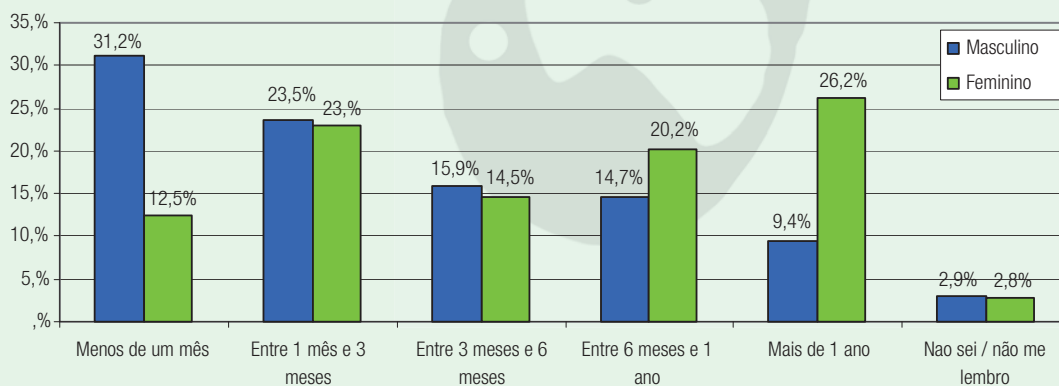
ano); para os mais novos, esse relacionamento foi menos duradouro.

## COMENTÁRIO SÍNTESE

Os dados revelam, em primeiro lugar, que a maior parte dos jovens já se envolveu numa relação amorosa com alguma duração, que reconhecem como “relação de namoro”.

Em relação à sua orientação sexual, os jovens revelam uma orientação predominantemente hete-

**D21.** Durante quanto tempo ficaram juntos?



rossexual – 93% afirmam sentir-se atraídos por pessoas do sexo oposto, e 3,8% afirmam o contrário.

Dos jovens que participaram no estudo, cerca de 43% das raparigas e 39% dos rapazes afirmaram já ter tido relações sexuais. Este dado é surpreendente quando comparado aos estudos existentes em Portugal sobre o comportamento sexual dos jovens, em que são maioritariamente os rapazes a afirmar ter iniciado relações sexuais.

Os nossos dados confirmam, pois, um processo de aproximação de atitudes e comportamentos entre os géneros. De referir também que os jovens que não iniciaram ainda relações sexuais, não o fizeram sobretudo porque ainda não encontraram o “parceiro” ou “parceira” ideal ou porque não surgiu a oportunidade. Em termos de saúde sexual e reprodutiva, estes dados trazem implicações importantes na necessidade de uma educação contraceptiva eficaz e de um acesso fácil aos métodos contraceptivos para os jovens que deles necessitam.

As relações sexuais aconteceram maioritariamente com o namorado/a ou com “um/a amigo/a

que conhecia bem”, o que afasta a ideia de um modelo predominante de relação pontual ou ocasional. Estes dados são ainda reforçados pelo facto de 47% das raparigas e 30% dos rapazes afirmarem manter até à data esse mesmo relacionamento.

Por outro lado, a maior parte dos jovens que tiveram relações sexuais afirmam não se terem sentido pressionados. Se o nervosismo foi o sentimento predominante para ambos os sexos, as raparigas vivenciaram mais negativamente as suas primeiras experiências sexuais com sentimentos de medo e, sobretudo, de dor.

A maior parte dos jovens conversou sobre a prevenção dos riscos e utilizou o preservativo na 1.ª relação sexual, o que denota a interiorização de hábitos preventivos em termos da saúde sexual e reprodutiva.

Finalmente, realçamos que os rapazes que iniciaram mais tardiamente as relações sexuais, aqueles que abordaram previamente a prevenção e as raparigas que tiveram uma vivência mais positiva da primeira experiência sexual demonstraram melhores resultados na escala de conhecimentos.

## Parte E – Relações afectivas e sexuais: a situação actual

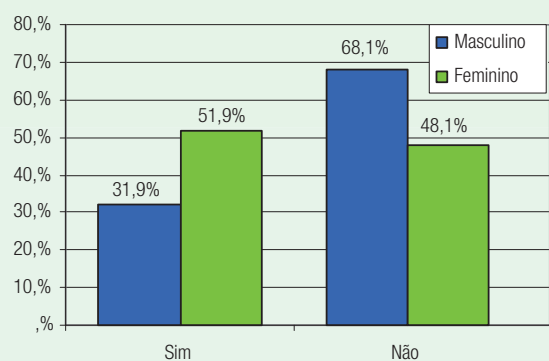
Nesta parte do estudo aborda-se a situação actual no que respeita aos relacionamentos afectivos e sexuais dos jovens.

Dos jovens que têm experiência de relações sexuais, verificamos que uma média de 43% **namora** actualmente e tem relações sexuais. Nestes, são mais numerosas as raparigas (52%), enquanto 68% dos rapazes dizem que não mantêm actualmente qualquer relacionamento que inclua relações sexuais.

Numa perspectiva etária, observamos que quanto mais velhos são os jovens, maior tende a ser a proporção daqueles que namora actualmente.

Dos que mantêm actualmente um relacionamento, a maioria está junto há mais de um ano, mas podemos observar que em geral as relações dos rapazes são menos duradouras e a mesma situa-

■ E1. Tem actualmente um relacionamento (namoro) que inclua relações sexuais?



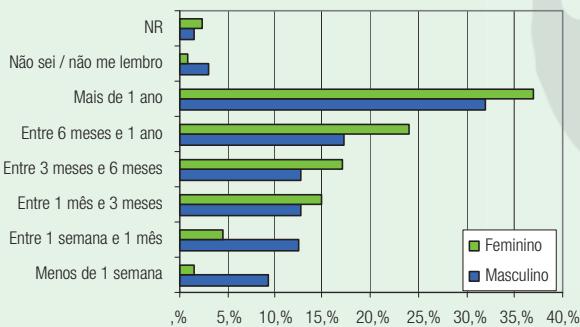
ção ocorre com as relações amorosas dos inquiridos mais jovens.

Para os rapazes, o **tempo entre o início do relacionamento e a data em que têm relações sexuais** é em média menor do que no caso das raparigas, sendo que o tempo médio para ambos é “entre 1 mês e 3 meses”. Estes resultados não se mostram diferentes quando observamos a variável idade.

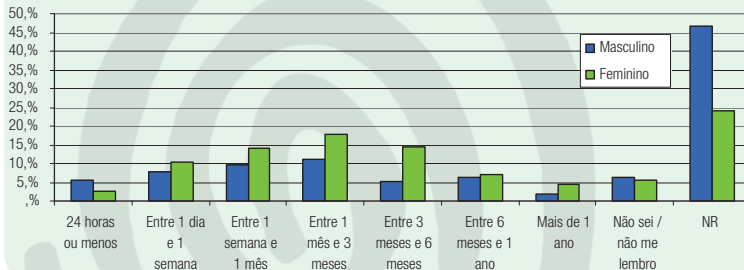
Os **sentimentos** expressos a propósito do/a parceiro/a são também diferentes consoante o género: as raparigas afirmam estar “apaixoadas” em 59% das situações e, em contrapartida, só 30% dos rapazes afirma o mesmo. Mais uma vez, esta questão não apresenta diferenças segundo as idades.

Em relação ao **preservativo**, cerca de 36% dos rapazes e 38% das raparigas dizem que o “usa-

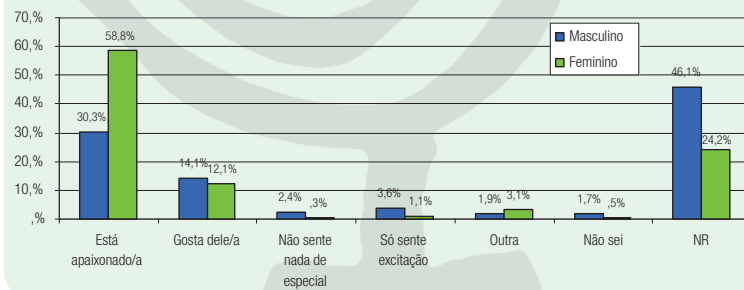
■ E2. E2. Há quanto tempo estão juntos?



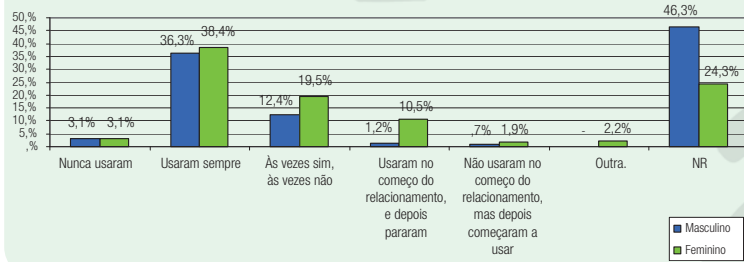
### E3. Quanto tempo depois de terem iniciado o relacionamento, tiveram relações sexuais?



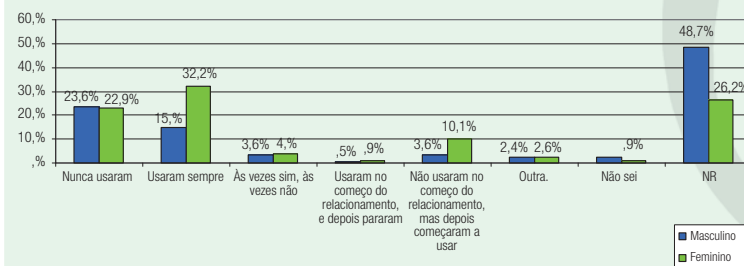
### E4. Em relação ao teu/tua parceiro/a sentes que:



### E5. Em relação ao preservativo, no vosso relacionamento:



### E6. Não considerando o preservativo, usam outro método para evitar a gravidez?



ram sempre”, por oposição aos que “nunca usaram” (3,1% dos rapazes e das raparigas). Cerca de 20% das raparigas dizem que usaram “às vezes sim, às vezes não” e 10,5% “usaram no começo do relacionamento e depois pararam”. Aproximadamente metade dos rapazes não responde a esta questão.

No que diz respeito às idades, quanto mais velhos são, mais inconsistente é a utilização do preservativo.

Ainda relativamente ao uso do preservativo, verifica-se que existe uma associação estatisticamente significativa entre níveis elevados de educação sexual e o uso mais frequente do preservativo ( $\chi^2 = 27,170$ ;  $p = <.0,05$ ).

Não considerando o preservativo, 32% das raparigas “utiliza sempre” **outro método**, assim como 15% dos rapazes. Cerca de 23% dos rapazes e também das raparigas, “nunca usaram” outro método. Perto de 10% das raparigas “não utilizavam no início do relacionamento, mas depois começaram a utilizar”.

Ao contrário do que se verificou com o preservativo (cujo uso era mais inconsistente com a idade), quando se questionam os jovens sobre a utilização de outro método para evitar a gravidez, estes demonstram um uso tendencialmente mais consistente com o avançar da idade.

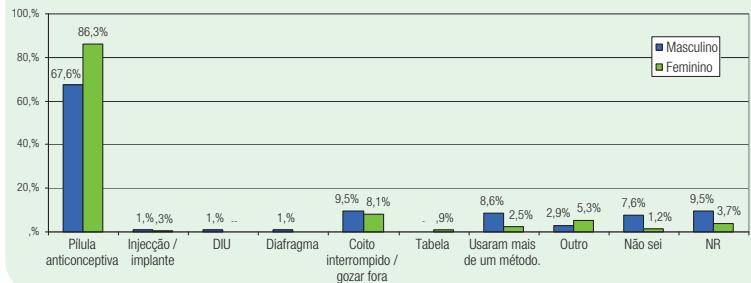
Ainda relativamente ao uso de métodos contraceptivos na primeira relação sexual, verifica-se que existe uma associação estatisticamente significativa entre níveis elevados de educação sexual e o uso mais frequente de contraceptivos ( $\chi^2 = 41,029$ ;  $p = <.0,05$ ).

Quando afirmam que utilizam algum **método contraceptivo** além do preservativo, os jovens estão a referir-se em 82% dos casos à “pílula contraceptiva” (e apresentam a maior percentagem na região do Algarve, com 90%), mas também ao “coito interrompido”, que apresenta taxas de utilização de 8% para as raparigas e 10% para os rapazes (12% nos Açores). Estes resultados não têm expressões diferentes consoante as idades.

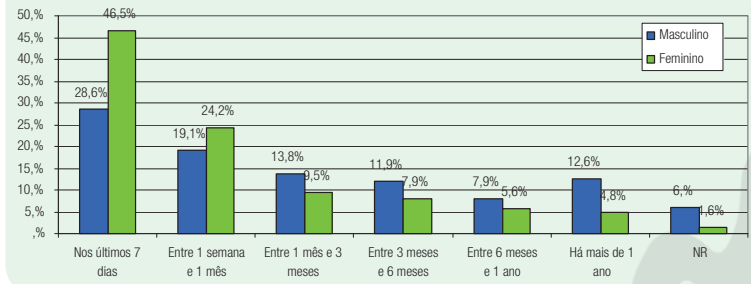
A todos os jovens que já iniciaram relações sexuais, independentemente de manterem actualmente um relacionamento, perguntou-se **quando ocorreu a última relação sexual**. Para as raparigas esta relação sexual foi mais recente e para os rapazes, há relativamente mais tempo: 47% das raparigas diz que foi “nos últimos 7 dias” (para os rapazes, esse valor desce para 29%) e para 24% “entre 1 semana e 1 mês” (para os rapazes, esse valor desce para 19%). Para 13% dos rapazes e para 5% das raparigas, foi “há mais de um ano”.

Estes valores apresentam uma relação inversa à idade: os mais novos tiveram relações sexuais há mais tempo, e os

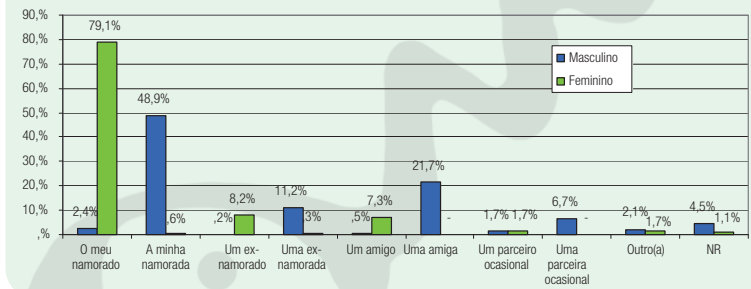
■ E7. Que método(s) costumam ou costumavam usar?



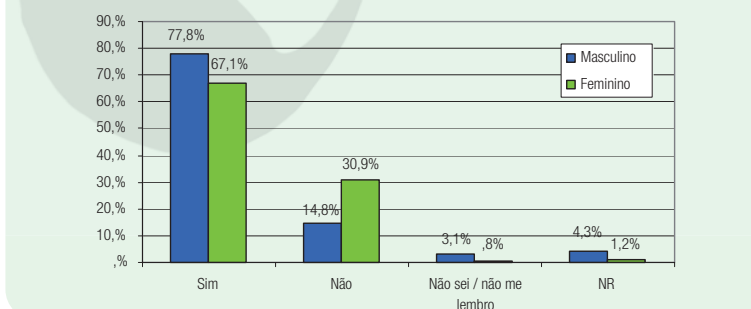
■ E8. Há quanto tempo teve a sua ÚLTIMA relação sexual?



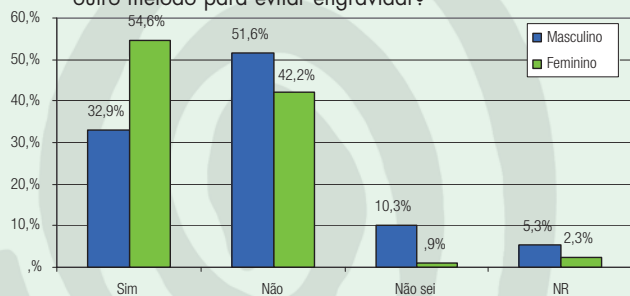
■ E9. E com quem foi?



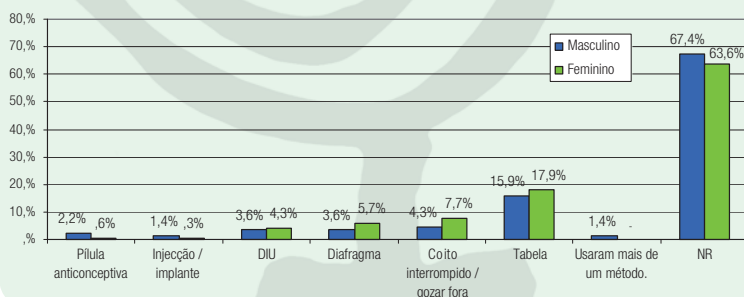
■ E10. Nessa ÚLTIMA relação sexual usaram um preservativo?



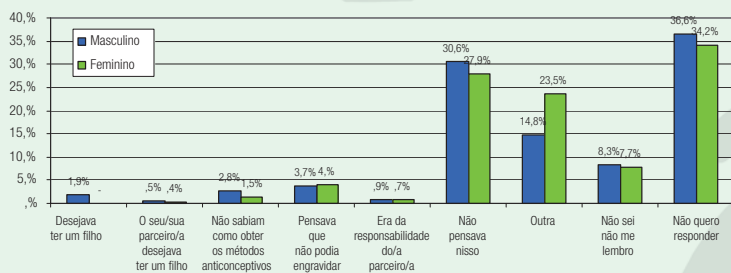
**E11.** Sem considerar o preservativo, estavam a usar ou usaram outro método para evitar engravidar?



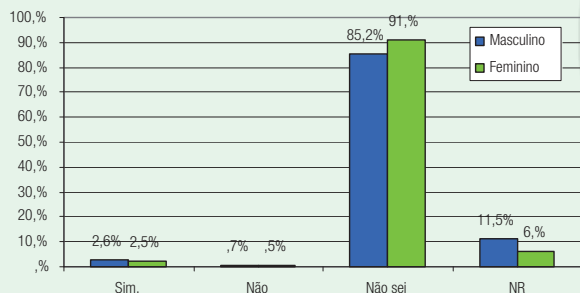
**E12.** Que outro método usaram na ÚLTIMA relação sexual?



**E13.** Não usaram nenhum método para evitar a gravidez porque:



**E14.** Alguma vez chegou (ou a sua parceira chegou) a engravidar?



mais velhos tiveram relações sexuais mais recentemente.

Esta última relação sexual teve como **parceiro/a**, em 68% dos casos, o/a namorado/a. Contudo, é interessante demonstrar que estes valores contêm diferenças substanciais consoante o género: para as raparigas o parceiro foi, em 79% dos casos "o namorado" e tal só aconteceu com 48% dos rapazes. Para eles, em 22% dos casos a parceira foi "uma amiga", para 11% "uma ex-namorada" e para 6% "uma parceira ocasional". Em 2,4% dos rapazes, tratou-se de uma relação sexual com "o namorado".

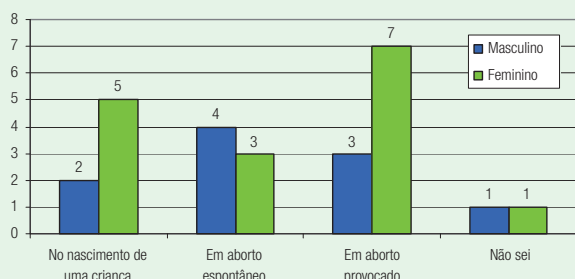
Estes valores não apresentam diferenças de assinalar em função da idade.

Na última relação sexual que tiveram, 78% dos rapazes e 67% das raparigas **utilizaram o preservativo**. Estas percentagens vão diminuindo à medida que aumenta a idade, descendo para 65% nos jovens (de ambos os sexos) com 19 ou mais anos.

Independentemente da utilização do preservativo, 55% das raparigas estava a utilizar **outro método na última relação sexual**, e este número aumenta com a idade dos inquiridos de ambos os sexos.

Clarificando **qual o outro método** que utilizaram na última relação sexual, mais de 60% dos inquiridos não responde, quer

■ **E15.** E a gravidez resultou:



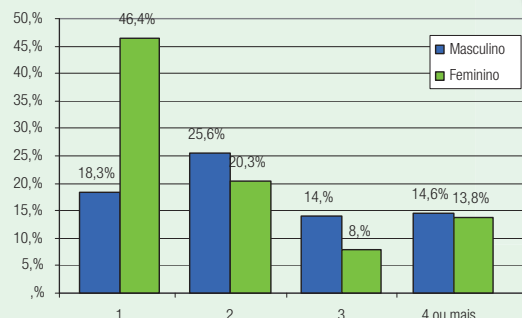
nas raparigas quer nos rapazes, o que nos faz relativizar as frequências nas outras respostas.

Dos que responderam, a maior parte diz ter utilizado o método do calendário (“tabela”), em 18% das raparigas e em 16% dos rapazes. O segundo método mais referido foi o coito interrompido, utilizado por 8% das raparigas e 4% dos rapazes. A pílula contraceptiva apresenta taxas muito baixas de utilização na última relação sexual dos jovens: apenas 2% dos rapazes diz que foi utilizada, e ainda menos raparigas a terá utilizado (0,6%).

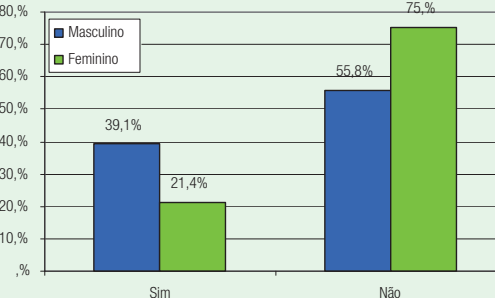
Em relação às diferentes idades, mantêm-se as proporções já referidas de utilização de métodos.

Dos que **não utilizaram qualquer método contraceptivo**, em 29% dos jovens a justifica-

■ **E17.** Quantas vezes já lhe aconteceu isso?



■ **E16.** Já te aconteceu ter tido relações sexuais com outra pessoa que não o teu/tua namorado(a)?

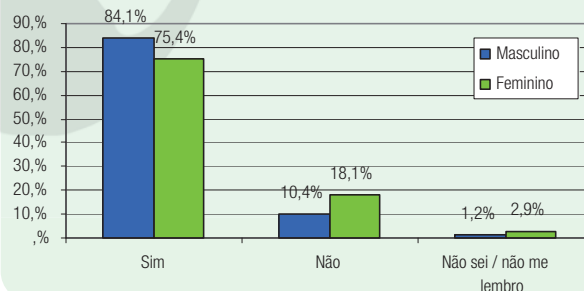


ção é “não pensaram nisso”. De destacar que cerca de 4% das raparigas e também dos rapazes “pensava que não podia engravidar”.

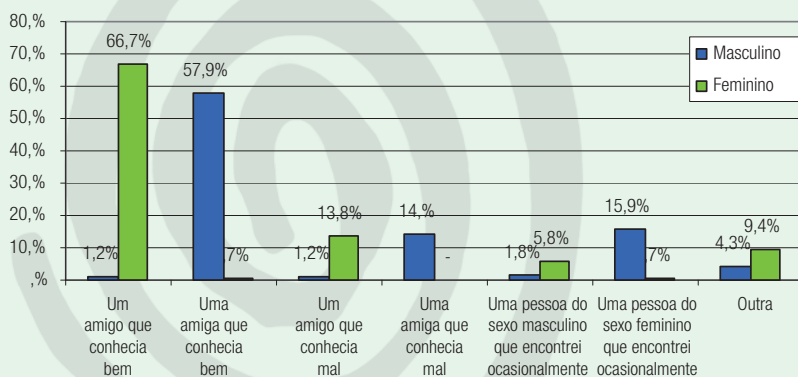
Do total de jovens sexualmente activos na amostra (1065 jovens), 16 raparigas dizem que já **engravidaram** e 11 rapazes dizem que as suas parceiras já engravidaram, num total de 27 jovens. A maior parte dos jovens de ambos os sexos, diz que “não sabe” se alguma vez chegou a acontecer uma gravidez.

Dos 27 jovens que já engravidaram (ou a sua parceira), apresentam-se de seguida os números absolutos sobre **o que aconteceu** posteriormente: a gravidez resultou para 7 raparigas e 3 rapazes em “aborto provocado”, num total de 10 jovens, mas também em “aborto espontâneo”

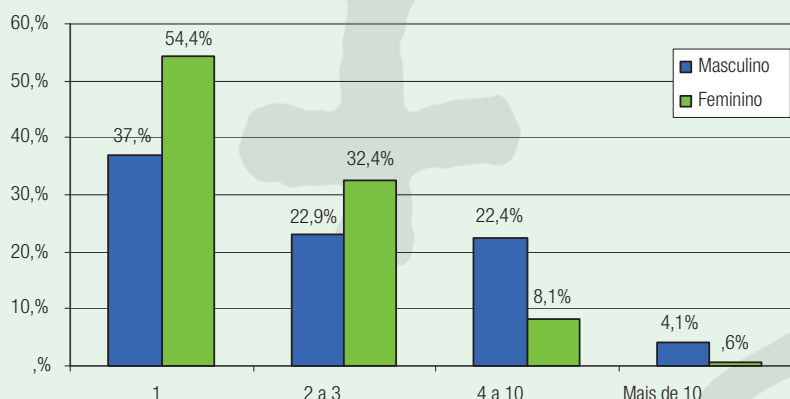
■ **E18.** Na ÚLTIMA vez que isso aconteceu, usaram preservativo?



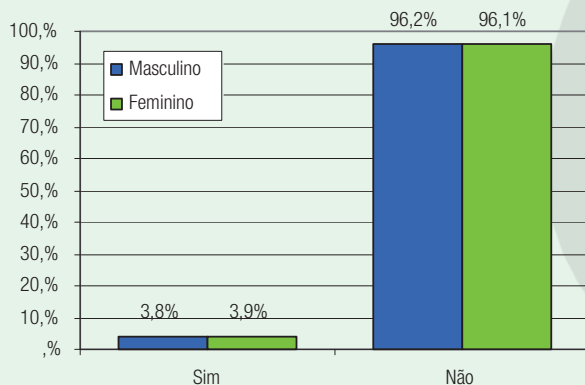
## ■ E19. E quem era essa pessoa?



## ■ E20. Considerando toda a sua vida, com quantas pessoas teve até agora relações sexuais?



## ■ E21. Alguma vez teve relações sexuais com pessoas do mesmo sexo?



para 4 raparigas e 3 rapazes e no “nascimento de uma criança” para 5 raparigas e 2 rapazes. Os restantes 2 jovens respondem “Não sei ” e um não respondeu.

Observando a mesma questão segundo as idades dos jovens, verificamos que os nascimentos de crianças ocorreram em jovens de todas as faixas etárias, desde os menores de 15, até aos maiores de 19.

De todos os jovens da amostra que já tiveram relações (recordamos que se trata de um total de 1065 jovens, isto é, 41% da amostra), 21% das raparigas e 39% dos rapazes já teve relações sexuais com **outro/a parceiro/a**, para além do actual namorado/a. Estes relacionamentos são mais frequentes entre os jovens mais velhos.

Destes jovens que tiveram outros relacionamentos, para a maioria das raparigas só aconteceu uma vez (46%) e o mesmo aconteceu a 16% dos rapazes. Para 15% dos rapazes e 14% das raparigas, tal aconteceu 4 ou mais vezes. Quanto mais novos são os inquiridos, maior é o número de jovens que refere que essa situação só aconteceu uma vez.

Na última vez que isso aconteceu, cerca de 84% dos rapazes e 75%



das raparigas dizem ter utilizado preservativo. Esta utilização do preservativo mantém-se uniforme em todas as faixas de idades, mas é mais baixa nos menores de 15 anos.

Na última relação sexual, os jovens que utilizaram preservativo têm conhecimentos de nível intermédio, quer nas raparigas quer nos rapazes.

A pessoa com quem estes jovens tiveram relações sexuais para além do namorado/a era “um amigo que conhecia bem” em 67% das raparigas e 58% dos rapazes; para 14% dos rapazes e também das raparigas, tratou-se de “um/a amigo/a que conhecia mal”; para 15% dos rapazes e 6% das raparigas, era “uma pessoa que encontrei ocasionalmente”.

Quando se pergunta aos jovens **quantos parceiros sexuais** já tiveram até ao momento, cerca de 54% das raparigas e 37% dos rapazes refere um, ao passo que 32% das raparigas e 23% dos rapazes referem que tiveram 2-3 parceiros/as. Quando se fala de maiores números de parceiros, são sobretudo os rapazes que os assinalam: 22% de rapazes e 8% de raparigas indicam 4 a 10 parceiros/as com quem tiveram até agora relações sexuais, e ainda 4% dos rapazes e 0,6% das raparigas indica mais de 10.

À medida que a idade dos jovens avança, maior é a tendência para apresentarem mais parceiros sexuais.

Relativamente a **relações sexuais homossexuais**, a esmagadora maioria da amostra nunca teve relações sexuais com pessoas do mesmo sexo, mas quase 4% de rapazes e equivalente número de raparigas afirma que sim. Relativamente às diferentes idades, há um ligeiro

aumento no número de respostas dos mais novos que indicam ter ocorrido relações sexuais homossexuais (apenas 2,5% dos jovens de 19 ou mais anos afirma que já teve relações homossexuais, por oposição a 5,3% dos rapazes menores de 15 anos).

### COMENTÁRIO SÍNTESE

Quando analisamos a última relação sexual dos jovens, mais uma vez verificamos que esta ocorreu sobretudo com o/a namorado/a, e que os parceiros ocasionais são mais a exceção do que a regra: são referidos por apenas 7% dos rapazes e por 2% das raparigas. Por outro lado, em 54% das raparigas, até à data só tinha existido um parceiro sexual (no caso dos rapazes, esta percentagem é de 37%).

O padrão de uso da contraceção revela algumas mudanças, com a continuidade das relações sexuais, sendo o uso do preservativo substituído parcialmente por outros métodos, sobretudo a pílula. No entanto, é importante referir que uma pequena parte dos jovens estão envolvidos em relações sexuais sem recorrerem a qualquer protecção.

O estudo encontrou 27 casos de gravidez nos jovens, sendo que em 10 destes casos os jovens optaram por recorrer ao aborto e, em 7 casos, por prosseguir a gravidez (nos outros casos, ocorreu aborto espontâneo ou desconhecemos o que aconteceu).

Novamente, assistimos a uma associação entre melhores níveis de conhecimentos e o uso consistente do preservativo e outros métodos contraceptivos.

## PARTE F – Serviços

Na última parte do questionário, procurou-se averiguar a quem recorrem os jovens quando precisam de **ajuda** para resolução dos problemas relacionados com a sexualidade.

Apesar de 32% das raparigas afirmar que “nunca recorreu a ninguém”, são as raparigas que mais procuram ajuda para estas questões, sobretudo se a interlocutora for também do sexo feminino: 42% recorreu a uma amiga, 25% à mãe, 14% a um profissional de saúde. As que recorreram a um amigo do sexo masculino foram 24% e apenas 3,5% recorreu ao pai.

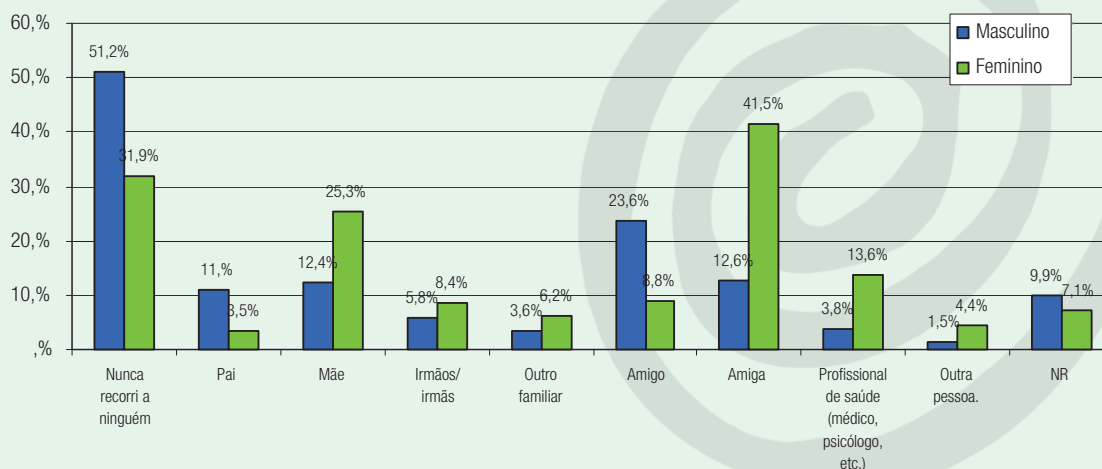
Quanto aos rapazes, mais de metade “não recorre a ninguém” (51%) e, dos que já procuraram ajuda, a maioria recorreu a “um amigo” (24%) e 13% a “uma amiga”. Apenas 12% recorreu à mãe, 11% ao pai e 4% a um profissional de saúde.

Observando a mesma questão focando as idades dos inquiridos, podemos ver que quanto mais novos são os jovens, mais recorrem aos familiares: mãe, pai, irmão/irmã e outro familiar. Quanto mais velhos são, mais recorrem aos profissionais de saúde e a outras pessoas.

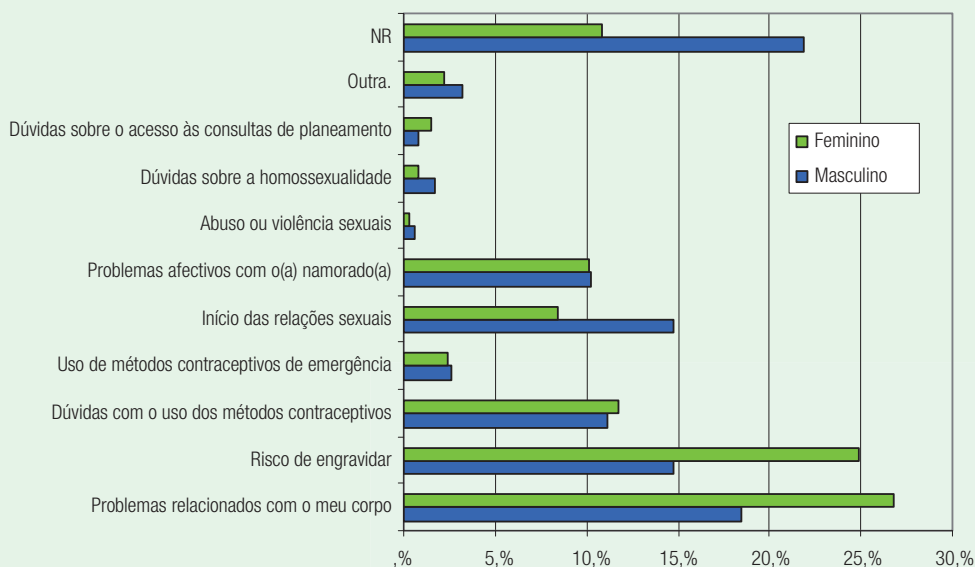
Nos extremos das idades (os mais velhos e os mais novos) é mais raro pedirem ajuda, ao contrário dos jovens de 16 e 17, que são os que mais pedem.

De acordo com os níveis de conhecimentos que os jovens demonstraram na Parte B do questionário, verificamos uma associação de forte intensidade entre as variáveis que indica que a maioria daqueles que nunca recorreram a ninguém tem níveis de conhecimentos mais baixos ( $\chi^2 = 38,248$ ;  $p = < .,001$ ).

■ **F1.** Alguma vez sentiu necessidade de pedir ajuda a alguém para resolver uma situação/problema relacionado com a sua sexualidade. Se sim, a quem recorreu?



■ **F2.** Na ÚLTIMA vez que isso aconteceu, qual foi a situação/problema?



Ao contrário, os jovens que mais recorrem aos profissionais de saúde têm tendencialmente melhores conhecimentos em Educação Sexual, revelando-se mais uma vez uma associação estatisticamente significativa entre as variáveis ( $\chi^2 = 59,434$ ;  $p = < .,001$ ).

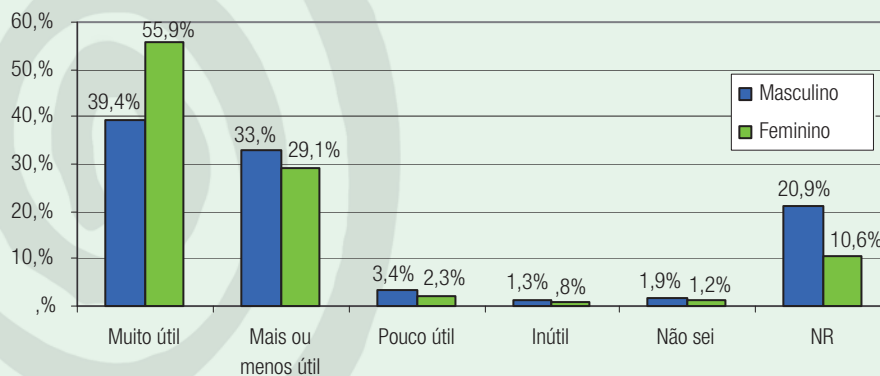
Relativamente aos principais problemas que motivaram o pedido de ajuda, apresentam as seguintes distribuições:

- “os problemas relacionados com o corpo” são a preocupação principal das raparigas (27%) e dos rapazes (19%) e destes, sobretudo para os mais novos (31%);
- o “risco de engravidar” é a segunda preocupação que mais motiva os pedidos de ajuda, quer para as raparigas (25%) quer para os rapazes (15%), embora apresentem intensidades dife-

rentes e seja sobretudo uma preocupação para os mais velhos (para 36% dos jovens com 19 ou mais anos);

- as “dúvidas com o uso dos métodos contraceptivos” e os “problemas afectivos com o/a namorado/a” apresentam frequências ao nível dos 10%, para rapazes e raparigas;
- o “início das relações sexuais” é uma preocupação importante para os rapazes (quase 15%) mas para as raparigas decresce de importância, isto é, para os 8%;
- os outros assuntos apresentam frequências muito baixas: as “dúvidas sobre o acesso a consultas de planeamento familiar”, “sobre homossexualidade”, “abusos ou violência sexuais” e o “uso de métodos contraceptivos de emergência” (todas abaixo dos 2,5%).

■ **F3.** Que utilidade teve essa ajuda na resolução da situação/problema que estava enfrentando?



Os jovens **classificam a ajuda** prestada como útil, embora seja mais significativa para as raparigas (em 56% dos casos consideraram-na “muito útil” e o mesmo acontece com 40% dos rapazes) e essa opinião mantém-se em todas as faixas de idades

Questionaram-se ainda os jovens sobre se já recorreram ou não a uma lista de **serviços** por questões relacionadas com a sua sexualidade e cerca de metade dos rapazes e das raparigas nunca recorreu a eles.

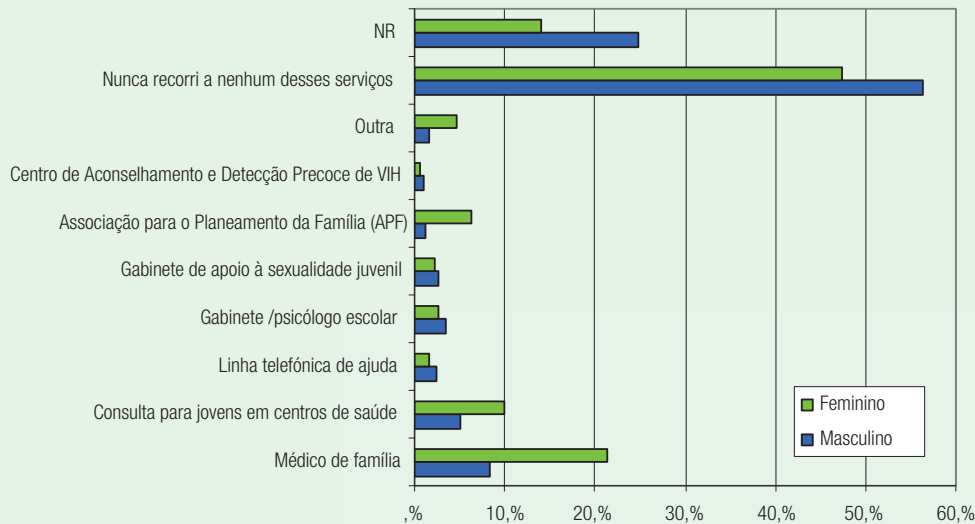
Dos que já procuraram algum dos serviços, a maioria recorreu ao médico de família e, nestes, são mais as raparigas (20%) e os inquiridos mais velhos, de ambos os sexos; em 2.º lugar surgem as consultas para jovens nos centros de saúde, mais uma vez utilizadas sobretudo pelas raparigas (em cerca de 10% dos casos) e pelos/as inquiridos/as mais velhos/as. A Associação para o Planeamento da Família surge como o 3.º recurso mais frequente para os jovens, sendo que no caso das raparigas atinge os 6,2%.

Quando se observam os diferentes serviços aos quais os jovens recorrem cruzados com a qualidade dos conhecimentos que demonstraram, verificamos que existe uma associação estatisticamente significativa, que indica que os jovens que a eles recorrem têm níveis mais elevados de conhecimentos, destacando-se as “linhas telefónicas de ajuda” ( $\chi^2 = 20,678$ ;  $p = <.,001$ ), a Associação para o Planeamento da Família ( $\chi^2 = 14,768$ ;  $p = <.,05$ ) e o Centro de Aconselhamento e Detecção Precoce de VIH ( $\chi^2 = 10,596$ ;  $p = <.,05$ ).

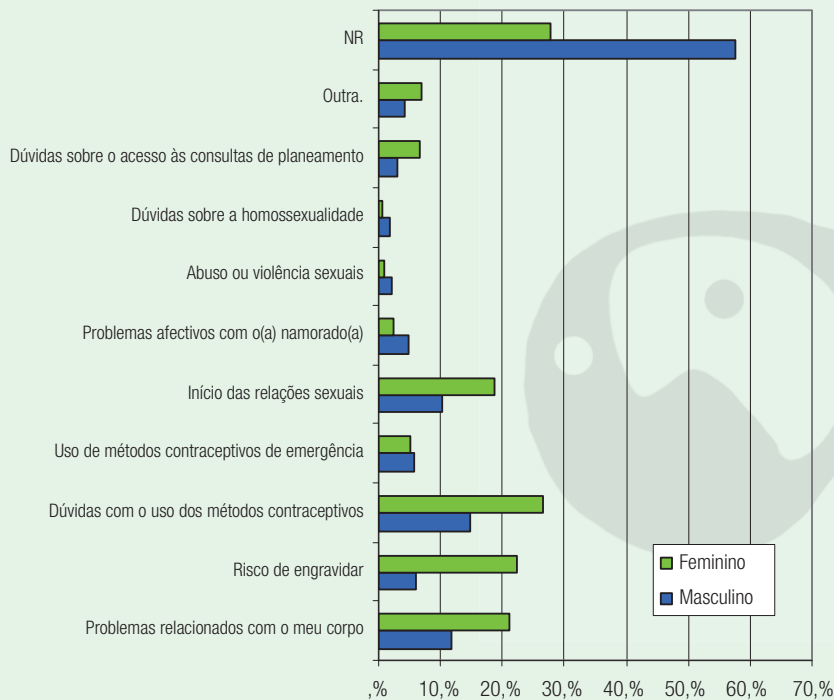
Daqueles que já recorreram a algum destes serviços, os **problemas** motivadores são, mais uma vez “os problemas relacionados com o corpo”, o “risco de engravidar”, o “início das relações sexuais” e, sobretudo, as “dúvidas com o uso dos métodos contraceptivos. Em todos estes casos, são as raparigas que mais recorrem aos serviços.

Dos que **nunca recorreram** aos serviços, a razão invocada prende-se, para ambos os sexos, com o facto de “nunca terem precisado” (77%

**F4.** Já alguma vez recorreu a algum destes serviços por questões relacionadas com a sua sexualidade?



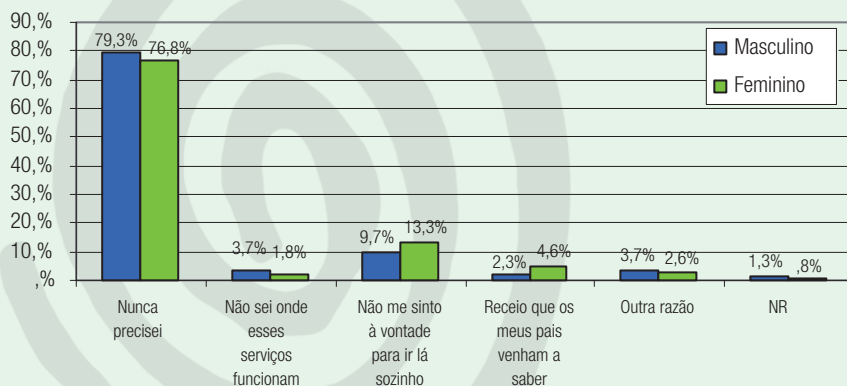
**F5.** Por que razão procurou esses serviços?



das raparigas e 79% dos rapazes). Esta explicação assume maior relevância quando se observam os inquiridos mais novos (nos menores de 15 anos atinge os 82%) e vai decrescendo à medida que aumenta a idade dos inquiridos.

Cerca de 10% da amostra revela que nunca recorreu a esses serviços porque “não se sente à vontade para lá ir sozinho” e, nestes, destacam-se os maiores de 19 anos (quase 30%).

■ **F6.** Por que razão nunca recorreu a esses serviços?



## COMENTÁRIO SÍNTESE

O género é, mais uma vez, uma variável diferenciadora dos resultados em relação à reacção dos jovens face a eventuais problemas pessoais para os quais necessitam de ajuda: a maior parte das raparigas já pediu alguma vez ajuda (profissional, amigo ou familiar), enquanto a maioria dos rapazes não o fez.

Estes pedidos de ajuda têm sobretudo a ver com problemas relacionados com o corpo, risco de engravidar, pedidos de contracepção e questões de relacionamento afectivo.

No que respeita aos serviços profissionais de ajuda, a maior parte dos jovens, sobretudo os rapazes, nunca recorreu. Dos que recorreram, os serviços mais procurados foram as consultas com o médico de família, consultas para jovens em centros de saúde e a Associação para o Planeamento da Família. As raparigas recorreram a estes serviços cerca de 3 vezes mais do que os rapazes.

Dos que nunca recorreram, a maioria afirma que não o fez porque não precisou. No entanto, uma

pequena percentagem de jovens refere que não o fez por não se sentir à vontade para o fazer.

De novo, e de forma coerente com aspectos anteriormente referidos, níveis melhores de conhecimentos estão associados a maiores níveis de recurso aos serviços de saúde e a profissionais de ajuda.

## EM CONCLUSÃO

### As fontes e a qualidade da educação sexual dos jovens

A aprendizagem dos jovens em matérias de sexualidade é feita através de múltiplos agentes e processos. Os amigos e as mães aparecem como os principais agentes de conversação sobre temas sexuais, embora com estas últimas só uma minoria de jovens consiga abordar temas relativos à sua intimidade.

O papel da escola tem já alguma relevância na educação sexual dos jovens. No entanto, a escola está maioritariamente centrada numa abordagem de tipo biológico e preventivo feita no con-

texto das Ciências Naturais. A par desta disciplina, a Formação Cívica e os Colóquios têm alguma relevância na educação sexual no 3º Ciclo, enquanto a disciplina de Filosofia assume algum protagonismo no secundário.

Embora a maioria dos jovens da amostra tenha acertado na maior parte das questões que integravam a escala de conhecimentos usada, os temas mais deficitários são as questões práticas referentes aos métodos contraceptivos e a informação sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis (à excepção da SIDA). Se a maioria dos jovens afirma ter já abordado estas questões na escola, interrogamo-nos se está a ser eficaz o tipo de abordagem utilizada nas actividades de educação sexual.

### Os comportamentos sexuais e preventivos

42% dos jovens inquiridos afirma já ter tido experiência de relações sexuais no contexto de relações amorosas (a maioria) ou de relações ocasionais.

A maioria destes jovens afirmou ter tido comportamentos preventivos em matéria de gravidez não desejada e IST, pelo que parece que a lógica preventiva integra já a vivência sexual dos jovens. Existe no entanto, uma parte significativa, ainda que minoritária, com comportamentos de risco.

É reduzido o recurso a profissionais e serviços de saúde. Em parte será justificado pelo facto (afirmado pelos jovens) de nunca terem sentido essa necessidade. Mas, por outro lado, poderá estar

também relacionado com falta de informação e dificuldades de acesso.

É pois necessário manter a educação para a saúde sexual e reprodutiva dos jovens. Não somente numa perspectiva informativa em sala de aula mas num reforço da cooperação entre a escola e os serviços de saúde e outros serviços de ajuda (linhas telefónicas de ajuda, por exemplo), e também numa estratégia interpares.

### O impacto benéfico da educação sexual

O estudo indica que os jovens que iniciam as relações sexuais mais tardiamente têm melhores conhecimentos nos temas da sexualidade.

Melhores níveis de educação sexual estão também associados a uma vivência mais gratificante das relações sexuais: os jovens (e sobretudo as raparigas) que referem sentimentos mais positivos na primeira relação sexual atingem também melhores resultados na escala de conhecimentos.

Os melhores níveis de educação sexual tendem igualmente a estar associados positivamente a alguns comportamentos preventivos e a uma maior capacidade de pedir ajuda, quando necessário.

Assim, a educação sexual deverá ser não somente alargada mas também melhorada e avaliada para que a escola e os professores estejam mais presentes e sejam mais eficazes no apoio aos jovens nestas matérias.

## Gabinetes de Apoio ao Aluno O que acontece por essas bandas...

**Cristiana Carvalho**

■ Coordenadora do Espaço de Atendimento a Jovens na Escola (Espaço AJE) do Externato Cooperativo da Benedita (Escola de 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário) Licenciada e Mestre em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Aluna da Pós-Graduação em Saúde Sexual da Escola Superior de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa de Lisboa ■

Actualmente, a Educação para a Saúde assume uma importante função no âmbito da promoção da saúde e da prevenção da doença, sendo entendida como um factor essencial para a mudança de comportamentos e de atitudes, necessários ao estabelecimento de estilos de vida mais saudáveis. A Educação para a Saúde procura não só a modificação dos comportamentos e hábitos geradores de doença mas, principalmente, inculcar nas pessoas (em termos individuais e colectivos) uma maior responsabilidade nas opções que dizem respeito à sua saúde e ao bem-estar.

A Educação para a Saúde é entendida como um “processo de experiências e de aprendizagens com a finalidade de influenciar positivamente a saúde” (Alcázar, 2003, p. 269). Além disso, é um dos “sectores privilegiados na promoção da saúde dos jovens e um dos meios necessários à redução das desigualdades neste domínio” (Andrade, 1995, p. 22).

Assim, a Promoção da Saúde é “concretizável através de intervenções complementares e diversificadas, de diferente envergadura e abrangência, que podem ir desde as medidas legais, às medi-

das de prevenção, às modificações nas condições de vida ou à informação e educação para a saúde” (Silva, 2002, p. 211 e 212).

Como contexto privilegiado de Educação para a Saúde, a escola destaca-se por garantir a acessibilidade e continuidade das acções de saúde e permitir a implementação da Educação para a Saúde numa perspectiva de desenvolvimento integral das crianças e jovens, proporcionando a aquisição de conhecimentos, conceitos e valores importantes para a vida.

Com o intuito de garantir o acesso dos jovens à Educação para a Saúde, no sentido de complementar o trabalho desenvolvido pela família, o Ministério da Educação e o Grupo de Trabalho de Educação Sexual realçam a importância da integração da Educação e Promoção da Saúde nas escolas, de forma a aliar a Educação e a Saúde.

Sendo a Educação Sexual parte integrante do processo de Promoção da Saúde e assumindo-se como contributo para a formação pessoal e social dos indivíduos e para a promoção da saúde sexual e reprodutiva (Ministério da Educação,



2000) é considerada uma das temáticas centrais de intervenção.

Neste sentido, os dois relatórios do Grupo de Trabalho de Educação Sexual (Relatório Preliminar e Final do GTES), revelaram os dados resultantes de dois anos de investigação, que permitiram o estabelecimento de directrizes e parâmetros para a Educação Sexual em Meio Escolar. Posteriormente, as propostas deste Grupo foram aprovadas pelo Ministério da Educação e delas resultam algumas medidas que deverão ser implementadas nas Escolas Portuguesas, entre as quais, a eleição de um Professor–Coordenador de Educação para a Saúde e a criação de Gabinetes de Apoio ao Aluno.

Partindo desta análise, decorreu no ano lectivo de 2007/2008, o Estágio de Mestrado em Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, inserido na área da Educação para a Saúde que teve como principal objectivo a criação do Gabinete de Apoio ao Aluno, denominado por **Espaço de Atendimento a Jovens na Escola (Espaço AJE)**. Este Espaço insere-se no Projecto de Educação para a Saúde existente no Externato - Projecto Crescer - que privilegia o desenvolvimento da Educação para a Cidadania, assim como as áreas consideradas relevantes pelo GTES (Saúde Sexual e Reprodutiva; Alimentação e Exercício Físico; Consumo de Substâncias Psicoactivas e Violência em meio escolar/Saúde Mental), sob orientação de duas Professoras–Coordenadoras de Educação para a Saúde.

Este Espaço de Promoção e Educação para a Saúde, destinado aos alunos do Externato

Cooperativo da Benedita, tem como missão:

- Apoiar os jovens na promoção e educação da sua saúde e bem-estar
- Proporcionar informação e formação nas áreas da promoção da saúde e na prevenção dos comportamentos de risco
- Apoiar actividades culturais e de lazer para a promoção dos estilos de vida saudáveis
- Desenvolver projectos educativos na área da saúde sexual e reprodutiva dos jovens em articulação com os projectos da Escola

Aqui, os alunos podem encontrar aconselhamento, apoio, informação, formação e ainda participar em projectos promovidos pelo Gabinete. Ao longo do ano, foi possível promover a dinamização de várias actividades de intervenção educativa, acções de formação e projectos na área da Educação Sexual.

### Por onde andamos... e o que fizemos...

Das várias actividades desenvolvidas pelo Espaço AJE resultaram experiências e projectos que gostaríamos de partilhar.

A comemoração do **Dia Mundial de Luta Contra a Sida**, campanha denominada “Não te deixes APANHAR pela SIDA”, consistiu na desconstrução de alguns mitos relacionados com o VIH/SIDA. A dinamização da actividade contou com a participação activa de algumas turmas, assumindo estes alunos o papel de educadores de pares (jovens educam outros jovens), realizando perguntas em formato de “Mito ou Realidade”. Este sistema permitiu o registo das respostas dos alunos participantes e a devolução da resposta correcta, num marcador de livros, acompanhado



pelo laço vermelho e uma pulseira verde “Só há uma maneira de saber. Faça o Teste VIH/SIDA”, cedidos pelo CAD de Coimbra.

Para comemorar o **Dia do Não Fumador**, foram construídos alguns cartazes informativos e marcadores de livros que sensibilizavam para os efeitos nocivos do tabaco. Esta actividade denominou-se por “Mais Vida sem Tabaco” e decorreu com o apoio do Grupo de Educação pelos Pares “Agarra-te à Vida”.

O **Dia dos Namorados** foi comemorado através de mensagens de sensibilização sobre a importância das emoções, sentimentos e afectos como forma de promover o bem-estar e de relacionamento interpessoal, colocadas em caixinhas

de papel com rebuçados. Esta actividade denominou-se “Emoções Alternativas...Descobre os sabores”.

Sendo este Gabinete um espaço de informação e de formação, foram realizados diversos Workshops para alunos, a destacar o “Como (sobre)viver em equipa” realizado no âmbito do projecto “Viver a Escola”, o “Salta Barreiras” realizado no **Dia Internacional da Tolerância** e o “Espanta Fumos” realizado para comemorar o **Dia do Não Fumador**. Estes workshops tiveram por base a promoção de competências pessoais e sociais, com o intuito de dar “*empowerment*” para lidar com situações de pressão de pares, para a tomada de decisão e resolução de

problemas, para a gestão do próprio auto-controlo, aumentando, assim, a compreensão e gestão dos recursos pessoais, no sentido de poder aumentar o bem-estar.

No **Dia Mundial da Saúde**, o Gabinete promoveu a dinamização da Semana da Saúde, que consistiu na realização de sessões sobre Estilos de Vida Saudáveis para as turmas do 7º ano, através do recurso lúdico-pedagógico “Os 7 + 2 da Saúde”, que tem por base os 9 factores protectores da saúde, encontrados no estudo de Alameda County. Este recurso consiste numa metodologia activa centrada no lúdico e foi construído para a comemoração do dia 7 de Abril.

Ao longo do ano foram também realizadas sessões de Educação Sexual, denominadas “Sexualidade & Contraceção” e “Será isto um bicho de 7 cabeças?”. Esta última consistiu na exploração do Jogo Pedagógico “Será isto um bicho de 7 cabeças?” sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis, como o VIH/SIDA, que resultou do Projecto “Sexualidade Saudável. Tu alinhadas?”.

Este **Projecto de Educação Sexual** denominado por “**Sexualidade Saudável. Tu alinhadas?**” foi implementado com uma turma do 9º ano e envolveu a participação dos Pais e Encarregados de Educação. Teve como objectivos principais:

- Desenvolver uma sexualidade segura e saudável
- Prevenir comportamentos de risco no âmbito da sexualidade

O Projecto contou com a realização de 11 sessões com base em metodologias activas e partici-

pativas, tendo em conta as seguintes temáticas:

- Expressões emocionais (amor, amizade, desejo, enamoramento, atracção...)
- Auto-estima (nas relações com o próprio e com os outros)
- Comportamento sexualizado (namoro, curtir, a 1ª vez...)
- Orientação sexual (heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade)
- Gravidez
- Métodos Contraceptivos
- Saúde Sexual (agressões sexuais)
- IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis como por exemplo a SIDA)
- Interrupção voluntária da gravidez (IVG)
- Comunicação e competências pessoais e sociais (resolver conflitos, dizer não, tomar decisões...)

Quanto à avaliação, esta foi realizada numa fase inicial, processual e final, o que permitiu obter dados acerca deste grupo-alvo sobre os seus interesses pelas temáticas previstas para o Programa, sobre os conhecimentos acerca de alguns mitos e realidades, sobre as atitudes e comportamentos dos alunos face à utilização do preservativo e à prevenção do VIH/SIDA. Para a avaliação foram utilizados e adaptados dois questionários – a “Escala Multidimensional de Atitudes em relação à Utilização do Preservativo” (EMARUP) adaptada e validada por Félix Neto em 2004 e o “Questionário de Comportamentos e Atitudes de Prevenção face à SIDA” desenvolvido e adaptado para a população portuguesa por Cruz e colaboradores (Cruz, 1994; Vilaça, 1994, Cruz, Vilaça, Vilaça & Amorim, 1995, cit. por Cruz & Melo, 1996) (Barahona, 2004, p. 125).

O **Grupo de Educação pelos Pares** “Agarrate à Vida” já referido, faz parte do Gabinete de Apoio ao Aluno e é constituído por jovens voluntários do 3º ciclo e do secundário, que são essenciais para a divulgação e dinamização das diversas actividades realizadas. O trabalho de bastidores destes alunos implica a sua participação na elaboração de alguns materiais e preparação de actividades.

Sendo este um Grupo de Educação pelos Pares é fundamental começar por realizar formação com estes alunos. Para cumprir com esta necessidade, o **Atelier “Educa-te a par(es)”** pretendeu abordar a importância da Educação pelos Pares como estratégia na Educação para a Saúde, na qual os pares se educam mutuamente, permitindo desenvolver-se a si mesmo e ao outro, no sentido de aprender para ensinar.

### Como nos avaliamos ...

Todas as actividades foram avaliadas através de fichas de satisfação, com base no primeiro nível do Modelo de Avaliação de Donald Kirkpatrick, tendo uma escala de resposta que vai desde “Muito Insuficiente” a “Muito Bom”. Além disso, foi realizado o tratamento estatístico dos dados, através do programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), que permitiu obter as frequências das respostas.

Desta forma, foi possível depreender as metodologias de intervenção mais adequadas a utilizar em contexto escolar e avaliar o impacto e a qualidade dos recursos pedagógicos construídos como estratégias de intervenção. Assim, confirmou-se a

importância de trazer para o contexto de sala de aula as metodologias activas e dinâmicas, para que os alunos possam interagir uns com os outros, explorar pontos de vista diferentes, treinar competências de comunicação, de tomada de decisão e resolução de problemas, colocar questões num ambiente que se deseja aberto e descontraído, aumentando a sua informação e a possibilidade de colocar em prática as suas competências.

Enquanto Profissional das Ciências da Educação, considero necessária a integração destes profissionais nas escolas, nomeadamente os que se especializaram na área da Educação para a Saúde, que têm actuado em diversos contextos como mediadores, formadores, animadores, educadores em Educação e Promoção da Saúde, inserindo-se em Escolas, Centros de Saúde, Maternidades, Hospitais, Centros de Acolhimento de Crianças em Risco, ATL's, Centros de Dia para Idosos, entre outros, onde contribuem para a Promoção da Saúde, através de métodos e técnicas activas que são facilitadoras do processo de “empowerment” das pessoas e das comunidades, para que estas realizem escolhas e tomem decisões conscientes e responsáveis no que toca à sua saúde.

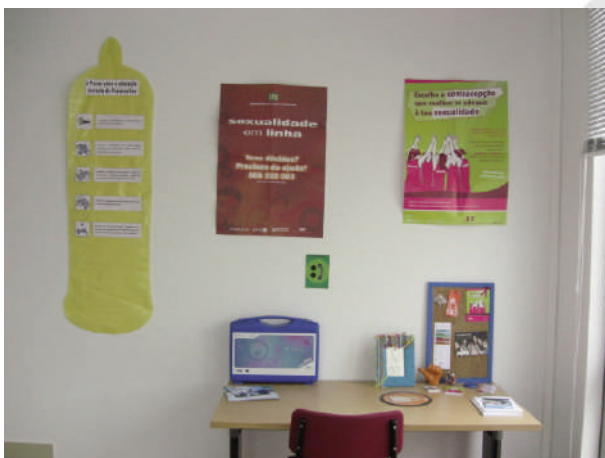
É fundamental o (re)conhecimento de que as Ciências da Educação contribuem para a construção de propostas educativas e/ou formativas, com o auxílio de métodos adequados aos formandos, com vista à obtenção de competências necessárias para a mudança, significando isto, a capacidade de intervir com públicos específicos em contexto de saúde, tendo em conta as suas necessidades e o contexto dos próprios indivíduos. Por esta razão, as Ciências da Educação

habilitam estes profissionais para planificar, gerir, desenvolver e avaliar processos adequados de mediação nas transformações pessoais e sociais importantes para a saúde.

#### O que temos em vista...

Este ano pretendemos dar continuidade às actividades de formação já iniciadas sobre saúde sexual e reprodutiva, saúde e bem-estar e estilos de vida saudáveis. Pelo segundo ano consecutivo, disponibilizaremos atendimento aos alunos e pretendemos criar no Gabinete um centro de recursos com materiais (como panfletos, livros, jogos, *kit* dos métodos contraceptivos...) para os Professores e Alunos do Externato.

Está prevista a realização de Formação para Professores em Educação para a Saúde, especificamente em Educação Sexual e também uma Oficina de Formação em Métodos e Técnicas, com estratégias lúdicas e dinâmicas de grupo. Continuaremos a dar apoio na dinamização de sessões nas aulas de Formação Cívica, com base em recursos pedagógicos que serão construídos.



Como Projecto-piloto no Externato, será realizada Formação Parental, que tem por base a potencialização das competências dos pais. Este Projecto resulta da parceria realizada com um Projecto de Investigação de Doutoramento da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, em Psicologia da Educação na vertente da Formação com Pais, em que serão aplicados dois Programas Parentais.

#### Para finalizar... ...O que já fomos capazes de fazer...

No decorrer do 1º período lectivo (2008/2009), o Espaço AJE promoveu o workshop “Quem sou eu?” para os alunos, comemorou o Dia Mundial de Luta Contra a SIDA, com a mesma actividade realizada no ano anterior. Foram realizadas sessões “Prova dos 9” sobre os comportamentos protectores associados à contracepção, com turmas do 9ºano. Em simultâneo decorreu o Projecto “Professores de palmo e meio” que consistiu na Oficina de Formação sobre “Métodos e Técnicas para as áreas curriculares não-disciplinares: das estratégias lúdicas às dinâmicas de grupo” destinada aos professores do Externato.

Durante o mês de Novembro, a Coordenadora do Espaço de Atendimento a Jovens na Escola esteve presente no II Congresso Nacional de Educação para a Saúde, com duas comunicações científicas resultantes dos Projectos e Intervenções realizadas no âmbito deste Espaço de Educação para a Saúde, em representação do Externato Cooperativo da Benedita. No início de Dezembro, o Espaço AJE foi apresentado aos alunos de Mestrado em Ciências da Educação da

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, como um dos Gabinetes de Apoio ao Aluno existentes em contexto escolar.

Em Janeiro, o Espaço AJE iniciou o Projecto “Bem vos quero” que consistiu na Formação em Educação Sexual (30 horas) para Professores e colaborou com a Escola Superior de Enfermagem de Lisboa, tendo sido leccionada a aula “Educação Sexual: boca para falar e pernas para voar” para os alunos do 2º ano de Enfermagem.

No âmbito do Concurso Nacional “A nossa escola pela não violência” sobre a Prevenção da Violência no Namoro entre Adolescentes, o Espaço AJE comemorou a Semana dos Namorados com a Campanha “Eles & Elas...pela Igualdade”. Para a sua concretização foi fundamental a adaptação das escalas presentes na Tese de Mestrado na Especialidade de Sexologia “A Agressividade nas Relações de Namoro de Adolescentes: Génese, Aceitação e Justificação” da Mestre Susana Lucas. Esta campanha implicou a colaboração de diversas turmas do 8º e 9º ano, o que tornou possível atingir um total de 761 alunos da escola. Estes resultados puderam ser consultados na Exposição “Eles & Elas...pela Igualdade” na Sala de Alunos.

O Dia Internacional da Mulher foi comemorado na Sala de Professores através da Campanha de Sensibilização denominada “Unidos pela Igualdade: Igualdade de Género, um Direito Humano”.

Para o Concurso Nacional “A minha escola e a Prevenção da Infecção do VIH/SIDA”, o Espaço AJE contribuirá com o Projecto “Tá-se bem” destinado aos alunos, professores e pais/encarregados de educação da Escola. Os seus dados serão publicados brevemente.

As acções e iniciativas promovidas por este Gabinete têm voz semanalmente no blog – [www.blogdoespacoaje.blogspot.com](http://www.blogdoespacoaje.blogspot.com) – onde são divulgadas a toda a comunidade.

### Referências Bibliográficas:

- Alcázar, A.I. & colaboradores. (2003). Educación para la Salud. In J. M. Quiles, & colaboradores, *Manual de Psicología de la Salud con niños, adolescentes y familia*. Madrid: Ediciones Pirâmide.
- Andrade, M. (1995). *A Educação para a Saúde: Guia para Professores e Educadores*. Educação Hoje. Lisboa: Texto Editora.
- Barahona, F. (2004). *Conhecimentos, Atitudes e Comportamento de Adolescentes e Jovens Adultos perante a Infecção por VIH: Contributos para a prevenção primária na adolescência*. Tese de Mestrado à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Ministério da Educação (2000). *A Educação Sexual em Meio Escolar. Linhas Orientadoras*. Lisboa: Ministério da educação.
- Silva, L. (2002). *Promoção da Saúde*. Lisboa: Universidade Aberta.

## A Experiência de Fernanda Branco

■ Professora do Ensino Secundário, Directora do Centro de Formação de Professores de Portimão e Monchique ■

Quando, há 20 anos, aceitei o convite de duas colegas da Escola Secundária onde trabalhava, para integrar um projecto de apoio aos alunos sobre as problemáticas da adolescência, não tive bem a noção de como isso iria estimular o meu interesse por uma área de intervenção que viria a revelar-se tão gratificante e necessária, definindo mesmo o rumo do meu próprio projecto de formação ao longo da vida.

O convite era para dinamizar um “Gabinete de Apoio a Jovens” a que se chamou GAJ, onde eu faria atendimento e eventual encaminhamento, aos alunos da Escola que aí procurassem apoio ou esclarecimento sobre qualquer problema, dos muitos que, supostamente, os/as adolescentes teriam! Grande desafio para tão pouca segurança!...

Diziam as minhas colegas que o importante era saber ouvir, ajudar a pensar e orientar situações particulares para instituições de resposta específica.

Eu era relativamente jovem, Professora de Educação Física, criava empatia com facilidade, relacionava-me bem com os alunos e estava sempre atenta aos seus problemas particulares, o que, na opinião das minhas colegas, eram atributos necessários para enfrentar o tal desafio.

A minha resposta não foi imediata. Fiquei de pensar! E pensei. Pensei em quais seriam as problemáticas que mais atingiriam os adolescentes. Ocorreram-me algumas: Problemas com drogas; dificuldades de

relacionamento com os pais; problemas de auto-estima e ... questões relacionadas com a sexualidade.

Procurei recordar-me das minhas próprias dificuldades durante a adolescência, não tão longínqua, ainda. Lembrei-me de grandes dúvidas, da necessidade de ter alguém com quem as partilhar; de grandes dogmas e princípios morais e religiosos que conflituavam com o fulgor dos meus 15 ou 16 anos; lembrei-me da minha enorme ignorância no campo da sexualidade e sobretudo da angústia que por vezes sentia, sem saber bem porquê. Tive uma educação católica (interna num colégio de freiras entre os 11 e os 16 anos) onde todas as questões relacionadas com o corpo, com a sexualidade e com o prazer constituíam tabu e deveriam ser enquadradas pelo axioma Judaico-Cristão “ Prazer » Pecado” em que o corpo era para ser escondido, pois constituía um convite à luxúria e ao pecado.

A Educação formal omitia todo o conhecimento no campo da sexualidade humana, enquanto a Educação não formal, implícita e explicitamente, determinava normas de conduta rígidas e incompreensíveis para qualquer adolescente.

Lembrei-me, por exemplo da euforia colectiva que tivemos, quando, por volta dos 12 ou 13 anos, descobrimos a palavra “ esperma” no dicionário, ou da incompreensão que sentíamos quando, no balneário colectivo, tínhamos que prender o roupão por cima do peito para nos lavarmos, para não provocarmos as colegas!

Como se fazem os bebés? Como nascem os bebés? Como será quando vier a menstruação? Será que algum rapaz algum dia, vai gostar de mim? Foram dúvidas persistentes durante muitos anos e angústias partilhadas apenas com algumas amigas, tão ignorantes quanto eu.

Voltando à minha decisão, esta reflexão fez-me pensar que, embora os tempos fossem agora diferentes, era importante criar o tal espaço para ouvir os/as jovens sobre as suas questões, pois apesar de muita coisa ter mudado, havia ainda muito por fazer para despir de preconceitos as questões da sexualidade e para permitir que se pudesse falar disso.

Ao decidir aceitar o desafio, decidi, em simultâneo, que teria que fazer formação. E foi um cartaz, colocado no placard da sala de professores, anunciando as IV<sup>as</sup> Jornadas Nacionais da APF, no Fórum Picoas, que me levou ao primeiro contacto com as questões da Educação Sexual e que me levaria a um longo percurso de formação contínua, de participação em projectos com jovens, com pais e com outros profissionais de Educação, sempre apoiada pela APF e que progressivamente foram desencadeando em mim o sentido de pertença à defesa de uma causa. A da implementação da Educação Sexual no Sistema Educativo.

Neste percurso de 20 anos de formação, de reflexão e de partilha à volta da Educação Sexual, muitos têm sido os momentos de satisfação e de gratificação, individual e partilhada por aqueles que acreditam nesta causa.

Da experiência e do trabalho desenvolvido posso concluir que: se hoje as dúvidas das crianças e

dos jovens no campo da sexualidade não são as mesmas do tempo da minha adolescência, elas são muitas e, porventura, tão ou mais importantes que as minhas, já que os estímulos são, também, mais fortes e persistentes; que, se as mentalidades e a legislação mudaram e, pelo menos aparentemente, criaram espaço e deram permissão para que a Educação para a Sexualidade possa fazer parte do Sistema Educativo Português, contudo, de facto, continua a haver algum caminho por percorrer e alguns espaços por preencher para que, na realidade, possamos dizer que este objectivo foi atingido e que a maioria dos jovens pode encontrar na Escola, complementarmente à família, as respostas de que necessita, para o desenvolvimento das competências que lhes permitam viver a sua sexualidade de forma esclarecida, saudável e gratificante.

Falta só um bocadinho! O da vontade e da confiança de cada educador para dar o seu contributo. Para isso deixo o meu desafio aos professores e aos pais, para que acreditem que são capazes de levar a cabo esta componente da educação global das crianças e dos jovens, a par de todas as outras. Afinal, nem eu própria acreditava que seria capaz, mas alguém (as tais colegas), fizeram-me ver que aqueles atributos de saber ouvir, criar empatia, dar permissão, ajudar a pensar são, de facto, fundamentais, acrescidos dos necessários conhecimentos que todos nós, à nossa medida, teremos certamente capacidade para procurar adquirir, assim o queiramos.

Só com pessoas e com convicções se fazem os projectos. De nada servem as leis se não forem implementadas, e como diz o poeta " O caminho faz-se, caminhando".



# Anatomia e Fisiologia

**Título da actividade:** "Órgãos sexuais externos"

**Destinatários por ano(s) de escolaridade:**

Alunos do 2º Ciclo do Ensino Básico.

**Objectivos específicos:**

Ajudar cada aluno a:

- localizar os órgãos externos masculinos e femininos;
- adquirir vocabulário científico.

**Duração:** 1 aula de 45 minutos.

**Desenvolvimento da acção:**

- Explicar aos alunos que existem diferenças anatómicas e fisiológicas relacionadas com os órgãos sexuais externos, masculinos e femininos, e com as funções de cada um.
- Referir que é sempre importante reforçar e ampliar os conhecimentos, pelo que, de acordo com o seu saber sobre os órgãos sexuais externos, deverão preencher, individualmente, a ficha "Órgãos sexuais externos".
- Referir, que após o preenchimento, individualmente, poderão partilhar as suas respostas com o colega do lado, podendo alterar ou completar a sua ficha.
- Solicitar 4 alunos voluntários, para levarem as fichas para casa e fazerem a correcção através da consulta ao Portal da APF – [www.apf.pt](http://www.apf.pt)
- Questionar sobre a dificuldade/facilidade no preenchimento da ficha.
- Finalizar com a reflexão, em grupo alargado, sobre a importância desta actividade para a identificação de diferenças e semelhanças entre os órgãos masculino e feminino.

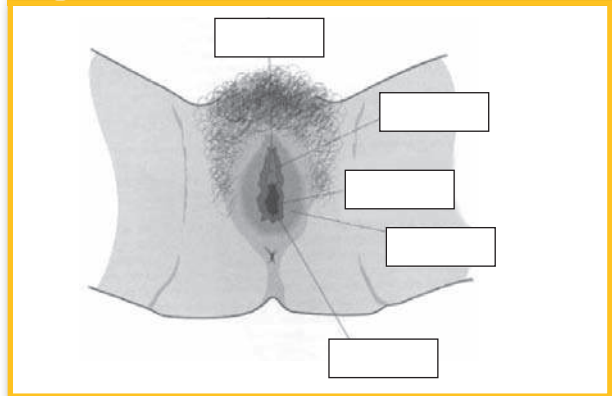
**Recursos e materiais de apoio:**

- Ficha -"Órgãos sexuais externos"

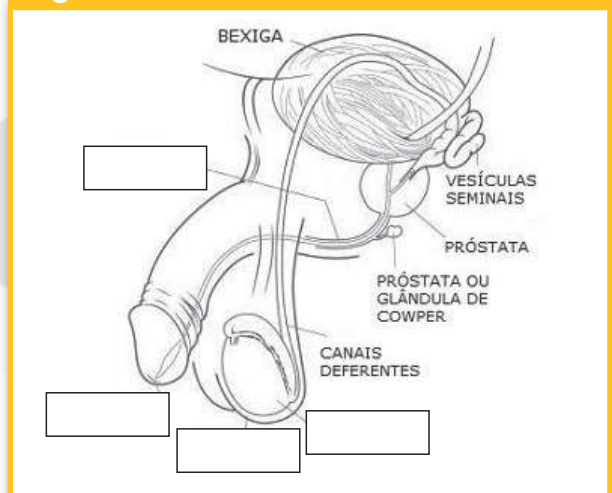
**Materiais anexos:**

- Ficha -"Órgãos sexuais externos"
- Ficha -"Órgãos sexuais externos"
- Preenche os rectângulos em branco, com os termos científicos.

## Órgão sexual externo feminino:



## Órgão sexual externo masculino:



# Concepção, Gravidez e Parto

**Título da actividade:** “Eu cresço” – Jogo de cartas

**Destinatários por ano(s) de escolaridade:**  
Alunos do 2º Ciclo do Ensino Básico

**Objectivos específicos:**

Ajudar cada aluno a:

- aprofundar conhecimentos sobre os temas do jogo (transformações na puberdade, reprodução, aparelhos reprodutores feminino e masculino, gravidez, desenvolvimento intra-uterino, parto e contracepção);
- identificar a pergunta ou a resposta respectiva face a uma questão sobre a saúde sexual e reprodutiva.

**Duração:** 1 aula de 45 minutos.

**Desenvolvimento da acção:**

- Referir aos alunos que a actividade consiste num jogo de cartas denominado “Eu Cresço”-material produzido pela Associação para o Planeamento da Família e disponível para aquisição.
- Acrescentar que os temas abordados neste jogo são: transformações na puberdade, reprodução, aparelhos reprodutores feminino e masculino, gravidez, desenvolvimento intra-uterino, parto e contracepção.
- Explicar que o jogo é composto por 108 cartas: 54 são cartas “Pergunta” e 54 são cartas “Resposta”. Caso a turma exceda 16 alunos,

deverão existir dois baralhos para os dois grupos jogarem em simultâneo (sugestão).

- Informar que o folheto que acompanha este material, lúdico e de simples utilização, contém as regras do jogo.
- Finalizar o jogo prestando esclarecimentos aos alunos, em torno das questões que suscitaram mais dúvidas.

**Recursos e materiais de apoio:**

- Jogo “Eu cresço” – Jogo de cartas

## Jogo “Esta cena dava um filme!”

“Esta cena dava um filme!” é um material pedagógico de prevenção da gravidez indesejada e da maternidade precoce na adolescência. Foi desenvolvido no âmbito do Projecto Humanus CAM, financiado pela iniciativa comunitária EQUAL, no decurso do trabalho da Parceria de Desenvolvimento constituída pela Associação Humanidades (AH), Associação para o Planeamento da Família (APF), Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG), Hospital Júlio de Matos, Santa Casa da Misericórdia de Albufeira e PERFIL – Psicologia e Trabalho, Lda. Numa segunda fase juntou-se à parceria o Ministério da Educação com o objectivo de disseminar o jogo junto das escolas.

O produto, com o formato de um jogo, visa o *empowerment* de técnicos e professores para intervenção em contextos de prevenção da gravidez precoce na adolescência e comportamentos de risco associados à sexualidade e permite uma abordagem flexível destes assuntos, baseada na reflexão e no debate.



Textos e Contextos para uma Reflexão de Género

Co-Financiado:



Parceria de Desenvolvimento:



O jogo consiste na criação de uma história para um filme, através de cenas com chaves dicotómicas em que o grupo deverá tomar uma decisão para prosseguir com a história. O jogo “Esta cena dava um filme!” não tem uma solução única nem um vencedor: a história é construída de acordo com as escolhas que o grupo vai fazendo, decisões que são debatidas no final.

Este último momento é muito importante, pois é aqui que as escolhas são reflectidas e questionadas por todo o grupo.

Para mais informações acerca do jogo, contacte a APF Lisboa Tejo e Sado:

[apflisboa@apflisboa.net](mailto:apflisboa@apflisboa.net)

## Educação Sexual em Rede



## Portal de Saúde Sexual e Reprodutiva



O Portal de Saúde Sexual e Reprodutiva ([www.apf.pt](http://www.apf.pt)) é um portal de conteúdos temáticos na área, que congrega informação estruturada em Saúde Sexual e Reprodutiva, Educação Sexual, Sexualidade e Direitos.

Pretende constituir-se como pólo dinamizador em ambiente virtual, bem como criar e gerir conhecimento e promover a discussão e o debate em torno destas matérias.

Na área da Educação Sexual tem como objectivos específicos a definição e implementação de estratégias de aplicação efectiva da temática, em contexto formal e informal e, simultaneamente, a concretização de ferramentas de apoio ao trabalho desenvolvido nos diferentes cenários da

Educação Sexual, quer ao nível dos conteúdos quer ao nível das metodologias.

O público-alvo desta área pretende incluir os profissionais de educação formal (contexto escolar), os técnicos/as de intervenção na(s) comunidade(s) (contexto informal), os pais, mães, educadores/as e, ainda, estudantes e investigadores/as nas áreas da educação, saúde e ciências sociais.

Apresenta diversos conteúdos, em constante actualização, baseados em diferentes estratégias como a implementação de formas de promoção de debate e discussão, o fornecimento de instrumentos de advocacy relativamente ao desenvolvimento de projectos e acções, o desenvolvimento

|                                                 |                                  |
|-------------------------------------------------|----------------------------------|
| ■ Nome                                          | ■ NIF                            |
| ■ Morada                                        |                                  |
| ■ Cód. Postal                                   | ■ Localidade                     |
| ■ E-mail                                        | ■ Telefone                       |
| ■ Assinatura Individual                         | 10.00 € <input type="checkbox"/> |
| ■ Assinatura para Sócios APF / Membros da REDES | 8.00 € <input type="checkbox"/>  |
| ■ Assinatura para Escolas e Instituições        | 15.00 € <input type="checkbox"/> |

O pagamento da assinatura pode ser efectuado mediante envio, para a APF, de Cheque ou Vale de Correio em nome da Associação para o Planeamento da Família, ou por transferência bancária para o NIB 003300005008010109505.

de conteúdos de aplicação prática, o estabelecimento de formas de contacto directo ou a utilização de materiais audiovisuais, visuais e gráficos, entre outras.

O Portal apresenta também um conjunto de recursos relacionados com a área da Educação Sexual, tanto nas restantes áreas que o compõem, quanto no próprio *site* institucional da APF agregado.

O utilizador tem ainda à sua disposição uma rubrica de Notícias, uma Agenda de Eventos (da APF e de outros organismos), nos quais se inclui Formação, uma área de Destaques, a possibilidade de colaborar nas Sondagens e de dar a sua opinião. Proximamente, será também possível receber, após o estabelecimento de um perfil de interesses, os conteúdos novos, comodamente na sua caixa de correio electrónico.

## Jogo de Cartas “Eu Cresço”

Produzido pela APF e da autoria de Etelvina Inácio Soares, Maria Isabel Costa Esteves e Marília Pereira Paulo, o **Jogo de Cartas “Eu Cresço”** destina-se a adolescentes, rapazes e raparigas entre os 12 e os 14 anos. Trata-se de um material lúdico, de simples utilização e cujo objectivo é o de proporcionar o acesso a informa-

ção objectiva sobre saúde sexual e reprodutiva, podendo ser jogado em casa, na escola, nas actividades de tempos livres, com os pais, professores, monitores, etc., combinando aprendizagem com divertimento.

Composto por 108 cartas, em que 54 são cartas **“Pergunta”** e 54 são cartas **“Resposta”**, os temas abordados são as transformações que ocorrem durante a puberdade, a reprodução, os aparelhos reprodutores feminino e masculino, a gravidez, o desenvolvimento intra-uterino, o parto e a contracepção.

O objectivo, para cada jogador, é o de conseguir encontrar o maior número de pares PERGUNTA/RESPOSTA e para que não haja erro na escolha dos pares, a parte inicial do texto de cada resposta é o texto da pergunta que lhe corresponde (o **Jogo “Eu Cresço”** vem acompanhado de um pequeno folheto onde são explicadas as regras essenciais).



## Puzzle "Quem sou eu?" Os afectos e a sexualidade

Destinado a crianças em idade pré-escolar, **"Quem sou eu?" - Os afectos e a sexualidade** é um jogo composto por 9 cubos que permitem a construção de vários puzzles/desenhos, um instrumento lúdico e pedagógico ideal para que as crianças se comecem a familiarizar com diversos conceitos relacionados com a sexualidade.

Construir o puzzle é simultaneamente uma forma muito divertida, natural e pedagógica de abordar questões que, apesar de fazerem parte da vida de todas as pessoas, levantam frequentes dúvidas.

Cada desenho do puzzle permite a abordagem de temas diversificados:

- As diferenças individuais
- As diferentes fases da vida – infância, adolescência, idade adulta e terceira idade
- Características físicas femininas, crescimento e desenvolvimento físico das raparigas
- Características físicas masculinas, crescimento e desenvolvimento físico dos rapazes
- Diferenças entre rapazes e raparigas
- Puberdade
- Afectos



- Famílias
- Relações entre pessoas
- As diferenças individuais
- Corpo da Mulher
- Gravidez
- Nascimento

O puzzle vem acompanhado de um folheto explicativo, contendo instruções e sugestões de utilização.



## Desdobráveis

### ■ IST- Infecções Sexualmente Transmissíveis e Dupla Protecção

Foram recentemente reeditados pela APF, com o apoio do Programa ADIS/SIDA, dois desdobráveis informativos sobre **Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)** e **Dupla Protecção**.

O primeiro disponibiliza informação sobre o que são as IST e principais vias de transmissão, bem como diagnóstico, prevenção e tratamento, fornecendo também um conjunto de contactos úteis a que se pode recorrer, como linhas telefónicas de ajuda e consultas específicas em Centros de Saúde e/ou Hospitais.

Procurando fornecer informação sucinta sobre a utilização de métodos que previnam a gravidez e simultaneamente as infecções sexualmente transmissíveis, o desdobrável **Dupla Protecção** apela à dupla protecção, ou seja, à utilização de um método contraceptivo para evitar uma gravidez, associado ao uso do preservativo (masculino ou feminino) para a prevenção das infecções sexualmente transmissíveis ou à utilização do preservativo (masculino ou feminino) com o duplo objectivo de se evitar uma gravidez e as infecções sexualmente transmissíveis.

### ■ Desdobrável sobre Interrupção Voluntária da Gravidez (IVG)

Trata-se de um novo desdobrável produzido pela APF com o apoio da Direcção Geral da Saúde que reúne um conjunto de informações práticas e muito úteis sobre a IVG tais como o enquadramento legal, onde se dirigir e a quem recorrer e procedimentos seguintes – a consulta prévia, o período de reflexão, os métodos utilizados para a IVG (medicamentoso e cirúrgico) e o posterior acompanhamento da mulher. As questões relativas à confidencialidade e sigilo profissional bem como a situação das mulheres imigrantes e das mulheres estrangeiras no que diz respeito ao acesso à IVG são igualmente referenciadas.

Todos estes desdobráveis são de distribuição gratuita e também se encontram disponíveis em [www.apf.pt](http://www.apf.pt)



## Brochura

### ■ Pontos nos Is – A educação sexual lá em casa

Financiada pelo Programa ADIS/SIDA, trata-se de uma brochura recentemente publicada pela APF, destinada a pais, mães, e a todas as pessoas que desempenhem um papel essencial na educação das crianças e jovens. Um pequeno guia que, para além do que se espera de pais e mães em termos não só do acompanhamento como dos procedimentos a cultivar, como o respeito, a valorização e a responsabilização, remete para as questões que mais cedo ou mais tarde vão surgir - de onde vêm os bebés, televisão/internet e sexo, adolescência e mudanças físicas, orientação sexual, amores, paixões e desgostos, a primeira relação sexual, e tantas outras, finalizando com uma importante listagem de contactos.

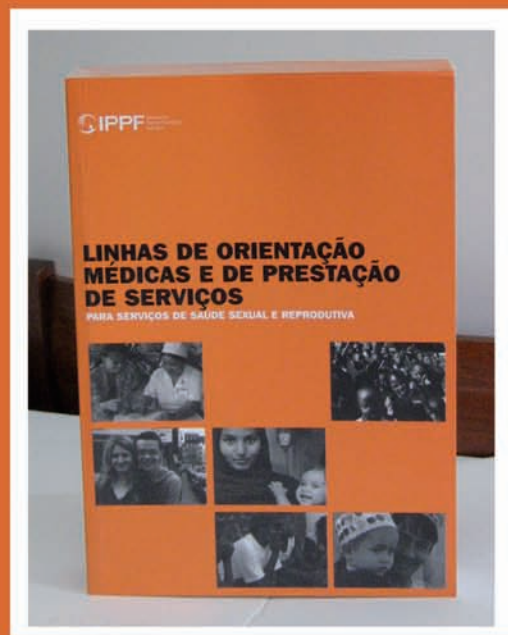
**APF**

ASSOCIAÇÃO PARA O PLANEAMENTO DA FAMÍLIA

# PACK SAÚDE



**KIT MÉTODOS CONTRACEPTIVOS**



**LINHAS DE ORIENTAÇÃO MÉDICAS**

**Agora  
75€**

encomendas em [www.apf.pt](http://www.apf.pt)

**APF**

ASSOCIAÇÃO PARA O PLANEAMENTO DA FAMÍLIA